Era uma vez uma antiga igreja em Portugal que teve de ser destruída para a construção do aeroporto de Lisboa.

Ali havia um antigo painel de azulejos, do século XVIII, representando a vida de Nossa Senhora.

Gilberto Freyre interessou-se em adquirir o painel. Mas um problema colocava-se: era uma antiguidade de tamanho valor artístico que não poderia deixar o território do país e vir para o Brasil.

Então, Freyre pediu autorização ao Governo Português; esta foi concedida e a justificativa foi surpreendente: "Onde estivesse Gilberto Freyre estaria Portugal".

A partir dessa anedota Victor Villon investiga e demonstra o papel central que Portugal ocupa na obra do maior intérprete do Brasil.

Papel fundamental que poucas vezes foi tão nitidamente percebido nas sucessivas leituras e releituras de Gilberto Freyre.

USINA DE LETRAS

ISBN 978-85-62851-72-8
9 788562 851728

Victor Villon

O Mundo Português que Gilberto Freyre criou
Seguido de Diálogos com Edson Nery da Fonseca

Victor Villon

O Mundo Português que Gilberto Freyre criou

Seguido de Diálogos com Edson Nery da Fonseca

VERMELHO MARINHO

Victor Villon, jovem e talentoso historiador, conta com a mente afiada do grande Edson Nery da Fonseca, amigo íntimo e seguidor de Gilberto Freyre, para desvendar mistérios em sua estreia literária.

O livro é mais do que um primoroso trabalho de pesquisa, os diálogos com Edson, que compõe a segunda parte do livro, são deliciosos, bem-humorados, e nos presenteiam com fatos curiosos e inéditos sobre a vida e obra de Freyre.

Uma leitura obrigatória para os amantes de Gilberto Freyre, e nossa descendência portuguesa.

berinjela
Av. Rio Branco, 185 - Lj 10 - Centro - R
Tel: (21) 2532-364

O Mundo Português que Gilberto Freyre Criou

Seguido de diálogos com Edson Nery da Fonseca

Victor Villon

O Mundo Português que Gilberto Freyre Criou

Seguido de diálogos com Edson Nery da Fonseca

Rio de Janeiro

USINA DE LETRAS

VERMELHO MARINHO

2010

Copyright© 2010 por **Victor Villon**

Título Original:
O Mundo Português que Gilberto Freyre Criou
Seguido de diálogos com Edson Nery da Fonseca

Editor-chefe:
Tomaz Adour

Revisão:
Barbara Benedettini, Sonia Camara

Editoração Eletrônica:
Bernardo Franco

Capa:
Fernanda Novaes
Detalhe de painel de azulejos portugueses do século XVIII, jardins da Fundação Gilberto Freyre, Recife.

Conselho editorial:
Tomaz Adour
Barbara Cassará
Waldomiro Guimarães Jr.

Ficha Catalográfica

Villon, Victor

O mundo português que Gilberto Freyre criou: seguido de diálogos com Edson Nery da Fonseca / Victor Villon. - Rio de Janeiro: Usina de Letras, 2010.

220 p.; 14 x 21 cm

Bibliografia: p. 217-220

1. Freyre, Gilberto, 1900-1987. 2. Brasil - Civilização - Influências portuguesas. 3. Características nacionais portuguesas. I. Fonseca, Edson Nery, 1921- II. Título.

CDD: 981

Usina de Letras
Rua Conde de Irajá, 90 - Botafogo – (021) 2539-7909
Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22271-020
SCS Quadra 01 Bloco E - Ed. Ceará sala 809
Brasília – DF – CEP: 70303-900
www.editorausinadeletras.com.br

À memória de meus avós:

Ivan Villon (29. IV. 1912 -12. III. 1981)

Manoel Bernardino Ribeiro (19. V.1904 - 16. V.1957)

"E aqueles, que por obras valorosas
Se vão da lei da morte libertando;"
Camões, Os Lusíadas, canto I, 2.

SUMÁRIO

I. Introdução 9

II. O Painel de Azulejos 15

III. Os Egrégios Avós 51

IV. À Guisa de Epílogo 111

V. Diálogos com Edson Nery da Fonseca 117

VI. Bibliografia 217

Portugal, meu avozinho

Como foi que temperaste,
Portugal, meu avozinho,
Esse gosto misturado
De saudade e de carinho?

Esse gosto misturado
De pele branca e trigueira,
– Gosto de África e de Europa,
Que é o da gente brasileira?

Gosto de samba e de fado,
Portugal, meu avozinho,
Ai Portugal que ensinaste
Ao Brasil teu carinho.

Tu de um lado, e do outro lado
Nós... No meio o mar profundo...
Mas, por mais fundo que seja,
Somos os dois um só mundo.

Grande mundo de ternura,
Feito de três continentes...
Ai mundo de Portugal,
Gente mãe de tanta gente!

Ai Portugal de Camões,
Do bom trigo e do bom vinho,
Que nos deste, ai avozinho,
Esse gosto misturado,
Que é saudade e que é carinho!

Manuel Bandeira

Introdução

As linhas que se seguem pretendem fazer uma determinada leitura de certos aspectos do pensamento de Gilberto Freyre. Diríamos, de forma bem mais objetiva: desejamos realizar algumas elucubrações sobre a visão freyriana do "mundo português" e, logo, segundo as nossas convicções, de Portugal. Ver-se-á que nossas hipóteses interpretativas conduzem-nos a um Portugal que extrapola as fronteiras geográficas. Tentaremos mostrar que, para o autor de *Casa-Grande & Senzala*, o Brasil assim como os territórios lusófonos continuam essencialmente ligados a Portugal.

Se Gilberto Freyre é considerado como um dos grandes intérpretes que pensou o Brasil e desenvolveu muito dos temas e sugestões que até hoje povoam os nossos imaginários – porque os imaginários são muitos e, por sua vez, fundem-se e interagem entre si – afirmaríamos, talvez, que o Brasil freyriano é um "imenso Portugal". Um

Portugal reinventado e colorido com cores diversas, mas, enfim, continuando a ser, nos seus estímulos vitais de cultura, português em essência e por excelência.

Ressaltamos que nossa análise insere-se no campo das reflexões da teoria da história. Além disso, é sempre bom lembrar que não temos nenhuma pretensão de sermos cheios de uma rígida certeza – se é que temos alguma – melhor diríamos que apresentamos ideias. Mas esperamos que essas mesmas ideias sejam sobretudo criativas. A melhor forma encontrada para o que propomos, seguramente, é o conhecido e célebre gênero "ensaio", por tal, nossa escrita é abertamente ensaística.

No primeiro capítulo, intitulado *O Painel de Azulejos*, esboçamos os traços principais de nossa hipótese, iniciando com o que denominamos "metáfora primordial". Essa metáfora perpassará todo o trabalho, às vezes fazendo-se explícita, já outras simplesmente a insinuar-se. A razão da metáfora é tornar mais palpáveis e vivas as ideias que expomos, pelo menos assim ardentemente almejamos.

Já no segundo capítulo, que se chama *Os Egrégios Avós*, debruçamos com especial atenção sobre um livro de Gilberto Freyre: *Um Brasileiro em Terras Portuguesas*. Sobre essa obra de Freyre pretendemos fazer uma explicação de texto – mas sempre sem esquecer o estilo ensaístico – tendo como intuito principal apreender e demonstrar as nossas hipóteses dentro do texto e dos argumentos utilizados por Freyre.

Após o ensaio, haverá uma grande entrevista/depoimento, que por nós foi intitulada de: *Diálogos com Edson Nery da Fonseca*. Explicaremos com mais vagar, antes da entrevista/ depoimento, em algumas notas à guisa de introdução, o caráter dessa. Mas é necessário que desde já adiantemos algumas das razões que nos levaram a acrescentar ao presente livro extensa parte, porém de grande importância, como o leitor haverá de constatar. Na convicção de que as ideias de um determinado pensador são fruto de engenho individual, ou seja, das criações exclusivamente autorais, mas também do diálogo que travou com a tradição, com seus pares intelectuais e, além disso, da influência do mundo e do tempo que o cer-

cou; achamos necessário uma determinada sorte de contextualização. Não nos fechemos em uma leitura exclusivamente dos elementos textuais, tampouco nos fatores históricos e sociais de influência. Destarte, nos decidimos por solução que não fosse obtusa e harmonizasse equitativamente os dois pesos na maneira de analisar uma obra. A solução encontrada foi completar o ensaio com entrevista/depoimento.

Ao transcrevermos as respostas e reflexões de Edson Nery da Fonseca, amigo e grande estudioso de Gilberto Freyre, esperamos mostrar o diálogo que o autor de *Casa-Grande & Senzala* estabeleceu com outros intelectuais de sua época, as impressões que teve sobre os mais diversos personagens e episódios e, mais além, conhecer o autor enquanto um pensador com os seus diferentes espaços de vivência e criação, nessa misteriosa seara onde texto e contexto se fundem no mais humano de nossa condição.

Ainda é necessário fazer algumas ressalvas de caráter introdutório: os historiadores, da escola classificada como Metódica ou Positivista, acreditavam que seria possível separar a experiência subjetiva do autor da análise

que por ele mesmo era produzida, tocar-se-ia assim a "Verdade". Sabemos que essa tentativa é ilusória. Como se referiu François Hartog, a respeito do historiador francês, do século XIX, Numa Denis Fustel de Coulanges: o historiador acabaria resvalando em um impasse, pois ao mesmo tempo em que não pode mostrar-se, indicando simplesmente o que está escrito nos velhos documentos dos tempos passados, o historiador também tem que produzir o texto de história. O impasse está dado: entre mostrar o que foi escrito e escrever enquanto autor.

Mesmo que seja inerente a qualquer análise histórica, ainda que seja nas recônditas profundezas, o impasse mencionado acima, a nós o alívio é um tanto maior, pois preferimos assinalar o local de onde olhamos. Omar Ribeiro Thomaz constatou que "desde o momento em que foi formulada a proposta lusotropical de Gilberto Freyre encontrou entusiastas e grandes opositores"; seguramente, não compomos o segundo grupo, inserindo-nos, logo, no primeiro. Mas ser um entusiasta não exclui a crítica criteriosa, quando esta for pertinente.

O autor

O painel de azulejos

Quatro paredes caiadas,
um cheirinho à alecrim,
um cacho de uvas doiradas,
duas rosas num jardim,
um São José de azulejo,
mais o sol da primavera...
uma promessa de beijos...
dois braços à minha espera...
É uma casa portuguesa, com certeza!
É, com certeza, uma casa portuguesa!

Canção portuguesa da década de 1950, com letra de Reinaldo Ferreira e música de Vasco Sequeira e Artur Vaz da Fonseca. Imortalizada na voz de Amália Rodrigues.

Certa ocasião Gilberto Freyre adquirira um painel de azulejos portugueses do século XVIII. Entretanto, a antiguidade do magnífico painel o impedia de deixar o território português. O dilema foi resolvido, pois, as autoridades consideraram a condição de quem havia adquirido a

obra de arte da azulejaria. Tratava-se de Gilberto Freyre, mas engana-se aquele que pensar que a autorização concedida foi devida somente à celebridade e prestígio do Gênio de Apipucos. Havia algo maior na qualidade do comprador da portuguesíssima antiguidade. Ora, o seguinte ponto havia de ser considerado: "onde estivesse Gilberto Freyre estaria Portugal".

É assim, pelo menos, que nos é narrada a curiosa história que, ao observador desatento, parece extremamente banal ou, no máximo, peculiar. Podemos ainda acrescentar que o painel lusitano setecentista – na verdade conjunto de painéis que retratam a vida de Nossa Senhora – até hoje adorna o solar de Santo Antônio de Apipucos, na cidade do Recife. Poderíamos, ainda, tecer algumas especulações sobre as razões que levaram Gilberto Freyre a adquirir o painel de azulejos. Talvez quisesse o mestre dar ares do palácio de Queluz à sua residência. Célebre palácio português, onde desfilaram personagens da dinastia bragantina que se confundem, por sua vez, com a história de Portugal e do Brasil. Nesta casa dos Bragança podemos ver o aprazível "corredor dos azulejos", sala onde se afiguram os continentes, representados através de alegorias de azulejos ou, então, já nos jardins, o balsâmico canal que possui suas laterais forradas com uma profusão também de azulejos.

Mas isso tudo são meras divagações que tentam apreender, de alguma forma, os sentimentos de Freyre pela velha arte da azulejaria portuguesa. Com certeza, o "corredor dos azulejos" e o canal dos jardins do Palácio de Queluz não passaram despercebidos a Freyre, pois, o que podemos afirmar é a sua admiração por essa velha arte e técnica. Pode-se apreender a seguinte confissão, no mês de agosto, no seu diário de viagens por terras portuguesas de aquém e de além mar, que mais tarde tornar-se-ia o livro *Aventura e Rotina*:

> Eu sou dos que facilmente se entusiasmam pelos azu-lejos velhos que se conservam vivos, claros, alegres, alguns até vibrantes, tanto no interior das casas como nos recantos dos jardins de quintas portuguesas que brilham ao sol de agosto sem, entretanto, aumentarem com seu brilho o calor do verão. Ao contrário: diminuindo-o. Pois se há sensação agradável num dia quente em Lisboa ou em qualquer re-

canto mais doce de Portugal é sentar-se o indivíduo num banco de jardim de quinta ou de convento velho: um banco todo forrado de azulejo. Se do vinho do porto se tem dito que é a luz do sol engarrafada; do azulejo se poderá dizer que guarda ou retém-nos mais fortes meios dias de verão, e como que congelado, um pouco do ar fresco das madrugadas de abril[1].

Mas retornemos à pequena narrativa, apresentada por Edson Nery da Fonseca, no seu *Gilberto Freyre de A a Z*[2], mais precisamente no verbete consagrado a Portugal, há algo aí que nos chama a atenção em particular.

1. FREYRE, Gilbert: *Aventura e Rotina*, 1953.p.69
2. Em *Gilberto Freyre de A a Z* há um verbete dedicado a Portugal, é neste que lemos o episódio do painel de azulejos. Levando em conta o tema de nosso trabalho, pensamos ser de grande interesse a transcrição do verbete acima referido: "**Portugal** – No poema *Calabar,* Jorge de Lima exclama e pergunta: 'Se tu venceste, Calabar!/Se em vez de portugueses, /– Holandeses!?/Ai de nós!' Entretanto, a várias gerações de brasileiros foi ensinado nas escolas que se o domínio holandês tivesse perdurado o Brasil seria hoje um país desenvolvido. Um dos méritos de G.F. como historiador social foi o de refutar esta hipótese. *Casa-Grande e Senzala* contribuiu para a reabilitação tanto do colonizador português quanto da obra de colonização lusitana da América. E essa reabilitação é baseada não em simples sentimentalismo ou pura emoção, mas em estudo objetivo. Em *O mundo que o português criou* ele abordou as relações sociais e de cultura do Brasil com Portugal. E quando percebeu que o sucesso inicial da Alemanha na Segunda Guerra Mundial estava ameaçando, no sul do Brasil, a integridade luso-brasileira de cultura, sentiu-se no dever de corajosamente denunciar o perigo no grito de alerta que foi a conferência *uma cultura ameaçada: a luso-brasileira.* Dois livros posteriores revelam mais intensamente o amor de G.F. por Portugal: *Aventura e rotina* e *Um brasileiro em terras portuguesas.* Portugal retribuiu esse amor. G.F. era membro da Academia de Ciências de Lisboa, da Academia portuguesa de História e da Academia internacional de cultura portuguesa e recebeu, em 1983, do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal, a Grã-cruz de Santiago da Espada. No mesmo ano, as academias de Ciências e de História se reuniram solenemente para comemorar o quinquagésimo aniversário da publicação de *Casa-Grande e Senzala* e a Fundação Calouste Gulbenkian promoveu um ciclo de conferências alusivo à mesma efeméride. **A sala de refeições da casa de G.F. em Apipucos é guarnecida com um painel de azulejos portugueses do século XVIII. Esse painel não podia legalmente sair de Portugal; mas fez-se uma exceção, considerando que onde estivesse G.F. estaria Portugal.**" [Os grifos são nossos] (Nery da Fonseca: 2002)

Gilberto Freyre é considerado um dos principais intérpretes do Brasil. É mais do que conhecida a tríade de ensaístas que, nas décadas de 30 e 40 do século passado, teceram importantes interpretações sobre a formação brasileira: Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior. No ano do centenário de Freyre, não faltaram epítetos que o designassem como um dos pensadores principais na constituição de uma "identidade brasileira". É suficiente citar alguns exemplos, das mais variadas procedências, como o número de março de 2000 da revista Cult intitulado: *Gilberto Freyre, o inventor do Brasil*; o livro de Roberto Calvalcanti de Albuquerque, publicado igualmente em 2000, com o título: *Gilberto Freyre e a invenção do Brasil* e, até mesmo, o opúsculo do gabinete do senador Francelino Pereira, de abril de 2000, denominado de: *Gilberto Freyre, o reinventor da história.*

A pergunta que nos fazemos diz respeito a uma tensão de antagonismos que parece haver no interior do "caso do painel de azulejos". Como se pode dizer que "onde estivesse Gilberto Freyre estaria Portugal", visto que

esse autor é considerado, ao mesmo tempo, um dos descobridores do nosso "modo de ser brasileiro"?

Mesmo que exista uma série de críticas às ideias defendidas por Freyre, é inegável que positiva ou negativamente a constituição de suas linhas argumentativas influenciaram o debate historiográfico brasileiro e, até mesmo, diretamente ou indiretamente, o imaginário nacional. Pode-se estar a favor ou contra Freyre; o inegável é que não podemos nos manter impassíveis em relação ao pensador quando tentamos responder: "O que é ser brasileiro?". Melhor diríamos, não é possível a indiferença quando analisamos as respostas formuladas a tal questão desde a publicação de *Casa-Grande & Senzala*, no ano de 1933.

A pequena narrativa do painel de azulejos surge diante de nós como uma metáfora. Acreditamos que exista uma tensão no pensamento de Freyre. Ao mesmo tempo em que ele investiga as características de nossa sociedade, seu pensamento recorre sempre a Portugal, como se a partir da história dessa nação ibérica pudéssemos compreender o Brasil. Lembremos que na definição da retórica, metáfora significa a "transposição do sentido próprio ao

sentido figurado". Acreditamos que a história do painel de azulejos faz-se, por excelência, uma metáfora para esse viés do pensamento freyriano que queremos analisar.

Ao construir a sua interpretação para a história do Brasil, a partir de suas pesquisas, Freyre funda, através da sua narrativa, uma determinada identidade brasileira. Mas "esse modo brasileiro de estar no mundo" não é simplesmente independente. O Brasil faria parte de um mundo maior fundado pela gente portuguesa. Ousaríamos dizer que se o Brasil realizou a sua independência política, nas suas raízes, não deixou de ser português. Nesse momento, poderia ser perguntado: "E a influência dos outros povos não viria cortar a relação do Brasil com Portugal?". A nossa hipótese é que, para o pensamento de Freyre, a resposta seria negativa. Por mais que existam influências indígenas e negras, é o "engenho e arte" lusitanos que opera, transporta e amalgama essas próprias contribuições por maiores que sejam. Não podemos nos esquecer que Portugal já é, em si mesmo, um país mestiço onde influências árabes, judaicas e africanas se confraternizam com aquela mais propriamente europeia. A capacidade de perder-se

em outros povos nos teria sido transmitida pelos próprios portugueses. E se o Brasil continua a desenvolver a mestiçagem de corpos, sangues e culturas é qualidade herdada do velho Portugal.

Poderíamos mais enfaticamente sintetizar a nossa hipótese de pesquisa da seguinte forma: "Como um pensador das idiossincrasias brasileiras pode trazer em si o próprio Portugal?". Onde quer que Freyre estivesse haveria de estar Portugal; não é isso que nos foi informado por Edson Nery da Fonseca? Nosso intuito é pensar essa tensão teórica da obra de Gilberto Freyre, que assume vivas cores na nossa metáfora primordial, aquela do painel de azulejos que era proibido de deixar o território português, mas ao repousar ao lado de Gilberto Freyre, na sua sala de jantar, continuaria em Portugal. A presença do mestre fazendo as terras brasileiras "voltarem" a ser portuguesas, antagonismos entre brasilidade e lusitanidade, Freyre pensador do Brasil e de Portugal, em suma, questões que talvez remetam à afirmativa de Sérgio Buarque de Holanda, nas primeiras páginas do seu *Raízes do Brasil*: "Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas ideias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje **uns desterrados em nossa própria terra**[3]." [os grifos são nossos].

Mas se quisermos ir a tempos ainda mais distantes, basta trazer à mente as palavras dos velhos papagaios mencionadas por Frei Vicente do Salvador, para mostrar a força que Portugal exercia sobre os Homens que aqui moravam. Viver; viviam eles no Brasil, mas sempre tendo como perspectiva de ações, sonhos e desejos o ideal que estava no outro lado do Atlântico, no Reino. Assim nos diz o frei soteropolitano: "[...] se as fazendas e bens que possuem souberem falar também lhes houveram de ensinar a dizer como os papagaios aos quaes a primeira cousa que ensinam é: *papagaio real para Portugal*, porque tudo querem para lá. E isto não tem só os que de lá vieram, mas ainda os que cá nasceram [...][4]." [os grifos são nossos].

O ensejo, ou se preferirem o nosso ponto de partida, será – como já bem dissemos – a metáfora primordial

3. BUARQUE DE HOLANDA: *Raízes do Brasil*, 2000.p.31
4. SALVADOR, Frei Vicente do: *História da Brasil*. [s.d] p.16

do painel de azulejos. Tentaremos formular questões e argumentos que amplifiquem e complexifiquem a tensão por nós assinalada. Tal método assemelha-se àquele utilizado por Hermano Vianna, no seu *O Mistério do Samba*. Este autor parte de um encontro, que ocorreu em 1926, aí tomaram parte dois grupos. Um deles era formado por representantes da cultura "erudita" e o outro por representantes da cultura "popular" – assim dizemos na falta de termo melhor. No primeiro encontravam-se Gilberto Freyre; Sérgio Buarque de Holanda; Prudente de Morais Neto; Heitor Vila Lobos e Luciano Gallet. Já no segundo grupo estavam Pixinguinha; Donga e Patrício Teixeira. Hermano Vianna tenta responder como essa confraternização entre intelectuais e músicos populares pôde ter lugar. O encontro de 1926, para Vianna, seria paradigmático para pensar a ascensão do samba à categoria de "música nacional", isto é: como o samba teria passado de uma música proibida e discriminada nos seus primórdios, para nos anos trinta assumir a imagem de um dos símbolos nacionais.

Obviamente o assunto abordado por Hermano Vianna não possui relação com o tema de nossas preocupações, assim como a abrangência de nossas considerações será mais restrito, em razão do caráter mais pontual de nosso escrito. Porém, a estrutura do desenvolvimento dos argumentos tem algo em comum: principiamos de um acontecimento sem grande importância e a partir daí achamos ser possível analisar uma certa questão. Como nos explica Vianna:

> O livro está construído em torno de um único acontecimento, o encontro entre sambistas e intelectuais descrito acima. Os capítulos seguintes serão desenvolvimentos dos vários aspectos desse encontro, de como foi possível e quais foram suas consequências, mais imediatas, já que não teve "grandes" consequências, nem mesmo da obra dos participantes[5].

Nossa análise deve possuir um foco direcionado; assim sendo, procuramos pensar as relações de Portugal, do Brasil e do lusotropicalismo através, principalmente, de uma obra que possui uma importância significativa

5. VIANNA, Hermano: *O Mistério do Samba*, 2004. *p.35-36*

para os nossos objetivos, esta é: *Um Brasileiro em Terras Portuguesas.* Como sabemos, a obra de Freyre é vastíssima, possui matizes e nuances conforme os momentos em que foi escrita; entretanto é inegável a existência de um "corpus freyriano", se assim nos é licito dizer. A própria existência de diferenças em sua obra não nega os traços principais que percorrem o todo. Há momentos em que algumas ideias assumem lugares de destaque, já em outros, estas mesmas são simplesmente esboçadas. Diríamos que o lusotropicalismo já vem sendo esboçado em *Casa-Grande & Senzala*, aí vemos o papel fulcral que Freyre concede a Portugal como dinamizador da formação brasileira.

Essa importância pode ser vista na mudança de título que realizou em uma de suas obras, outrora chamada de *Conferências na Europa.* Agora a mesma coletânea de conferências sofreria acréscimos e seria publicada, no ano de 1940, sob o título de *O Mundo que o Português Criou.* Ainda em 1940, mais exatamente em 2 de junho, Freyre levanta a voz, no Gabinete Português de Leitura, no Recife, contra as conspirações de alemães no Sul do Brasil

simpatizantes do nazismo, em pleno quadro dos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial. Defende a lusitanidade de nossa cultura como valor essencial da "brasilidade". Esta conferência é publicada em forma de opúsculo no ano de 1943, com o não menos eloquente nome de: *Uma Cultura Ameaçada: a Luso-brasileira.*

Mas se quando da publicação de *Casa-Grande & Senzala* Freyre é acusado de tendências comunistas, como o próprio autor depois relata, já no princípio da década de 50 as críticas virão por supostamente apoiar o regime salazarista. *Um Brasileiro em Terras Portuguesas* é o resultado de suas conferências e discursos proferidos ao longo de viagem que realizou a convite do ministro Geral do Ultramar Português, Sarmento Rodrigues. A viagem durou de agosto de 1951 até fevereiro de 1952, nesta ocasião Gilberto Freyre teve a oportunidade de visitar diversas províncias do Portugal continental e do então Portugal de ultramar, quer dizer: São Tomé e Príncipe; a Guiné portuguesa; Angola, Cabo Verde, Moçambique e a Índia portuguesa. Mas não visitou nem Macau, tampouco o Timor. É desse momento que datam *Um Brasileiro em Terras Por-*

tuguesas, de 1953, e *Aventura e Rotina*, que era o seu diário de viagem, com publicação no mesmo ano.

Segundo Cláudia Castelo é em 1951 que Gilberto Freyre pela primeira vez expõe um texto sobre o lusotropicalismo. Tal fato ocorrera em Goa no instituto Vasco da Gama. Esta conferência é uma das partes que compõem o livro que por nós foi escolhido para ser comentado com maior atenção, ou seja: *Um Brasileiro em Terras Portuguesas*. Como se percebe, o referido livro está no cerne da teoria do lusotropicalismo, e é justamente nessa formulação que é possível identificar as tensões já mencionadas. *Um Brasileiro em Terras Portuguesas* seguramente irá lançar maiores luzes sobre a nossa pergunta inicial. Aqui o painel de azulejos, elemento de lusitanidade, que nem poderia deixar Portugal, converte-se em um painel de azulejos portugueses em terras brasileiras, é como se fosse a outra face do título do livro, ambos são expressões dos antagonismos que pretendemos entender.

Mas a escolha de um livro como fonte privilegiada, não exclui a nossa ida a outras obras, em especial à dos

tempos de gestação do lusotropicalismo, pois nos unimos a Cláudia Castelo, quando diz:

> Começamos por procurar, nos seus primeiros livros [de Gilberto Freyre], idéias e temas que remetessem de alguma maneira para a doutrina explicitada nos anos 50 e 60. Dessa primeira incursão na bibliografia do autor resultou o apuramento de duas obras fundadoras: *Casa-Grande & Senzala* (1933) e *O mundo que o português criou* (1940). Sem empregar o termo nem definir o conceito, Freyre lança logo em 1933, os fundamentos do lusotropicalismo. A partir daí, vai desenvolvendo a teoria e juntando-lhe elementos alargando o seu horizonte direcionando-a..., mas ainda sem a nomear. É um tempo de composição e de amadurecimento da ideia[6]

No início do prefácio à *Casa-Grande & Senzala*, Freyre faz uma confissão que parece ter sido percebida por poucos. Como bem sabemos, *Casa-Grande & Senzala* pretende ir aos primeiros tempos da história do Brasil. Mas o impulso gerador dessa busca dos tempos perdidos é a "aventura do exílio". Freyre deixa o Recife para passar pela

6. CASTELO: 1999.p.18

Bahia, pela costa da África e, enfim, Portugal. O exílio não é prejudicial para o intérprete da sociedade brasileira, temos a impressão que o ato de afastar-se possibilita uma visão do todo. Só seria possível dissertar sobre a lógica que permeia a sua própria sociedade ao empreender a viagem, seria uma distância aproximativa; seria a possibilidade de apreender o que, até então, se diluiria no movimento imperceptível do cotidiano.

Mas não podemos falar de um estranhamento qualquer. Freyre não se desloca para uma outra sociedade longínqua e totalmente exótica, pelo contrário, Freyre caminha em direção das origens, desse local onde tudo teria começado; estreito de terra, final e começo da Europa, ponto nevrálgico de uma espécie de "energia" lusotropical. Mas a viagem não é direta até Portugal, ela é gradativa. Primeiro há a Bahia, a costa africana e, por fim, Portugal. Se há estranhamento é um estranhamento de encontros, são as complementaridades, as semelhanças que incitam à reflexão. Escutemos nosso autor no prefácio à primeira edição de *Casa-Grande & Senzala*: "Em outubro de 1930 ocorreu-me a aventura do exílio. Levou-me primeiro à

Bahia; depois a Portugal, com escala pela África. O tipo de viagem ideal para os estudos e as preocupações que este ensaio reflete[7]".

É curioso notarmos que Freyre, considerado um daqueles principais intérpretes do Brasil, comece seu ensaio com uma viagem. Viagem que chega até Portugal, porém antes percorre regiões que por esse país foram colonizadas. Freyre – acreditamos nós – já se põe a pressentir um traço que perpassa essas regiões. Este traço, ousaríamos dizer que é Portugal. Não é o português detentor de extrema agilidade na administração do seu império marítimo? Não é o português aquele que contemporiza com outros povos?

Mas antes de seguirmos o nosso argumento, far-se-á necessária uma pequena digressão sobre o tema da viagem, pois, como já vimos, não se tratava de uma viagem qualquer, mas viagem repleta de sugestões. Associado a tal fato, Freyre parece proceder como o escritor francês do século XVI, Michel de Montaigne. Além da forma ensaística, pela qual Freyre possui notável predileção, porque

7. FREYRE: 1999.p.XIV

através desta seria possível expor tensões, complementaridades e, por fim, antagonismos, sem perder a riqueza dos paradoxos; são os volteios do pensamento. É também no desdobrar-se do "Outro" que encontra o seu método de escrita. Ao examinar a forma com que escreve *Casa-Grande & Senzala*, afirmou:

> Daí ser *Casa-Grande & Senzala* um livro múltiplo em suas perspectivas; contraditório, até, no seu perspectivismo; passível da acusação de negrófilo, mas realizado de modo a tais diferenças de perspectivas e tais contradições de perspectivas por vezes se complementarem, como corretivo de alguma maneira ao que pudesse ser apenas senhoril ou pretender conservar-se monolítico na personalidade do autor; a qual se desdobra em torno de certos assuntos a ponto de o autor ser antes um conjunto meio pirandeliano de autores que um autor único [...][8]

O que é a viagem senão um desdobrar-se geográfico que tende a propiciar um outro ângulo de visão? Montaigne dizia que as viagens mantinham o seu espírito sempre vivaz; a novidade conduzia-o à reflexão, ao pensamento. A viagem ou o exílio de Freyre tem o mesmo aspecto da viagem de Montaigne, no entanto, possui um viés específico: a alteridade encontrada na África e em Portugal detém, neste caso, também, uma similitude. É como se o pensador pernambucano fosse, pouco a pouco, ao longo da viagem rumo ao exílio, a sentir gradativa identificação com os hábitos; modos; construções; cores; sabores e com todos os demais aspectos das gentes que via, fossem elas da Bahia, de África ou de Portugal. Similitudes que nem por isso abandonam seus mais essenciais rasgos de individuação. Misteriosa individuação que no seu mais intrínseco jamais se despojaria daquilo que compõe e possibilita a unidade que engloba todas as peças do mosaico lusotropical. No pensamento freyriano o regional não exclui o todo do mundo que o português criou. Em última instância, o mundo lusotropical é um imenso Portugal que, nem por isso deixa de diluir-se, em cada canto, em uma nova cultura regional. Sempre, porém, sem deixar de ser Portugal. Esses paradoxos, Freyre explica com palavras que beiram a eloquência religiosa, pois tal processo é comparado com o das sagradas escrituras:

8. FREYRE, Gilberto: *Como e Porque Sou e Não Sou Sociólogo*. p. 117

> [...] o português se tem perpetuado dissolvendo-se sempre noutros povos a ponto de parecer e perder-se nos sangues e nas culturas estranhas, mas comunicando-lhes sempre tantos dos seus motivos essenciais de vida e tantas das suas maneiras mais profundas de ser que passados séculos os traços portugueses se conservam nas faces dos homens de cores diversas, na fisionomia das casas, dos móveis, dos jardins, nas formas das embarcações, nas formas dos bolos. Toda colonização lusitana – e não apenas sua arte – está cheia de riscos de tão esplêndida aventura de dissolução. Portugal seguiu na sua política colonizadora aquelas palavras misteriosas das escrituras: Ganhou vida perdendo-a. Dissolvendo-se. Aventura de dissolução acompanhada do gosto de rotina[9]

Mas retomemos Michel de Montaigne e tentemos uma reaproximação com o nosso autor de Apipucos. Na citação que fizemos do livro *Como e Porque Sou e Não Sou Sociólogo*, foi possível verificar o esforço empreendido por Gilberto Freyre, ao elaborar *Casa-Grande & Senzala*, em se desdobrar em quase múltiplos autores para abarcar a mais vasta panóplia de perspectivas. Freyre chega a citar a problemática pirandeliana da multiplicidade de personagens. Até admite que seu livro pode ter aparência contraditória, mas se o tem não é um defeito. É antes um esforço para sentir as vivências dos mais diversos agentes históricos. Para não possuir uma visão monolítica, começa um exercício para compreender as alteridades.

9. FREYRE: *Uma Cultura Ameaçada: a Luso Brasileira*. pp. 26 e 27

Montaigne diz que a viagem seria uma espécie de escola onde a diversidade humana seria o principal ensinamento a ser aprendido. Os homens não viveriam da mesma forma e dentro das mesmas leis, o mundo seria muito mais vasto do que os espíritos de campanário costumam pensar. Ora, Freyre não desejava cair em um discurso que perscrutasse o tempo histórico somente de um ângulo de visão. Era preciso ser de muitos, eis aí o ponto de encontro entre o senhor de Montaigne e o senhor do solar de Apipucos. Mas a viagem de Freyre além de espacial deveria ser, igualmente, temporal. Mas escutemos antes o que diz Michel de Montaigne a respeito de seu gosto pelas viagens:

> [...] Viajar afigura-se-me um exercício proveitoso, pois o espírito vive então continuamente solicitado a

> observar coisas novas e desconhecidas; e, como digo amiúde, não sei de melhor escola do que essa que lhe mostra a grande diversidade de existência, idéias e usos entre os homens, bem como a contínua variedade de formas da natureza[10]

Mas já indicamos – ainda que levemente – uma diferença marcante entre a viagem de Montaigne e a de Freyre. Freyre ao viajar vai, pouco a pouco, se encontrando com o que mais tarde viria a chamar de mundo lusotropical. Já assinalamos, da mesma forma, que deve ter sido na diferença que os traços que unem as diversas regiões se sobressaíram. O encontro com África e Portugal, sem falar na Bahia, pode ser comparado a um encontro de família, quando – malgrado a mistura de outros sangues, advindos de uniões com outras famílias – certo conjunto de características mais marcantes acaba por assumir maior relevo. Mesmo sendo indivíduos independentes não deixam de ter entre si as pechas, as virtudes, ou os rasgos da aparência que os identificam como descendentes dos mesmos velhos e avoengos antepassados. Mas se há esse tipo

10. MONTAIGNE, Michel: Da vaidade in *Ensaios*, livro III. Trad. Sérgio Milliet. 1961.p. 259

de diferença – a viagem "montaigniana" vai em busca do diferente, do que não é habitual em certa cultura – a viagem freyriana – pelo menos aquela empreendida em outubro de 1930 – por sua vez, encontra semelhança na diferença. Além disso, há outro caminho que as aproxima e, quiçá, este seja mais interessante.

Gilberto Freyre, a partir do seu autoexílio, vê surgir nas distantes plagas todo um sistema de vida, todo uma forma de se relacionar com a natureza, todo um presente banhado em um passado que comunga com o *modus vivendi* das gentes brasileiras. É o contato com uma parte do mundo lusotropical que o impulsionaria a conhecer o seu próprio país no mais fundo dos seus movimentos históricos e sociais. Freyre, indo ao encontro de outras terras, além do Recife, parece começar a encontrar os *leitmotiven* da cultura lusotropical, a viagem faz com que ele possa "limar e polir o [seu] cérebro em contato com os outros"[11].

É nesse ponto que as viagens de Montaigne e Freyre podem se relacionar ainda mais, pois para Montaigne o ato de viajar é uma forma de se conhecer melhor.

11. Idem *Da Educação das Crianças*, livro I. p.219

A presença do "Outro" era ensejo para aprofundar suas descobertas, agora não mais se tratava da descoberta do viajante cheio do afã pelas novidades, mas sim do homem que através da observação atenta das alteridades, reflete, desbrava e aprofunda o conhecimento de si mesmo. Com agudez de espírito nos explica Berenice Cavalcante:

> Para ele [Montaigne], duas razões tornaram favorável o contato com o estrangeiro considerando tão importante o "comércio dos homens". Em primeiro lugar para que se pudesse "observar os costumes e o espírito destas nações". Em segundo lugar e como decorrência da primeira condição, para "limar e polir nosso cérebro em contato com os outros". Assim o mundo exterior era cenário e motivação para um deslocamento interior dentro do próprio pensamento. A viagem que efetivamente o interessava[12].

O principal almejo destas nossas elucubrações a respeito da viagem de Freyre é assinalar as tensões existentes no seu próprio método de pensar e pesquisar. A comparação com Michel de Montaigne, a nosso ver, lança luz

12. CAVALCANTE, Berenice: Antigos e Modernos in CAVALCANTE, Berenice *et alii*: *Modernas Tradições*. p.45.

sobre essa distância aproximativa, que vai auxiliando na descoberta da "civilização lusotropical". Mas em Montaigne há algo mais, perspectiva essa que justifica a sua presença aqui em nossas linhas. Montaigne é o fundador do gênero ensaio; nos três livros dos *Essais* o autor não se furta às mais variadas divagações, seus escritos vão desde a análise da vida política da França de sua época, aos seus mais íntimos sentimentos e gestos. Nos *Essais* não há uma censura que a tudo tenta podar, para que as ideias e sentimentos entrem em uma sistematização estéril. O ensaio é o gênero, por excelência, que permite que em suas páginas mesclem-se a confissão íntima às considerações filosóficas sobre a vida, o universal ao particular; são conjecturas que podem se desdobrar em afirmações e, logo em seguida, despirem-se da sua gravidade peremptória. O gênero ensaístico abarca na própria urdidura narrativa a tensão e o paradoxo. Os fios narrativos do ensaio podem ser sincréticos no sentido primeiro de tal palavra: elementos que convivem e que se entrelaçam; porém, o calor do toque não os funde em um só elemento. O ensaio, diríamos, é o espaço da água e do azeite; lugar de encontros, mas que não ne-

cessariamente atingem uma síntese que amalgama, sem deixar os rastros das idas e vindas do processo de refletir.

Essa nossa digressão pelo modo como Gilberto Freyre tecia o seu texto não nos afasta do que nos propomos, pelo contrário, ela mostra a possibilidade da permanência de um Portugal dentro do Brasil. Os "antagonismos em equilíbrio[13]", estudados por Benzaquen de Araújo, perpassam não só o gênero ensaístico adotado por Freyre, eles são também essenciais para se compreender o pensamento do autor pernambucano. A própria biografia de Freyre aponta para essa pluralidade de caminhos diversos e ele sempre nos deixou explícito o tipo de escritor que era; aquele "ibérico", que não deixa perder de vista sua condição humana. Autor, pesquisa e obra convivem sem maiores pudores de suposta intransigência científica. Freyre teria mesmo dito que o livro *Casa-Grande e senzala* teria fortes ligações com sua biografia: "Quando

13. O conceito de "antagonismos em equilíbrio" foi desenvolvido como chave interpretativa por Ricardo Benzaquen de Araújo, no seu livro *Guerra e Paz: a obra de Gilberto Freyre nos anos 30* ressaltamos que este conceito é aplicado a um determinado período do pensamento freyriano, como já diz o título do livro: A década de 30 do século passado. Como já afirmamos, nossa reflexão aqui se concentra, em especial, em *Um brasileiro em terras portuguesas,* já da década de 50, portanto, um outro período. No entanto, pensamos que seja necessário a compreensão dos "antagonismos em equilíbrio" para percebermos as tensões que perpassam a obra de Freyre, algumas, diríamos, continuando antagônicas, outras, já no período aqui focalizado, apaziguando-se. Esse aspecto será tratado com mais vagar no final de nossa análise.

disse, eu próprio, certa vez, do livro *Casa-Grande & Senzala* que é um livro autobiográfico – o mesmo poderia dizer, por extensão, de todos os meus escritos [...][14]". O constante movimento entre pólos aparentemente inconciliáveis perpassa a obra de Freyre. Não só a obra, mas também a vida, pois poucos intelectuais conseguiram entrelaçar de forma tão eficaz a vida com seus próprios escritos. Não é despojado de significado o fato de ter escolhido uma antiga casa-grande, do século XIX, para morar. Nesse ambiente cercado por um jardim português ou lusotropical – como Freyre mesmo o qualificaria – desordenadamente composto por frondosas árvores frutíferas, o escritor foi verdadeiro demiurgo de um mundo freyriano. Esse íntimo entrelaçamento entre o homem que fazia da própria existência uma das partes de sua obra foi magnificamente analisado por Maria Lúcia Pallares-Burke, em *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*:

14. FREYRE, Gilberto: 1981.p.145

> No caso de Gilberto Freyre, os materiais de sua auto-apresentação incluíam a bengala, o paletó de tweed inglês que usava no Recife, mesmo durante o Carnaval, e que o acompanhou em sua viagem ao Estado da Carolina do Sul em pleno verão de 1926, os boatos sobre si mesmo que encorajava os amigos a espalhar, além de uma grande quantidade de material autobiográfico, muito do qual talvez ainda esteja aguardando ser descoberto no riquíssimo acervo, ainda não catalogado, da Casa-Museu de Apipucos. Seu *Tempo Morto* é o mais longo e mais famoso desses textos, que também incluem cartas, um pequeno caderno de anotações que contêm rabiscadas durante 1921 e 1922, alguns rascunhos de autobiografia (um deles em inglês), um rascunho para "atualizações" e a "nova edição aumentada" do Tempo Morto, algumas entrevistas e, talvez acima de tudo, as passagens de reminiscências esparsas em profusão em seus livros e artigos, que não podem passar despercebidas mesmo aos leitores menos sistemáticos[15]

Queremos enfatizar este caráter plural de Gilberto Freyre. É a partir do ensaísmo que ele pode passar do biográfico à pesquisa de tempos idos, sem esquecer o viés literário. Mais do que qualquer designação, Freyre surge como pensador da condição humana, que não só pensa a mestiçagem, mas é mestiço na organização de suas próprias ideias que se materializam no gênero ensaio. Mas também nas razões mais profundas que encontra na nossa própria história: um Brasil que não deixa de ser Portugal, identidades paradoxais que não deixam de se completar. Mas vejamos como essa falta de "pureza" está explicitamente presente na maneira como Freyre se vê um intelectual:

> Como acentuou o orador, sou um escritor que não separa a sua condição de escritor da sua condição de homem. Esta é, aliás, a tradição ibérica. É a tradição lusitana. O escritor de feitio tradicional ibérico ou lusitano, nunca é um intelectual de "torre de marfim". **Nunca é um intelectual dos chamados puros**, isolado do mundo, com medo ou temor das atitudes definidas naqueles momentos em que um escritor precisa de ser principalmente homem e precisa de tomar atitudes nítidas, desassombradas, com risco até da própria vida[16] [Os grifos são nossos]

15. PALLARES-BURKE, Maria-Lúcia Garcia: *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*. p.p. 22, 23.

16. FREYRE, Gilberto: *Um Brasileiro em Terras Portuguesas*. p.235

Como podemos constatar, a relação entre o intelectual e o homem que está na vida é mais um dos "antagonismos em equilíbrio". Podemos também dizer, o que igualmente já analisamos, que a melhor forma de expressão para os "antagonismos em equilíbrio" é o ensaio. Após esse percurso não hesitaríamos em considerar Freyre – tanto enquanto homem, tanto enquanto pensador – com ares de camaleão: detentor de uma qualidade de possuir várias cores e poder alterná-las, manifestando diversos matizes.

Pensamos que, agora, estamos mais próximos de uma tentativa de compreensão. Freyre também é "português", por isso o painel de azulejos pode ficar no seu solar de Santo Antônio de Apipucos no Recife. A lusitanidade de Freyre é transmitida ao seu próprio país; os antagonismos não são rechaçados, mas convivem e possuem até um aspecto enriquecedor.

Tentamos frisar essa tensão que perpassa a obra de Freyre. A relação de Portugal com o Brasil não se torna sem sentido quando contextualizamos o autor dentro de suas próprias características. Esperamos que ao mencionar

a forma ensaística, como especialmente fértil para abarcar a variedade de antagonismos, ou, então, quando mencionamos a forma ibérica de ser escritor, estejamos facilitando a compreensão, para que possamos nos aproximar da resolução de nosso paradoxo inicial. Se é que há uma tal resolução; talvez estejamos face a uma tensão não passível de dissolução.

Pensamos que em Gilberto Freyre o Brasil continua devedor da cultura portuguesa e só pode ser compreendido na totalidade do mundo lusófono. Mas tal fato não deve ser visto como estranho, se consideramos os traços principais do autor, ou seja, caminhar sempre por entre pontos aparentemente divergentes.

O Brasil só poderia ser considerado enquanto tal, ao mesmo tempo em que aprofundasse sua lusitanidade. Não haveria assim uma resolução, uma resposta final; poderíamos falar, sobretudo, em uma aceitação. O desterro em nossa própria terra não seria um mal, mas condição a ser vivenciada. A cultura luso-brasileira quando ameaçada poria em risco o desenvolvimento das especificidades brasileiras. Para sermos brasileiros, antes teríamos que aceitar

o passado português, um passado que não desvaneceu e continuaria a nos ligar a outros cantos da Terra que tiveram o mesmo tipo de colonização.

Ver Gilberto Freyre como um escritor ibérico ou hispânico[17] é extremamente útil para não nos perdermos entre as tensões de seu pensamento. Omar Ribeiro Thomaz compara Freyre a Miguel de Unamuno. Para este escritor espanhol do século XIX as regionalidades de Espanha, como as de seu País Basco, só poderiam ser mantidas caso a Espanha abraçasse a Europa. Ousaríamos dizer que, talvez, Unamuno estivesse tendo uma visão para além de seu próprio tempo. Nós, nos princípios do segundo milênio, vemos uma Europa cada vez mais unida; em contra partida, vemos também o direito às línguas regionais concomitantemente assegurado. É suficiente citar como prova a Carta Europeia das Línguas Regionais ou Minoritárias, assinada em Estrasburgo no ano de 1992. Até em Portugal, considerado um país monolíngue, vemos o reconhecimento do mirandês[18] como língua oficial pela Assembleia da República. Esta língua falada nos confins da região de Trás-os-Montes, por aproximadamente sete mil pessoas, tem os seus direitos garantidos ao mesmo tempo em que o Euro torna-se moeda comum da União Europeia. Parece que presenciamos uma radicalização das identidades, acompanhada de um afã de integração em grandes comunidades. Seguramente, tais questões não estão ausentes do pensamento de Unamuno tampouco no de Freyre. Então vejamos como Omar Ribeiro Thomaz traça o interessante paralelo entre os dois escritores de tradição ibérica:

> Não é casual, assim, que seu diálogo se dê, entre outros, com o pensador e romancista basco Miguel de Unamuno, uma das figuras da passagem do século na Espanha. Como aponta o próprio Freyre, Una-

17. Elide Rugai Bastos analisou em profundidade as relações entre Gilberto Freyre e a tradição hispânica, cf. BASTOS, Elide Rugai: *Gilberto Freyre e o pensamento hispânico: entre Dom Quixote e Alonso El Bueno.*

18. A respeito do mirandês, esse tão interessante e pouco conhecido idioma, falado no Distrito de Bragança no norte de Portugal, em Miranda do Douro e nas suas proximidades, convém complementar, ainda que de passagem: "A origem do mirandês tem sido objecto de alguma polémica. Hoje em dia predomina a opinião de que o mirandês, como língua neo-latina, remonta ao período de formação do conjunto asturo-leonês e das outras línguas românicas da Península Ibérica. Porém, apenas no fim do séc. XIX a sua existência foi dada a conhecer, no mundo científico, por José Leite de Vasconcellos. Este sábio português não só demonstrou a regularidade do idioma como ele próprio o cultivou, chegando a publicar poemas e traduzir Camões para o mirandês. Timidamente, fala de sua proximidade com o leonês. Pouco depois, foi porém o sábio espanhol Menéndez Pidal a descrever a sua estreita ligação com o antigo idioma que se falava no reino de Leão, a que esta zona pertencia antes do estabelecimento da fronteira." (Ferreira: 2002.p.139)

> muno revela uma dimensão "europeísta" do pensamento espanhol, aquela que desejava a completa europeização de Portugal e da Espanha. Unamuno representa o que se poderia se chamar de dimensão "basco-espanhola" do País Basco contemporâneo, aquela que procura dar dimensão universalista ao particularismo local basco: é no fator preponderante espanhol — e não em uma irredutibilidade basca – que encontramos a própria possibilidade da sobrevivência de língua e cultura bascas (estudadas detalhadamente por Unamuno), e também a sua adequada inserção no mundo contemporâneo[19]

Sem ter pretensões de adentrar o pensamento de Unamuno, o que queremos afirmar é que o mesmo processo se dá nas articulações de Gilberto Freyre. Temos que confessar que a cultura do País Basco[20] e a cultura de Castela são, sem sombra de dúvida, mais irredutíveis entre si

19. THOMAZ, Omar Ribeiro: Introdução in FREYRE, Gilberto: Interpretação do Brasil.p.31

20. A afirmação é em parte justificada quando levamos em conta que os bascos se autodefinem como *euskaldun* ou *euskaldunak*, o que literalmente significa: "que possui o *euskara*", denominação *in locu* da língua basca. É a única língua não pertencente à família linguística indo-europeia que se manteve na Europa Ocidental. Até os dias de hoje, suas origens ainda não foram estabelecidas definitivamente, o que faz com que o basco ou *euskara* não possua parentesco com nenhuma das grandes famílias de línguas. Entre inúmeras particularidades ressalta-se: declinações com doze casos, seus seis modos verbais, além da conjugação verbal assumir formas diferentes ao dirigir-se a um homem ou a uma mulher. Cf. ALLIÈRES, Jacques: *Les Basques*. Paris: PUF,1996. (5ª edição) e MALHERBE, Michel: Les langues Agglutinantes in *Les Langages de l'Humanité*. Paris: Robert Laffont, 1995.

do que no caso de Brasil e Portugal. O que faz com que a compreensão seja ainda mais nítida no nosso caso.

O Brasil tornar-se-ia cada vez mais integrado, em um todo maior, quanto ele mais assumisse sua herança portuguesa. Mas isso não seria uma forma de abandonar o regional, o específico, pois o que possibilitaria esses traços nitidamente brasileiros seria a capacidade herdada de Portugal, a de se mesclar, aquela qualidade de não ser ortodoxo nos seus sentidos "raciais" e culturais.

Diz a velha expressão popular: "se ficar o bicho pega, se correr o bicho come" – pedimos perdão por frase tão pouco acadêmica – mas é por aí que parecem enveredar nossas conclusões. A civilização que estaria surgindo no Brasil, com as suas inovações resultantes das misturas de raças e de culturas, endossando um viés surpreendente e peculiar ao país, seria em última instância herança portuguesa. Assim como também seria herança portuguesa a língua e os valores mais enraizados nas gentes brasileiras. Por tal razão, parafrasearíamos a expressão inacadêmica, acima citada, "se regional é herança lusitana, se universal é herança portuguesa". Tal ideia, talvez, ficará mais clara ao

lermos a primeira citação do próximo capítulo. No primeiro parágrafo, Freyre identifica o que liga o Brasil a Portugal, já no segundo percebe as diferenças, mas elas seriam realizadas graças à condição de "misto entre a Europa e África, de cristianismo e maometismo", que nos foram legadas pelas gentes lusitanas.

Os Egrégios Avós

Entre as brumas da memória
Ó pátria, sente-se a voz
Dos teus egrégios avós
Que há de guiar-te à vitória

E o teu braço vencedor
Deu novos mundos ao Mundo!

Hino nacional de Portugal *A Portuguesa*
Letra de Henrique Lopes de Mendonça

Ao Brasil, país descoberto e colonizado pelos portugueses, dá-se às vezes o nome de América portuguesa, geralmente considerado extensão da Europa, tão português permanece ele nos seus principais característicos. Português ou hispânico, para não dizer Ibérico. Também católico e como tal um ramo ou variante da forma latina de cristianismo ou de civilização.

Mas a verdade é que nem essas origens nitidamente portuguesas ou hispânicas, nem as suas raízes catól-

> lico-latinas fizeram do Brasil simples e pura extensão da Europa como a Nova Inglaterra, da Velha Inglaterra, e ainda como a Nova Inglaterra, do cristianismo evangélico ou protestante que veio a predominar na América do Norte. E isso pelo fato universalmente conhecido de que a Espanha e Portugal, embora convencionalmente Estados europeus não foram nunca ortodoxos em todas a suas qualidades, experiências e condições de vida européias ou cristãs – antes, por muitos e importantes aspectos parecendo misto de Europa e África de cristianismo e maometismo[21].

A citação é grande, porém, leva-nos a pensar. Gilberto Freyre fala, primeiramente, das profundas semelhanças entre Portugal e o Brasil. Seria este considerado, às vezes, até uma extensão da Europa. Mas tal situação não seria inteiramente verdadeira, pois, a própria nação mãe, Portugal, estaria entre África e Europa, entre catolicismo e maometismo. Poderíamos, então, fazer a seguinte pergunta: Seria o Brasil uma continuação não somente da Europa, mas também de África? Pensamos que a resposta seria afirmativa; o Brasil seria uma continuação da Península Ibérica, este "continente" entre dois mundos, mais especificamente seria uma continuação de Portugal.

21. FREYRE, Gilberto: *Interpretação do Brasil.* p.15

A Nova Inglaterra seria cópia fiel da velha Inglaterra, por isso continuação pura da Europa. Já o Brasil não poderia ser um simples continuador da Europa, pois o velho Portugal já era mestiço. Logo, Gilberto Freyre deixa entrever que a história do Brasil seria um posterior desenvolvimento da história de Portugal. Os lusitanos teriam transmitido à formação brasileira uma propensão à troca com povos e culturas diversas. Desenvolvimento de potencialidade que já se manifesta na própria formação da nação portuguesa; aí nessa extremidade de Ocidente europeu o encontro de celtibéricos, romanos, judeus e árabes teria, de alguma maneira, influenciado a história do país às margens americanas do Atlântico Sul. O que o Brasil teria de idiossincrático seria o desabrochar em escala maior dessa mestiçagem que a tudo domina. Não afirmaríamos que o Brasil é uma simples imitação de Portugal, pois ele tem suas invenções particulares, seria mais correto dizer que o Brasil torna-se um "outro" Portugal, mas "outro" no sentido da semelhança confrontada à diferença.

Para que o Brasil possa ser "outro" de Portugal necessita manter estruturas comuns no meio do que lhe é mais peculiar, porque em caso contrário a comparação não se daria: não se pode ser "outro" daquilo em que impera absoluto o oceano da singularidade. Em trecho de *Casa-Grande & Senzala* fica clara a inovação brasileira, o que o Brasil teria apresentado pela primeira vez ao mundo: "De qualquer modo o certo é que os portugueses triunfaram onde outros europeus falharam: de formação portuguesa é a primeira sociedade moderna constituída nos trópicos com característicos nacionais[22]".

Façamos atenção às palavras "característicos nacionais", eles não são negados ao Brasil, mas eles seriam como uma espécie de resultado maior, de consequência vitoriosa do que já ocorria na Península Ibérica desde os primeiros tempos. Este aspecto remete-se diretamente ao que tratávamos no fim do último capítulo. Em uma extremidade haveria o universal e na outra haveria o regional.

O Brasil só seria uma sociedade moderna nos trópicos graças aos seus "característicos nacionais", para haver

22. FREYRE, Gilberto: *Casa-Grande & Senzala*. p.12

tal êxito foi preciso que uma série de adaptações fossem realizadas. Um complexo de soluções e de práticas teriam sido aqui criadas para que essa sociedade pudesse se estabilizar. A mulher indígena teria transmitido muito do seu conhecimento, de suas vivências tropicais às primeiras famílias estabelecidas, para citar somente um exemplo. A inteligência e a vivacidade com que a sociedade brasileira foi sendo constituída – para que pudesse triunfar em meio inóspito – teve que ter muito de inovador e criativo. Se ela se fechasse simplesmente com a cultura trazida de Portugal seria impossível vingar nos trópicos. Mas o que foi desenvolvido aqui, como maneira de adaptação e permanência, mergulhava suas raízes no mais legítimo passado português. Ora, a atração pela mulher índia e pela mulher negra pode ter sido típica de nossa formação, no entanto, só foi concretizável por que os nossos colonizadores já traziam muito desse desejo no seu imaginário. O contato com os mouros que teve lugar na Península Ibérica foi um estágio para se atingir aquele voluptuoso entre as mais diversas raças; contacto este que seria, por excelência, característico do Brasil. O que pretendemos mostrar é que o

próprio *ethos* nacional possuiria um estreito vínculo com a herança lusa. Se a língua é o português e a religião é o catolicismo, ambos trazidos de Portugal, os aspectos mais nossos, os mais característicos também não seriam dotados de uma autonomia arrogante. Eles seriam frutos da engenhosidade portuguesa.

Se ao leitor ainda reticente não apresentamos elementos eficazes o bastante para mostrar que no pensamento de Freyre as próprias características essencialmente brasileiras têm, no seu fundo, origem na adaptabilidade portuguesa, a citação seguinte, com certeza, será de maior persuasão:

> O cristão português no Brasil, ao contrário não tardou em fazer da mandioca dos índios o seu segundo pão – às vezes o único; da mulher índia ou africana – sua mulher, às vezes sua esposa; da mãe d'água um alongamento de sua moura encantada, às vezes uma deformação de sua Nossa Senhora dos Navegantes, do suco de caju seu dentifrício; do tatu seu segundo porco; da tartaruga, matéria para uma série de experiências gastronômicas dentro das tradições da cozinha portuguesa; da folha de caraobucu queimada e reduzida a pó como de carvão, remédio para secar as boubas – mal de que parece ter sofrido tanto ou quase tanto quanto o indígena; do leite de coco um substituto do leite de vaca; do vinho de caju, um substituto do vinho do porto. [...] A mandioca e o milho, o caju e o jenipapo, o maracujá e o araçá foram adaptados pelos portugueses no Brasil, a velhas receitas portuguesas, orientais e africanas de preparar pão, cuscuz, bolo, licor e vinho; o caju feito doce à maneira dos antigos doces reinóis de figo; a mulher índia ou negra arrancada aos poucos do trabalho mais duro no campo para serviço principalmente doméstico conforme os estilos tradicionais da Europa cristã – mulatos ou caboclos em colégios de padres juntos com os brancos, com os filhos de casais europeus, com os órfãos vindos de Lisboa[23]

Como podemos constatar, a intromissão portuguesa atingiu diversos planos de nossa formação. A mandioca teria sido apropriada pelo português para substituir o pão, o vinho de caju teria sido inventado como um substituto do vinho do porto. A culinária, por mais regional ou brasileira que fosse, seria, na verdade, uma adaptação das "tradições da cozinha portuguesa". Vemos bem

23. FREYRE, Gilberto: *Uma Cultura Ameaçada: A Luso-Brasileira*. p.34, 35 e 36

isso quando Freyre nos fala das formas de preparo da tartaruga, que apesar do ingrediente ser exótico para os padrões da culinária lusitana, continuaria a ser preparada à maneira portuguesa. O mais curioso é perceber que os produtos tipicamente brasileiros, como a mandioca e o caju, entre outros, seriam feitos segundo velhas receitas não só portuguesas, mas igualmente orientais e africanas. O português não limitaria sua influência somente às transposições que trouxe de sua terra, ele seria também intermediador. Os produtos podem ser brasileiros, mas receitas são trazidas de África e de Ásia, que se somam, por sua vez, ao repertório das receitas e dos modos de preparo mais castiçamente portugueses. Essa própria contemporização de ingredientes e modos de preparo é que há de mais essencialmente lusitano. O ponto principal a ser retido não é um item petrificado e concreto de lusitanidade, que sempre se faria presente nos mais variados meios. O que faz algo ser português, para Gilberto Freyre, é muito mais uma questão de permeabilidade; é o dom de se adaptar, de ser ponte de comunicação entre culturas diversas, de transigir e gerar um terceiro elemento, que deve guar-

dar, em primeiro lugar, a mesma capacidade de contemporização entre ambientes e culturas múltiplas.

Há uma agilidade na convivência de ingredientes e maneiras díspares de cozinhar. No entanto, isso não se restringe simplesmente às artes dos acepipes. Pode-se visualizar o processo de adaptabilidade gastronômica, descrito por Gilberto Freyre, como uma metonímia[24] da sua visão de como se deu a colonização portuguesa. Uma das definições desta figura de linguagem é a substituição da causa pelo efeito, assim sendo, a forma como interagem preparos e ingredientes seria o efeito de todo um modo de colonização dessas gentes do extremo ocidental da Península Ibérica. Vimos como se fizeram as substituições alimentícias, no trecho que por nós agora foi analisado; mas tam-

24. Aprofundando um pouco mais a ideia de metonímia vem à baila a seguinte definição de Massaud Moisés: *METONÍMIA – grego metonymía, mudança de nome, meta, mudança, ónoma, nome. Latim denominatio. // Figura de linguagem, não raro identificada com a sinédoque e por vezes confundida com a metáfora, a metonímia consiste no emprego de um vocábulo por outro, com o qual estabelece uma constante e lógica relação de contiguidade qualitativa. Ou conforme Quintiliano (VIII, 6, 23), "um nome coloca-se em lugar de outro nome". Este conceito é uma paráfrase etimológica da palavra 'metonímia'; a sua limitação à esfera nominal é equivocada (Lauesberg 1966-1968, II: 71). // De acordo com a variação do relacionamento entre os termos, a metonímia pode resultar do efeito pela causa, o continente pelo conteúdo, o possuidor pela coisa possuída, o autor pela obra, o inventor pelo invento, o concreto pelo abstrato, o lugar de procedência pelo objeto que dali procede, o significante pelo significado, etc. Ou vice-versa: // "Conversamos cousas várias até que Tristão tocou um pouco de Mozart" (Machado de Assis, Memorial de Aires, 1961:86)(Mozart está por composições musicais de Mozart) // "A véspera da partida, na sala dos damascos, teve elevação e solenidade" (Eça de Queirós; A relíquia, 1945:.68) damascos está por tecidos de Damasco) // "Tomar champanha, conhaque, Madeira"(O nome da bebida está pelo lugar de origem) // "Ler Virgílio"(Ler as obras de Virgílio).* MOISÉS, Massaud: Dicionário de Termos Literários. p. 291.

bém as substituições mitológicas são férteis em sugestões. A menção do ajuntamento da ideia de mãe d'água com a de Nossa Senhora dos Navegantes e também com a de moura encantada, nos auxilia a fazer com que o nosso entendimento abarque mais além. Os conteúdos das combinações e recombinações, sejam quais forem, são os resultados de um processo maior que é composto, na sua quintessência, pela mestiçagem. Uma mestiçagem não estreitamente biológica, mas cultural no seu mais vasto sentido.

Em outro ponto, é nitidamente perceptível a ideia de mestiçagem como traço marcante da identidade portuguesa, que seria transmitido às suas terras colonizadas. Mas o ato, de possibilitar a mestiçagem cultural, traz consigo outras qualidades além da contemporização e da adaptabilidade. Ele vem acompanhado pela agilidade com que tudo isso é executado. E Freyre não nos relata uma agilidade envolta nas brumas do teórico, ela é feita de vidas humanas, que estão a cruzar oceanos, para desempenhar diversas funções.

Bem sabemos que nas primeiras linhas de *Casa-Grande & Senzala* há a menção da mobilidade dos altos funcionários do Império Português. A disposição de levar e trazer homens para os diversos cantos do mundo não seria apanágio dos potentados, pois até nativos das terras colonizadas teriam sido levados para a metrópole[25]:

25. A presença de escravos na metrópole, Portugal, é fato não muito estudado. O argumento defendido por Gilberto Freyre é endossado por Joel Serrão, aproveitamos o ensejo para transcrever o seguinte trecho que brevemente oferece uma síntese do tema: *Importância da escravatura na metrópole. Os escravos desempenharam um papel importante na metrópole. Garcia de Rezende, na Miscelania, traduziu o receio de que eles um dia viessem a ser em maior número do que a gente livre. O humanista Clenardo (1535) escrevia 'os escravos pululam por toda a parte. Todo serviço é feito por negros e mouros cativos'. Feito o desconto, pois o humanista é crítico mordaz e exagerado, podemos avaliar em 10.000 o número de escravos na capital (1551) num total de 100.00 habitantes. Os escravos eram negros, mulatos, índios e mouros. Posteriormente, por alvarás de 23 de novembro de 1606 e 23 de março de 1618, proibia-se que da Índia viessem escravas ou escravos menores de 16 anos. É curiosa a opinião de Sassetti (1578) a respeito das qualidades das diferentes raças de escravos. Diz ele: 'Japões – exercem todas as artes com bom entendimento. Chins – idem, além de cozinharem maravilhosamente e serem dotados de grande inteligência. Mouros da Índia – ninguém os excede em inteligência, na vivacidade dos olhos calcula-se o seu engenho; mas na inclinação, são em geral ladrões finíssimos. Óptimos servidores: negros de Moçambique e regiões equatoriais – baixos e fortes para os trabalhos pesados. Negros de Cabo Verde – são os que aprendem tudo com mais facilidade, até a tocar. São bons para as armas, um pouco soberbos'. Em que se empregavam os escravos na metrópole? Nos trabalhos agrícolas e nos serviços domésticos. Clenardo escreve que são os escravos que vão ao mercado, lavam roupa, varrem a casa, acarretam a água e fazem despejos. Escravos havia-os no campo e na cidade. Em Évora, cidade onde esteve Clenardo, diz ele que 'Por toda a parte topava com negros'. Desde 1472, em cortes os povos afirmavam ver com agrado grande número de escravos, pois secavam os pântanos e entregavam-se aos mais duros trabalhos agrícolas. No século XVI (1552) havia em Lisboa 12 corretores de escravos, que eram conjuntamente de cavalos, e 60 a 70 mercadores dedicaram-se a este tráfico. Ainda em 1655 Manuel Severim de Faria contava que 'por falta de gente portuguesa se servem os mais dos lavradores de escravos da Guiné e mulatos'. Vemos assim que os testemunhos colhidos de 1462 a 1655, quase dois séculos, confirmam o grande número de escravos presentes em Portugal [...] Se, logo desde os primeiros tempos da colonização, os índios de Brasil tiveram tratamento diferente dos negros, a verdade é que só no consulado do Marquês de Pombal lhes declaram inteiramente livres os índios do Brasil; Decretaram a extinção da escravatura na metrópole e concederam aos naturais da Índia direitos iguais aos dos portugueses da metrópole (Alvarás de 2 de abril de 1761 e 15 de janeiro de 1974)* SERRÃO, Joaquim: *Dicionário de História de Portugal.* p.423). Ainda sobre a presença de escravos negros em Portugal é indispensável mencionar o já clássico livro de José Ramos Tinhorão, cf: TINHORÃO, José Ramos: *Os negros em Portugal: uma presença silenciosa.* Lisboa: Editorial Caminho, 1997.

> Sabe-se que, entre outros, Lançarote, escudeiro da casa do Infante, trouxe cativos da África negra a Portugal na primeira metade do século XV. Duzentos cativos, diz o cronista, e entre eles raparigas que foram batizadas, junto com os mais e adotadas pelas casas fidalgas que as tratavam com brandura – instruindo-as, casando-as e dotando-as. Era já o sistema patriarcal das casas fidalgas, que, no Brasil, se requintaria nos das casas-grandes de engenho ou de fazenda. Concorria já naquela época experimental para o bem público através de uma obra de assimilação de elemento exótico na cultura cristã e na família ou na sociedade portuguesa que só esse sistema – ou quase sistema – soube realizar com inteira eficiência e sem sacrifício da afetividade ou da cordialidade que fluía ou decorria de sua própria configuração famialista ou paternalista. Era já o quase sistema português a fazer de meninas-moças de cor, meninas quase iguais às de Bernardim Ribeiro: Poetizadas pelo encanto ou pela graça de afilhadas quase filhas de matronas ilustres; protegidas em seus amores e levadas por essa proteção à doce rotina de casamento estáveis, sólidos, regulares, com dotes[26]

A mobilidade de gentes traz, por conseguinte, a mobilidade de usos, costumes e formas de ser. Enfatiza-

26. FREYRE, Gilberto: *Um Brasileiro em Terras Portuguesas*. p.32 e 33

mos que a forte ligação que o Brasil teria com a nação lusíada, do ponto de vista de Freyre, não se opõe às influências exteriores. O principal é observar que a voz que coordena os intercursos, as trocas e as convivências seguramente possuiria o acento português. O colonizador lusitano possuiria uma grande agilidade. Teria sido ele o agente criador e móvel dentro de seu império; pois com uma população escassa, Portugal teria que movimentar seus homens a todo tempo. Assim procedendo, a influência portuguesa, na obra freyriana, não conter-se-ia no que teria vindo diretamente do Reino de Portugal para cá, ela estaria indiretamente presente nas outras contribuições. A influência dos povos africanos em momento nenhum é desprezada, mas é o português que filtra, que transporta e reinventa o que fora trazido de África. Não teriam eles chegado a transformar nativas africanas em quase meninas-moças de Bernardim Ribeiro? Um outro exemplo significativo seria o papel da mulher indígena e negra. Elas seriam pouco a pouco educadas para fazerem o serviço do lar "conforme os estilos tradicionais da Europa Cristã". O contato mais íntimo, dentro de casa, com mulheres indí-

genas e negras, é um importante fator para a transmissão de essenciais valores de outras culturas não europeias. Mas para que essa troca se dê com eficácia as "asperezas" de outras culturas, que seriam com mais dificuldade assimiladas diretamente, passam por uma espécie de amaciamento. A adaptação em questão só seria possível pelas especificidades do colonizador português que retira a mulher indígena ou negra de um trabalho mais bruto e a coloca dentro de casa, influenciando-a com a cultura luso-cristã nos seus aspectos mais visíveis, o que não significaria que ela fora totalmente europeizada. Ela continuará a ter as particularidades de suas origens.

Podemos reforçar nosso argumento ao dizer que é através do "gênio" português que as sociedades coloniais constituir-se-ão, ipso facto, façamos ainda atenção a um último detalhe que se acha na citação acima. Freyre está a nos falar do navegador Lançarote de Freitas, também conhecido como Lançarote de Lagos, que fora criado e escudeiro do Infante Dom Henrique. Lançarote de Freitas teria sido um dos organizadores, senão o principal deles, do que entraria para a história como "Companhia de Lagos".

Empreitada que tinha por objetivo fomentar o comércio com as partes de África que, por aquela época, já haviam sido descobertas. No referido período as terras que viriam a se tornar o Brasil não eram conhecidas, mas Gilberto Freyre interpreta a ida e a educação das cativas africanas no Reino de Portugal, como manifestação do sistema das casas grandes que, mais tarde, aconteceria na América Portuguesa.

Ora, as ideias básicas que seriam aplicadas na América já estariam sendo gestadas no seio do desenvolvimento histórico da nação portuguesa, antes mesmo que esta tomasse posse das plagas brasílicas. Freyre percebe o português como um diretor teatral, pondo e dispondo dos atores históricos. O diálogo e a troca entre os componentes é constante, os conteúdos podem ser alterados, assim como os lugares geográficos, mas a concepção geral permanece sendo aquela do colonizador.

Em *Um Brasileiro em Terras Portuguesas* são inumeráveis as passagens em que são exemplificados os métodos de adaptação e incorporação das alteridades pelo povo luso. O "exótico", o "diferente", continuam a existir, mas a

partir de uma marca indelevelmente portuguesa. Ao falar dos nomes e sobrenomes adotados pelos africanos esta ideia fica patente:

> O método, em sua pureza de objetivo e de ação transformou em Marias e Antonios lusitanamente da Silva ou dos Santos, muita gente negra e muito negro, de início, literalmente da selva, africanamente dos demônios do mato; e a adoção de nomes cristãos e prenomes portugueses importou quase sempre em civilizar-se, aportuguezar-se, cristianizar-se, domesticar-se o selvagenzinho, a ponto de tornar-se– como já se viu – filho da casa domesticadora, membro da família educadora. A qual, tomando o exótico como escravo, elevou-o muitas vezes a tão bom súdito d'El Rei a tão fiel devoto de Nossa Senhora, a português tão escorreito em seu comportamento e tão castiço em sua fala e só exótico – às vezes atraentemente exótico do ponto de vista erótico – ou estético – em sua cor, em suas formas, em seu cabelo – que não se tornou difícil sua incorporação à sociedade luso-cristã pelo casamento[27]

27. FREYRE, Gilberto: *Um Brasileiro em Terras Portuguesas* 1953.p.34)

Na mesma sequência de raciocínio, nosso autor vai buscar os fundamentos da convivência entre senhores e escravos, nas casas grandes brasileiras, nas plantações do interior de Portugal, mais precisamente, na Estremadura e no Alentejo. O "modus vivendi" que seria típico da nossa história não pode ser visto como um acontecimento peculiar da realidade daqui; ele extrapola o âmbito do que ocorreu na sociedade colonial da América Portuguesa. Ousaria dizer, obviamente ressaltando as grandes diferenças argumentativas, que, segundo Freyre, Portugal afigura-se em nossa história como uma espécie de "mundo das ideias" de Platão, levemos tal afirmação no sentido metafórico. Com essa metáfora não queremos dizer que há em Gilberto Freyre um critério qualitativo, visto que no mundo das ideias de Platão estariam contidas as mais belas e verdadeiras essências dos seres e dos objetos. Portugal se faz uma sorte de "mundo das ideias" no pensamento freyriano, pois ele antecederia os fatos aqui ocorridos. A concupiscência pelas negras e índias seria consequência do amor libidinoso pelas mouras da Ibéria; a relação patriarcal com os escravos, já teria antecedentes com cativos leva-

dos por Lançarote; na culinária – como já foi mencionado – os exemplos seriam uma lista quase infindável de adaptações, com os produtos da flora e da fauna tropicais; e até mesmo, as grandes propriedades da metrópole teriam desenvolvido práticas semelhantes às que mais tarde haveriam de se desenvolver aqui. Mas Gilberto Freyre não faz um juízo de valores. Talvez pense que os traços sócio-culturais, que desabrocharam em nossas terras, tenham até algo de mais positivo. Não devemos olvidar que o Brasil seria a primeira civilização a se desenvolver nos trópicos com caráter de estabilidade e permanência. Nesse ponto, quem sabe, Portugal seria um "mundo das ideias" ao avesso. Os modelos, as formas primeiras, de lá procederiam, mas os desenvolvimentos posteriores, as pequenas adaptações sofridas pela ampla mestiçagem, fariam com que essas cópias fossem melhores e mais inovadoras, por terem triunfado em ambiente hostil e serem ainda receptáculos de novos valores adquiridos de outras culturas. Mas leiamos na íntegra um dos trechos em que Freyre explana sobre as experiências anteriores às do Brasil e nos informa sobre as características das casas grandes que foram

sendo transmitidas, através dos tempos, onde quer que os portugueses se fizessem presentes:

> E com esses acréscimos, expandiu-se essa sociedade sem perder suas características principais: aquela que um moralista – no sentido, não de censor intransigente de quaisquer desvios dos padrões estabelecidos do moral ou de forma social, mas de intérprete compreensivo desses desvios em relação com a normalidade da época ou do meio – não hesitaria em considerar perturbadas, porém não anuladas pelo que representou de aventura ou de risco a grande experiência portuguesa do século XV. Experiência tentada ou realizada dentro das próprias casas-grandes de Portugal e das próprias plantações da Estremadura e do Alentejo, antes de realizar-se nas casas de engenho e nas plantações de açúcar da madeira, de S. Tomé e do Brasil; e no próprio Oriente, sob o comando de um Albuquerque e, um tanto retardada naquela angola, semelhante ao Brasil, a que se referem cronistas menos remotos[28]

Faz-se necessário observar o movimento que é assinalado por nosso autor: a "experiência tentada ou reali-

28. FREYRE, Gilberto: *Um Brasileiro em Terras Portuguesas*.p.34

zada" em Portugal desloca-se para os mais díspares lugares. Acaba por desdobrar-se nas plantações das ilhas atlânticas, no Brasil, vai, até mesmo, no longínquo Oriente e, por fim, vai se fazendo sentir em Angola. Sabemos as razões desse retardamento em Angola. Os olhos da metrópole lusitana deter-se-iam com mais atenção em Angola após a independência do Brasil. Teríamos então o que Omar Ribeiro Thomaz denominou, já no título de seu livro: *Ecos do Atlântico Sul*, isto é:

> Destituído das vantagens do pacto colonial e submerso numa profunda crise, Portugal encontra no tráfico e no comércio de outros bens importante fonte de recursos que o mantém atrelado ao Brasil, o que emperra a formação de colônias na África. Uma vez extinto o tráfico de escravos, os ecos do "Atlântico Sul" – ecos poderosos, pois dizem respeito a realidades materiais extremamente lucrativas – far-se-ão sentir por muitas décadas. A imagem do Brasil e dos extremos lucros dele advindos alimentará continuamente a perspectiva de um terceiro império português.[29]

29. THOMAZ, Omar Ribeiro: *Ecos do Atlântico Sul*.p.48

Nosso autor parece apreender, de alguma maneira, esse sonho de transformar Angola em um "segundo Brasil", chega mesmo a dizer: "semelhante ao Brasil". Mas no pensamento Freyriano esse desejo não é simplesmente um projeto político e econômico, ele transcende o meramente estratégico. É a manifestação de uma série de *leitmotiven*, de um certo modo português de estar no mundo. Esse modo pode até ser extremante aberto, flexível, enfim, camaleônico, mas nem por isso, deixa de ser, em si mesmo, um conjunto de características fortes o bastante para transmitir esse lusismo. Podemos ver o lusismo como uma herança fatídica, ou como um bem supremo – como é obviamente o caso de Freyre – mas um dos aspectos importantes e particulares da interpretação freyriana é o caráter inalienável de continuar sendo português. Os detratores das teses de Gilberto Freyre ficariam exasperados ao ter diante deles a constatação de tal fato. Já os admiradores de Freyre mostrariam as vantagens da lusitanidade. Mas a riqueza argumentativa reside na construção de uma chave interpretativa que nos coloca, tal qual os habitantes das outras antigas colônias, como – e apesar de tudo – ainda

herdeiros e dependentes culturalmente do espírito da terra de Camões.

Diríamos, metaforicamente, que seria por essa razão que o painel de azulejos poderia estar no solar de Apipucos, em pleno Nordeste brasileiro, e ainda assim estar em Portugal. Lembremos que o senhor do dito solar é aquele que pensara as características brasileiras, através de um prisma português. Freyre faz com que as "cousas" de nossa história fossem comparáveis aos movimentos de uma grande sinfonia, que teria começado na madrugada dos tempos da nacionalidade portuguesa. Talvez bem antes até de Afonso VI de Leão fazer de seu genro, Henrique Conde de Borgonha, senhor das terras nas proximidades entre o rio Minho e o rio Tejo. Freyre não remonta às migrações pré-históricas entre Europa e África para justificar as particularidades da Península Ibérica?

A Ilha da Madeira é um dos lugares em que Gilberto Freyre vê os alvores do que viria a ser mais tarde a sociedade brasileira. Como seguramente podemos constatar, nosso autor está a todo tempo tecendo comparações, tentando distinguir vestígios que explicassem a formação

do Brasil, mas também faz comparações entre os "filhos" da colonização portuguesa. É com afinco que Freyre faz das paisagens, dos modos do povo, dos objetos e receitas do cotidiano um documento histórico. São nesses velhos textos não escritos que pretende descobrir uma genealogia cultural, entre os povos do complexo lusotropical. Assim justifica Freyre a importância da Ilha da Madeira para os brasileiros:

> Madeira é uma ilha como não acredito que haja igual no mundo, não só para os olhos de um inglês como para os olhos de um brasileiro. Aos ingleses ela oferece encantos tropicais em águas ainda europeias. Para o brasileiro o maior encanto da madeira está menos na sua paisagem sempre de dia de festa que lembra ao brasileiro, em águas já da Europa, a natureza mais festivamente tropical do Brasil, do que no próprio passado português da ilha: a ilha onde o Brasil começou a ser Brasil. Onde ensaiou-se, experimentou-se, esbouçou-se a colonização portuguesa da América tropical. É à Madeira toda que o brasileiro, de passagem por ilha tão ligada ao Brasil, deve um profundo "muito obrigado[30]. (Freyre 1953.p.280)

30. FREYRE, Gilberto: Um Brasileiro em Terras Portuguesas. p.281

Percebe-se bem a diferença entre os sentimentos provenientes de um inglês e de um brasileiro que se defrontam com as paisagens da Ilha da Madeira. O inglês teria uma percepção, na melhor das hipóteses de um bom turista. Mas já o brasileiro deveria enxergar muito mais do que as belezas naturais, pois ele encontrar-se-ia com formas semelhantes às brasileiras. Ali teria sido a terra em que começara o Brasil, antes de qualquer descobrimento, antes de qualquer ano de 1500. O passado da nacionalidade brasileira vai encontrar-se com o "próprio passado português da ilha". Dessas observações de nosso autor sobre a Ilha da Madeira, podemos tirar algumas conclusões. Isso é mais um indício da relação da nossa história com aquela de Portugal. Já vimos que as experiências das casas-grandes da Estremadura e do Alentejo, tiveram como fruto a experiência das nossas casas-grandes; a Ilha da Madeira é deslindada a partir do mesmo procedimento. Para Freyre é impossível interpretar a sociedade brasileira levando em consideração somente seus respectivos limites temporais e geográficos. Os homens que fizeram o Brasil estariam impregnados de passado, não seria possível constituir determinada interpretação que não levasse em conta os diversos "ensaios" anteriores, as origens fundadoras. O Brasil não poderia ser compreendido em si mesmo, pois os tempos pretéritos de nossa colonização seriam ricos mananciais de outras vivências, que tiveram lugar em outros momentos e espaços. Além disso, a experiência de nossa formação histórica teria sido enriquecida, também e constantemente, pelas experiências passadas e simultâneas dos portugueses no trabalho de colonização de outras plagas longínquas.

Se alguns recentes historiadores tentaram ver a colonização do Brasil não como um desenvolvimento restrito às atuais fronteiras geográficas do Brasil, mas como um complexo que englobava todo o império português, com toda certeza, esse olhar sobre a nossa história já se faz presente nitidamente no pensamento freyriano[31]. Mas

31. O pioneirismo de Gilberto Freyre, quanto à integração da história da América Portuguesa com o restante das experiências sociais e históricas no resto do império português, é confirmada com extrema acuidade pelo emérito Alberto da Costa e Silva, quando este diz: *a Ilha de Moçambique é o testemunho de uma longuíssima aventura histórica, na qual nos incluímos. Daí o arrebatamento de Gilberto Freyre, que foi ter a essa ilha como Gama à dos Amores, após ter descoberto, com olhos de ver, a sua Índia. E foi de lá que ele nos ditou a lição: É urgente que se comece a ver o Brasil de fora para dentro e a ligá-lo ao resto do mundo, pois boa parte de nossa história, da história dos brasileiros — Gilberto nos dizia baixinho — desenrolou-se nos oceanos e no além-mar. E começou com a busca da pimenta em Calicute.* (COSTA E SILVA, Alberto: *Pelas Mãos do Oleiro*.p.118 e 119)

Freyre vai mais longe, pois enfatiza o português como ponto nevrálgico dessa interação transoceânica.

Em janeiro de 1952, Gilberto Freyre, em discurso ao ministro do ultramar português Sarmento Rodrigues, agradece pela viagem que realizara às terras ultramarinas de Portugal. Agradece, da mesma forma, o exemplar de *Os Lusíadas*, dentro de uma rica caixa de prata, a ele ofertado e até hoje existente em seu museu, no solar de Santo Antônio de Apipucos no Recife. Mas o importante é analisar as palavras proferidas no referido discurso. O que foi dito por Gilberto Freyre, no Ministério do Ultramar, pode ser compreendido como uma pequena síntese das suas impressões de viagem, elas assumem maior relevância quando temos em mente que o pronunciamento é feito especialmente àquele que o convidara oficialmente a empreender a longa viagem; são os momentos derradeiros da visita. Nosso autor peremptoriamente diz que encontrara entre as gentes das terras por onde passou um elemento comum que as ligaria em uma identidade, não sei se digo, lusófona, ou então, simplesmente, de origem portuguesa. Nesse pequeno discurso, Freyre não sintetiza somente suas

impressões de viagem. No que concerne à interpretação por nós apresentada pode-se igualmente considerar a seguinte frase de Freyre como um apoio para nossas hipóteses; afirmaríamos mais, ela é uma espécie de síntese que nos é ofertada pelo próprio autor: "Encontrei em todo o ultramar o mesmo sentimento de lusitanidade que prende os brasileiros a Portugal. **Não se consegue separar o Brasil do povo português**. Somos verdadeiramente sem retórica uma só família.[32]" [Os grifos são nossos.]

Freyre ressalta que sua afirmação não tem retórica. Ora, para nossa investigação isso poderia ser considerado como um precioso indício da sinceridade do autor. Sem sombra de dúvida, se assim o fizéssemos, a declarada falta de retórica viria a corroborar com a hipótese interpretativa que aqui é defendida; mas, por outro lado, resvalaríamos na ingênua aceitação do que Freyre simplesmente afirma. Entretanto, enquanto leitores competentes, podemos também pensar que, ainda assim, suas palavras estão impregnadas da melhor retórica. O que obviamente é verdade. Visto que todo texto requer a interação de numero-

32. Freyre, Gilberto: *Um Brasileiro em Terras Portuguesas*, 1953.p.261

sas informações que extrapolam os limites do texto, é preciso transportar-se para a ocasião.

Há solenidades por todas as partes. Gilberto Freyre recebe uma magnífica edição de *Os Lusíadas*, como já dissemos. Quando da publicação do discurso, em *Um Brasileiro em Terras Portuguesas,* há uma nota de pé de página que nos explica com riqueza de detalhes como era o presente recebido. Esta nota parece trazer um tanto da solenidade do momento para o leitor que, cinquenta e oito anos depois da ocasião, se põe a ler o discurso. Assim é dito, na margem inferior da edição de 1953, da Editora José Olympio, a respeito do presente do governo português.

> Trata-se se uma edição especial fac-similada, do exemplar existente na Biblioteca Nacional dentro duma caixa de prata lavrada como as quinas de Portugal, onde se lê a seguinte inscrição 'A Gilberto Freyre este livro, que é a síntese do mundo lusíada, como lembrança que lhe recorde, na quarta parte nova a sua visita à pequena lusitana e ao ultramar português. Lisboa, 29 de janeiro de 1952. Sarnento Rodrigues, ministro do ultramar[33]

33. FREYRE, Gilberto: *Um Brasileiro em Terras Portuguesas*. p.263

Nossa ressalva justifica-se, pois desejamos mostrar que – querendo ou não Gilberto Freyre – suas palavras tinham sim alguma força da retórica[34]. Aliás, todo livro é perpassado por certo grau de solenidade, o que acaba gerando, por conseguinte, um tipo de tempero retórico.

Não podemos nos esquecer de que *Um Brasileiro em Terras Portuguesas* é fruto de uma viagem oficial. O livro é composto em sua maior parte por discursos e conferências que ao longo dessa viagem foram feitos. Mas nossa constatação, de que há laivos retóricos no transcorrer dos textos, não invalida em absoluto nossa hipótese. Aliás, Freyre faz mais uso da retórica do que aparentemente se possa pensar; contudo, não se trata da mesma da intelectualidade bacharelesca. Mas a tentativa de apreender certos aspectos da sociedade faz com que ele se utilize de frases sonoras, que nos transmitem, com a vivacidade de um estilo ímpar, as suas considerações. É suficiente nos lem-

34. Gilberto Freyre era notoriamente um opositor da retórica.Chegou, mesmo na sua poesia, *Bahia de todos os santos e de Quase Todos os Pecados*, a declarar o seu desprezo pelos "ruisbarbosas", referindo-se a Ruy Barbosa, célebre por seus discursos.Para maior detalhamento, dessa sua posição perante à retórica , remetemos o leitor ao nosso anexo: *Professor Edson Nery da Fonseca: Um Depoimento Freyriano*. Mas o que constatamos é que, sendo a retórica a arte de bem falar e convencer, o estilo de Gilberto Freyre não deixa de ter essas características. No entanto, não se fazem sentir através dos tradicionais meios retóricos. A retórica de Gilberto Freyre é toda própria, seguindo, muitas vezes, o tom de uma conversa.

brarmos das passagens de *Casa-Grande & Senzala* quando descreve os senhores de engenho moles, à semelhança de uma sorte de geleia, dentro das redes; ou ainda quando fala da brutalidade da escravidão, ele descreve o crepitar de negros a se estourarem dentro de fornos. Em *Ordem e Progresso* fala dos "mártires" da Europa do Norte, que aqui morreram em consequência de doenças e males tropicais, que seriam, a seu ver, uma espécie de resistência do trópico ao adventício louro. São imagens que nos são quase palpáveis. Freyre utiliza-se sim de certa retórica, mas não aquela de um discurso vazio. A sua retórica é literária e insere-se na obra como um instrumento para deter instantes fugidios da história e, até mesmo, da natureza humana.

Bem sabemos que Freyre gostava de se filiar à tradição literária dos escritores hispânicos. Segundo ele, aqueles que não eram estritamente ortodoxos, mas sim capazes de mesclar as experiências de vida com as conclusões de estudos e trabalhos intelectuais. Freyre assinalava da mesma forma as idiossincrasias das ciências humanas, referia-se a seu método "empático", ou seja, tentar desdobrar-se em outros, para vislumbrar perspectivas diversas.

Podemos fazer uma aproximação dessa forma freyriana de interpretação com o que foi descrito por Carlo Guinsburg como "paradigma indiciário". A retórica freyriana inscreve-se aí, ela é, na verdade, uma possibilidade de apreensão do humano; ela é inerente à sua interpretação, não é mera alfaia ou atavio da linguagem. Skidmore, talvez, aproxime-se do ponto que agora abordamos, ao tecer alguns comentários sobre a linguagem freyriana e sobre os críticos da obra:

Diz Skidmore: "Freyre empregava uma linguagem e um conjunto de conceitos que o século XX parou de usar, e ele não. Isto não torna Freyre menos relevante para os nossos dias, desde que os ecos daquela linguagem e daqueles conceitos ainda estão conosco em um grau que talvez não gostemos de admitir[35]".

Skidmore ainda aponta para um interessante outro ponto, a respeito da linguagem freyriana, que para nós é útil de se abordar. O brasilianista inclui entre as características do texto de Gilberto Freyre o que aqui denominamos

35. SKIDMORE, Thomas: Raízes de Gilberto Freyre in KOMINSKY, Ethel Volfzon et alii: *Gilberto Freyre em Quatro Tempos*. p.64

de certo tipo de retórica. É verdade que para Skidmore esse tipo de efeito tem uma participação muito maior no que tange o mero estilo; chegando a sugerir que seria muito mais um dos excessos do autor pernambucano, do que um instrumento para transmitir e fixar suas interpretações históricas e sociológicas.

Concordamos com as constatações de Skidmore, quanto à construção narrativa de Freyre, porém pensamos ser esse componente essencial e de grande criatividade para as disciplinas que compõem as denominadas "ciências humanas". Para o historiador americano, o "método desorganizado" de Freyre causaria impacto no leitor e facilitaria o acesso à sua obra, quer dizer:

> Os leitores podiam folhear o enorme volume à vontade, pegando pedacinhos individuais de conhecimento conforme liam. Não obstante a prodigiosa pesquisa feita para a obra, Casa-Grande parecia um livro de recortes, não um livro culto. A recusa de Freyre em seguir o formato acadêmico normal, na realidade aumentou a sua acessibilidade ao leitor[36]

Malgrado essas nossas discordâncias interpretativas com Skidmore – no que diz respeito ao lugar e a importância do que identificamos como certo viés de "retórica literária" na obra freyriana – achamos ser ilustrativas e perspicazes suas observações. É preciso esclarecer que a singularidade do estilo freyriano é realmente bem diversa do que atualmente estamos acostumados a ler em textos acadêmicos. A institucionalização, cada vez maior, do sistema de produção do conhecimento, na segunda metade do século XX e que se estende até os dias de hoje, imprimiu nos textos das ciências humanas parâmetros redacionais que se diferem nitidamente da escrita de Gilberto Freyre. Ele possuía uma desvelada preocupação estética e jamais abriu mão de redigir seus livros enquanto obras igualmente literárias. É provável que resida nesse aspecto o estranhamento causado a Skidmore.

Devemos ultrapassar as barreiras que nos conduzem a ver toda retórica como mera técnica de convencimento para discursos vazios. O que Skidmore qualifica

36. SKIDMORE, Thomas: Raízes de Gilberto Freyre in KOMINSKY, Ethel Volfzon et alii: *Gilberto Freyre em Quatro Tempos*.p.57

como "generalizações chocantes", preferiríamos dizer que são trechos demonstrativos da arguta perspicácia, de um pensamento que se utiliza do instrumental literário e das ciências humanas, com o objetivo de destacar determinados pontos de vista que de forma alguma deixam de ser válidos. Mas agora leiamos o que diz Skidmore, agora, já tendo em mente um outro lugar e uma outra importância do estilo na tessitura do pensamento do autor aqui estudado:

> *O efeito total no leitor era como se ele fosse um turista, visitando uma floresta tropical bem sinalizada. Como guia, Freyre projetou uma exuberância e um otimismo que cativam o leitor. Ele também era capaz de desafiar o leitor com generalizações chocantes como quando escreveu sobre herança racial: "todo brasileiro: mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo – há muita gente de jenipapo pelo Brasil – a sombra ou pelo menos a pinta do negro"*[37]

Mas nossas elucubrações a respeito da estilística freyriana – se assim podemos qualificá-las – não há de nos

37. Idem

desviar do bom caminho. Havíamos iniciado estas exatamente quando analisávamos as palavras proferidas por Gilberto Freyre ao ministro Sarmento Rodrigues, já no fim da viagem ao Ultramar. Freyre diz não haver retórica, nós o contrariando afirmamos que a presença dela é explícita, ainda que negada pelo autor. Poderíamos tomar uma direção semelhante a de Skidmore e ver aquele discurso – assim como os outros – como expoente, mais do que nunca, das "generalizações chocantes" de Freyre. Mas após a breve reflexão sobre os contornos que são assumidos pelo estilo de Gilberto Freyre, poderemos percebê-lo com mais acuidade quando o tivermos diante de nossos olhos e em nossos ouvidos. Pois, faz parte também do estilo Freyriano uma interpretação histórica e sociológica que deixa as letras do papel e se faz viva pra atingir os sentidos, despertando cores, cheiros e sons.

Ao dizer que não consegue separar o Brasil do povo português, Freyre apreende, ao seu estilo, uma mensagem que poderia transmitir de forma mais comedida ou parcimoniosa. Mas o seu método não é gradativo, não é estruturado lentamente sobre uma contensão de expressões e

frases. O método de Freyre é tão profícuo – arrebatador mesmo, diríamos nós – como o apetite sexual dos portugueses que aqui começaram a desembarcar, nos pretéritos tempos de Dom Manuel, O Venturoso. É preciso que nos defrontemos com as palavras de Freyre dentro de uma lógica argumentativa, que ele expõe, seja tácita ou muitas vezes explicitamente. Criticar o seu método e estilo, sempre tendo por base paradigmas e modelos estritamente acadêmicos e supostamente científicos, é empobrecer as ideias e as formas por ele apresentadas. Será de maior valor para a nossa reflexão tentar buscar a visualização do projeto a que se propôs o autor; sem querer enquadrá-lo em modelos fechados.

A ligação entre Brasil e Portugal, que "não se consegue separar", é uma das razões para a nossa metáfora primeira, o painel de azulejos. Gilberto Freyre pensa além do Brasil, porque como bem se vê nossas continuidades históricas seriam muito profundas. Enquanto pensa a formação brasileira, ele está também – propositalmente ou não – construindo uma visão sobre a história de Portugal. Quem sabe, pudéssemos dizer que é por isso mesmo que

o painel de azulejos – relíquia histórica, que não poderia deixar Portugal – estaria ainda dentro de seus limites "legais" e "territoriais" quando próximo de Gilberto Freyre; mesmo estando em pleno arrabalde de Apipucos no Recife.

A metáfora permite que vejamos as ideias de Freyre como um constante ir e vir entre Portugal e Brasil. Sabemos perfeitamente do repúdio que nosso autor tinha por uma história que fosse organizadamente cronológica e política. O tempo construído entre a metrópole e a colônia, no singrar incessante das caravelas e dos navios, seria muito mais espesso do que possamos imaginar; seria muito mais longo do que qualquer grito às margens do Ipiranga. A independência política do Brasil, com toda certeza, não nos teria separado de Portugal. Pensar o Brasil seria impossível, se não levássemos em conta a história e a cultura portuguesa.

Faz-se necessário, porém, observar nuanças do pensamento de Freyre, um importante traço da sua visão de mundo é o que denominaríamos de "complementaridade". São partes que possuem suas idiossincrasias, mas

nem por isso despojam-se de uma articulação maior com o todo. Estamos visualizando aqui a ideia que ele possuía sobre as "regiões" e como estas interagem em um todo maior. A individualidade da região não exclui a sua participação em um complexo cultural mais amplo. Gilberto Freyre defende um lugar de destaque para o regional, no que concerne não somente à interpretação da sociedade brasileira, mas igualmente à organização política e social do Brasil. Quando foi deputado federal defendeu propostas que levassem em conta as particularidades e diferenças de cada região.

Mas à constatação de particularidades regionais, acrescenta-se a de motivos maiores que se fazem sentir e dão sentido ao conjunto de regiões e até de "subculturas" – entendamos a expressão "subcultura" no sentido de subregiões. Essas regiões, para Gilberto Freyre, completar-se-iam, compondo, ao fim, um conjunto que poderíamos chamar de nacional ou brasileiro. Mas este último, por sua vez, ligar-se-ia ao mundo da cultura lusíada. É dentro desse mundo lusotropical que deveríamos olhar o Brasil e, por conseguinte, suas variadas regiões.

Como já dissemos páginas atrás, o português teria deixado sua marca, até mesmo, no que há de mais regional ou de invenção mais tipicamente brasileira. Reforçaremos agora esse ponto, por nós defendido, deslindando um trecho, no qual Freyre assinala os diversos graus das mais variadas influências em distintas regiões do Brasil. O importante é notar como ele constrói o argumento: às influências negras e indígenas acrescenta sempre o elemento de composição "luso", fala-nos de "luso-ameríndia" e "luso-africana". Por fim, admite que existiriam áreas onde a substância não seria a mais corriqueiramente esperada, haveria predominâncias alemães, italianas e polonesas. Mas isso não invalidaria como as formas luso-tropicais dispor-se-iam, seguindo sempre os modelos ou sugestões criadas pelos lusos em terras tropicais:

> No Brasil, valores regionais, quando não provinciais, concorrem hoje para um sistema nacional não só de convivência étnica e socialmente democrática, como de civilização extraeuropeia e não apenas subeuropeia: Sistema forte, precisamente pelo fato de o enriquecerem energias tão diversas como a gaúcha –

> muito cheia de tradições hispano-árabes e guaranis e que em literatura já produziu a obra-prima que é o Negrinho do Pastoreio –, a paraibana, a maranhense, a pernambucana, a cearense, a baiana, a paulista, a mineira, a fluminense, a espírito santense, a paranaense, a catarinense, a goiana, a piauiense, a norte-rio-grandens. Várias outras subculturas regionais dão diversidade à cultura lusotropical do Brasil. A predominância de substância lusitana ou luso-ameríndia ou luso-africana, em umas áreas contrapõem-se noutras, predominâncias de substância alemã ou italiana ou polonesa. Todas porém dentro de formas lusotropicais de convivência[38].

Nossa hipótese, sobre uma das características do pensamento freyriano – a base da nossa cultura seria portuguesa, mesmo onde os elementos africanos ou indígenas deixaram as suas marcas indeléveis – parece estar explícita na maneira como as antagônicas influências culturais, acima expostas, harmonizam-se em "formas luso-tropicais de convivência". Novamente é importante lembrar que o colonizador português e o seu legado cultural têm a capacidade de operar, de modificar, e de reinventar a cultura,

38. FREYRE, Gilberto: *Um Brasileiro em Terras Portuguesas*. p.134

seja a do gentio, seja a dos escravos africanos, seja aquela dos imigrantes alemães e italianos, entre outros. O português faz-se assim uma espécie de demiurgo, que busca povos, temas, técnicas e saberes, nos mais variados e longínquos rincões da sua expansão, para melhor adaptar-se, construir e ter êxito nos projetos de colonização. Seria justamente por isso que o português teria triunfado onde outros povos fracassaram.

É possível esboçar um esquema de "complementaridades", para melhor entendermos o ponto de vista de nosso autor. Primeiramente, haveria as regiões e, já no seio dessas mesmas, haveria a presença de diferenças culturais menores, seriam as "subculturas". Da articulação entre as regiões surgiria o nacional; no entanto, engana-se o leitor que pensar ser este o *punctum saliens.* O nacional só será investido de sentido quando for apreendido na sua "unidade de sentimento e de cultura". As regiões seriam espécies de microcosmos espalhadas pelos territórios de colonização portuguesa; Portugal teria suas regiões, assim como Angola e a Índia portuguesa. Essas regiões forma-

riam entidades maiores: o nacional, pelo menos no caso de Brasil e Portugal.

É sempre bom lembrar que os outros territórios eram ainda colônias portuguesas e não temos subsídios para afirmar que Freyre já percebia algo que correspondesse ao nacional em Angola, por exemplo. Limita-se a fazer uso de expressões como "portugueses da Europa e do ultramar", pelo menos, ao longo de sua viagem de agosto de 1951 a fevereiro de 1952. Ousaríamos dizer que também não seria conveniente ressaltar aspectos nacionais em relação às colônias, pois Portugal tentava a todo custo mantê-las. Seja como for, extrapolaríamos os limites de nossa proposta ao abordamos tal questão. Além disso, acabaríamos por resvalar em uma discussão direta e muito específica sobre o salazarismo e suas implicações com a obra de Gilberto Freyre, tema que – diga-se de passagem – acaba por obscurecer e relegar toda a reflexão de Freyre ao viés estritamente político. Sem retirar a importância desse enfoque, podemos afirmar que nossa leitura almeja mostrar aspectos da luso-tropicologia que são até hoje de grande interesse para os estudos históricos e sociológicos.

Seguramente, a relação das colônias portuguesas com a ideia do nacional, em Gilberto Freyre, põe-se em aberto. Mas isso não impede que possamos dar prosseguimento a nossa tentativa de esquematização, após essas breves, porém necessárias ressalvas.

O regional e o nacional só se tornariam inteligíveis, para aquele que se aplicasse com afinco em interpretações históricas, se fosse percebida a importância de uma instância que os englobaria, dando um sentido maior para a cultura dos povos lusófonos. É nesse momento que surge diante de nós o mundo que o português criou com sua sociedade lusotropical. O Brasil seria uma parte de um amplo conjunto espalhado por outros continentes e no epicentro dessas diversas complementaridades haveria Portugal, visto que o elemento de unidade transnacional seria o legado português:

> Mas as províncias que fazem do Brasil um todo nacional sob cuja unidade palpita uma tão saudável diversidade não se completam formando apenas o Brasil. Por um processo como que natural mas na verdade social, de integração, que ultrapassa os lim-

ites ou as condições nacionais, **as províncias brasileiras completam-se como unidade de sentimento e de cultura formando não apenas uma nação mas um mundo espalhado pela Europa, pela América, pela África, pelo Oriente e que é o mundo de língua e de tradições lusitanas**[39]. [Os grifos são nossos]

Freyre diz haver no Brasil uma saudável diversidade, mas isso não exclui a unidade do mundo lusófono e de tradições lusitanas. São elementos complementares que, à primeira vista, podem parecer contraditórios – desprovidos de sentido até – ainda que sejam contraditórios, eles assumem pleno sentido. Freyre chegou mesmo a desenvolver algumas tentativas para tecer uma interpretação, tanto dos povos lusófonos como hispanófonos, no ano de 1975, lançou o seu livro *O Brasileiro entre Outros Hispanos* que trata sobre esse tema. O pensamento de Freyre, em grande parte, constrói-se através de complementos que possuem uma tensão de opostos, o autor está sempre, de uma forma ou de outra, lidando com essas contradições, mas sempre tentando dar um sentido a estas, indicando o

39. FREYRE, Gilberto: Um Brasileiro em Terras Portuguesas. pp.134,135

ponto de contacto ou de diálogo entre as complementaridades. Poderíamos listar: o regional com o nacional e com o transnacional; o sociólogo ou o historiador com o escritor literário; o conjunto de sua obra com o seu relato biográfico; e até mesmo o conservador com o progressista. A relação de Portugal com o Brasil e, por conseguinte, com o ultramar português insere-se nessa enumeração de complementos, que muitas vezes, estão em tensão, porém, já em outras, essas tensões arrefecem-se.

Pretendemos agora focar nossa atenção para um ponto mais preciso das complementaridades. Esperamos que explicando como Freyre vê o Portugal da atualidade – queremos dizer o da década de cinquenta – e o Portugal dos tempos impetuosos da colonização, estabelecem-se mais dois aspectos diferentes que se complementam. Entretanto esse completar-se faz-se sob o signo da harmonia.

Portugal nos anos de 1950 aparece para Freyre como um país bucólico, cheio de lirismo e serenidade, diferente do passado. Se os portugueses dos tempos de antanho tinham um espírito aventureiro que beirava o dionisíaco, os portugueses que então recebem Gilberto Freyre

demonstram características mais brandas, doces e pacatas. Poderíamos dizer que temos aí mais dois conjuntos de diferenças, mas que se complementam de forma harmônica, porém nem por isso deixam de ser opostos, ainda que se encontrem amaciados pela maturidade dos tempos. Ora, esse sereno estado de espírito encontrado por Gilberto Freyre nas gentes portuguesas, ao longo da sua viagem, parece ter sido transportado para a própria análise das sociedades lusófonas. O quadro de relações que viemos a mostrar até aqui, parece apontar para tais fenômenos. A estreita ligação histórica e cultural do Brasil com Portugal e uma divisão política que chega ao ponto de dissolver-se ao sabor de tantas proximidades, faz-se sob o signo do equilíbrio, mas, dessa vez, equilíbrio de complementaridades. Diríamos que em alguns momentos há no pensamento de Freyre "antagonismos em equilíbrio[40]"; já em outros há complementaridades em equilíbrio. O que desejamos aventar são duas formas de conciliação de extremos, encontradas no pensamento freyriano. Primeiramente,

40. BENZAQUEN DE ARAÚJO, Ricardo: *Guerra e Paz a Obra de Gilberto Freyre nos Anos 30.*

haveria extremos que conviveriam juntos, mas de forma sincrética, ou seja, sem despojar-se de suas idiossincrasias qual "água e azeite". É o que haveria no modo de ser e agir na época dos descobrimentos da colonização portuguesa. A agilidade dos desbravadores dos mares, assim como as atrocidades mescladas com uma volúpia irrefreável, que dominaria a vida nas casas-grandes e senzalas, seriam expressões desses "antagonismos em equilíbrio", isto é:

> Essa concepção envolve, a meu juízo, uma compreensão da mestiçagem como um processo no qual as propriedades singulares de cada um desses povos não se dissolveriam para dar lugar a uma nova figura, dotada de perfil próprio, síntese das diversas características que teriam se fundido na sua composição. Desta maneira, ao contrário do que se sucederia em uma percepção essencialmente cromática da miscigenação, na qual, por exemplo, a mistura do azul com o amarelo sempre resulta no verde, temos a afirmação do mestiço como alguém que guarda a indelével lembrança das diferenças presentes na sua gestação[41].

41. Idem p. 44

Mas já em um segundo momento, Portugal configura-se de uma outra maneira. E é essa mesma maneira de se completar que vai estar presente na forma como Gilberto Freyre vê os povos de língua e cultura portuguesa. O mundo lusotropical não se assenta em um todo formado por partes desarmônicas. As diversas complementaridades, que vão do regional ao mundo lusotropical, estão apaziguadas. Estas não deixam de ser tensões, mas são tensões que se aquietaram numa espécie de maturidade histórica de um povo, o que contrapor-se-ia aos antagonismos tensos e não conciliados da época dos descobrimentos.

O Portugal quinhentista seria como um jovem – se nos é lícita a comparação – cheio de ideias que se chocam, confrontam-se e não param de se agitar. O Portugal dos 1950 seria como um velho sábio, ainda com ideias diversas, opostas mesmas, mas agora com a experiência e a maturidade dos tempos vividos a acamá-las; não mais com o desvario das contradições indomáveis. As contradições na velhice afiguram-se como rica fonte para a pluralidade de espírito, para benevolência com as ambiguidades do Homem. São os distintos pontos de vista que já teve, vivenciados e modificados, que agora formam um dos mananciais da experiência do velho sábio. Como bem definiu Benzaquen de Araújo:

> Acontece que a idéia de rotina, tal como discutida por Gilberto, não deve de maneira nenhuma ser entendida como o oposto, a antítese da aventura. Longe disto, ele insiste em ressaltar casos como de Dom João de Castro e sua 'saudade no meio das guerras do Oriente, da terra que deixarem Sintra... pelo seu gosto, depois dos quarenta anos, teria vivido entre árvores de Sintra, vida tranquila de rotina, e não no Oriente, vida de aventura... caso típico como Castro forte, outros portugueses... tem sempre sonhado em se aquietarem um dia na doce rotina de vida suburbanamente agrária em alguma quinta, se não em Sintra, que é o sítio ideal para as quintas desse tipo, em recatos menos famosos pela situação ou pela paisagem ou pelo solo mais onde possam cultivar suas couves, suas vinhas, suas oliveiras'// A rotina, portanto, não é aqui definida com um estado simultâneo, paralelo à aventura, ao qual esta irá se contrapor e ao mesmo tempo acentuar (cf.Simmel,1998). Ao contrário, a aventura acaba sendo tratada como se fosse um sacrifício, um esforço dotado de uma tecnologia, orientada para um objetivo final,

> que seria precisamente a possibilidade de se desfrutar do 'doce' e 'suave' cotidiano, cujo maior emblema parece ser as quintas portuguesas. **Nesse sentido Portugal nos anos 50 do século XX termina sendo descrito por Gilberto como um país pronto, digno e maduro, envolvido por um idealizado clima de tranquilidade, às vezes um tanto ou quanto decadente, mas perfeitamente compatível com a sua definição como um 'jardim a beira mar plantado'**[42]
> [Os grifos são nossos]

A ideia de Gilberto Freyre, que Portugal nos anos 50 seria "um jardim a beira mar", faz-se sentir, igualmente em *Um Brasileiro em Terras Portuguesas*. Tal sentimento é perceptível com mais clareza na parte intitulada *Muito Obrigado*. Neste trecho do livro, Freyre agradece a todos que o receberam e o acolheram ao longo da viagem a Portugal d'aquém e d'além mar. Mas não sem antes tecer algumas considerações sobre as formas de sentir dos portugueses. Inicia alegando que sua: "oratória foi sempre má embora o agradecimento sempre fosse sincero"; confessa com uma aparente falsa modéstia ter passado por embaraços na hora de expressar a sua gratidão, pois seria "quase tartamudo com excessivo pudor de sua ternura e de seu sentimento." É a partir desse ensejo, isto é, a necessidade que os portugueses têm que as palavras toquem diretamente o coração, que Gilberto Freyre constrói um quadro no qual nos apresenta a gente lusitana como amante do choro e da emoção. São características que fomentam a ideia de um Portugal plácido, cheio de afabilidade e ternuras. Lembra-se dos escritos de Camilo Castelo Branco e de Eça de Queirós, mas considera o primeiro "o mais castiçamente lusitano". Até o chofer, que conduzira Freyre pelo norte de Portugal, "não deixou que escapasse [aos olhos dele, Gilberto Freyre] um só trecho de paisagem marcada pela literatura sentimental de Camilo". Por mais aventureiros que sejam as gentes lusitanas não se esqueceriam do acalanto do lar e dos seus próximos; para comprovar esta afirmativa cita o nome de vários portugueses que foram ao mesmo tempo fortes, mas também sentimentais; temos assim, o mesmo processo psicológico que nos foi descrito com Dom João de Castro no livro *Aventura e Ro-*

42. BENZAQUEN DE ARAÚJO, Ricardo: Castelos no Ar: Notas sobre Portugal em Aventura e Rotina in *Anais do Seminário Novo Mundo nos Trópicos*. p 157

tina. A aventura e a rotina completam-se, os portugueses trariam em si ambas características.

O próprio Portugal, enquanto Estado ao longo da trajetória histórica, manifestou os dois pendores. À aventura dos tempos dos descobrimentos haveria sucedido uma doçura rotineira, um aconchego em aquietar-se na maturidade dos tempos passados. A aventura parece conter em si a própria rotina; a placidez, que encontrara Freyre, no Portugal da época de Salazar, era o resultado de um povo heróico que desfrutava então da bonança advinda da experiência dos tempos de mocidade. Portugal estaria assim no tempo da serenidade, depois dos arroubos da juventude.

Se quando lemos *Casa-Grande & Senzala* temos a impressão que todos os povos, que passaram pelos territórios do que viria a ser Portugal, lá deixaram suas marcas no espírito e na cultura de um povo, na época da longa viagem de Gilberto Freyre algo teria mudado. As diversas heranças culturais teriam se amalgamado, dando nascimento a um espírito onde todas essas contribuições diluir-se-iam para gestar um novo elemento. Tal fenômeno não

teria lugar no período dos descobrimentos, pois a herança de mouros, judeus ou bárbaros nórdicos conservaria seus traços distintos dentro de um mesmo povo, dentro até de um mesmo indivíduo. Diríamos que o temperamento lusitano teria os seus laivos de uma tendência esquizóide. Um dos mais explícitos exemplos que poderemos oferecer é a leitura que Gilberto Freyre faz da personagem de Gonçalo Ramires, no livro de Eça de Queirós, *A Ilustre Casa de Ramires*. Freyre apreende a disposição de espírito do nobre Ramires para exemplificar como foi o colonizador do Brasil:

> Mas o luxo de antagonismos no caráter português surpreendeu-o magnificamente Eça de Queirós. O seu Gonçalo, d'A Ilustre Casa de Ramires é mais que a síntese do fidalgo – é a síntese do português de não importa que classe ou condição. Que todo ele é e tem sido desde Ceuta, da Índia, da descoberta e da colonização do Brasil como Gonçalo Ramires: 'Cheio de fogachos e entusiasmos que acabam logo em fumo' mas persistente e duro 'quando se fila à sua idéia, de 'uma imaginação que o leva [...] a exagerar até a mentira' e ao mesmo tempo de um 'espírito prático sempre atento a realidade útil'; de uma 'vai-

> dade' de 'uns escrúpulos' de honra, de 'um gosto de se arrebicar, de luzir' que vão quase ao ridículo, mas também de uma grande 'simplicidade'; melancólico ao mesmo tempo palrador sociável, generoso, desleixado, trapalhão nos negócios; vivo e fácil em 'compreender as coisas': sempre à espera de 'algum milagre do velho Ourique que sanará todas as dificuldades'; 'desconfiado de si mesmo, acovardado, encolhido até que um dia se decide e aparece um herói'. Extremos desencontrados de introversão e extroversão ou alternativas de sintonia e esquizoidia, como se diria em moderna linguagem científica[43]

Gonçalo Ramires, que para Gilberto Freyre é o arquétipo do colonizador do Brasil, oscila entre vários extremos. Temos a impressão que ele carrega consigo um temperamento igualmente mestiço, cheio de antagonismos que muito se assemelham ao dos jovens; queremos dizer, às hesitações, às dúvidas, ao ímpeto, mas também ao desânimo devido à insegurança. Enfim, o Portugal mostrado em *Casa-Grande & Senzala* é um Portugal de complementaridades que mantêm suas individualidades. Mas o país que nosso autor descreve, já em *Um Brasileiro em Terras*

43. FREYRE, Gilberto: *Casa-Grande & Senzala*. p.7

Portuguesas, é muito mais o país da saudade. Ele tenta frisar uma certa disposição de personalidade pátria que se remete aos temas, do maternal, da nostalgia e do carinho. O jovem Portugal com seus altos e baixos; do gosto de se arrebicar e da simplicidade; da melancolia e da palraria; do heroísmo e do acovardamento; das extroversões e da introversão; deixou-se levar muito mais pelos valores da paz e do sossego. Se em tempos antigos havia palraria, mas também havia melancolia, agora se faz muito mais presente o sentimento da melancolia. Vejamos como nosso autor ressalta o amor pelo choro na gente lusitana, o que é mais visível, e por tal é interpretado como uma tradição, perceptível à argúcia sociológica do visitante dos anos cinquenta:

> Chorar não é, em Portugal sinal de franqueza ou de dengo, abundante como é, entre os portugueses a tradição de homens fortes que têm sido, também, grandes sentimentais. Pois forte foi o próprio Camilo com tôdas as suas lamúrias, e não apenas o severo Herculano. Foi o próprio Pinheiro Chagas das Tristezas à Beira Mar e não apenas o viril Mousinho da carta a El-Rei. Fortes têm sabido ser os muitos portugueses que têm deixado sua doce terra por terras estranhas e ásperas;

> mas desses homens fortes, quase todos, por mais requeimados pelo muito sol dos trópicos, não se lembram de Portugal sem chorarem os seus defuntos portugueses; não lêem Camilo sem chorarem os portugueses de novela que Camilo fez sofrer; não recitam o Anto sem chorarem o poeta que morreu palidamente tuberculoso e ainda moço depois de escrito versos sentimentalmente portugueses[44]

Ao descrever a acolhida que recebeu na cidade do Porto, Gilberto Freyre reconstitui o ambiente que então encontrou. É a arte de bem receber, são os suaves prazeres da boa mesa, é a elegância cheia de afeto dos velhos fidalgos e são, até mesmo, versos que a ele são dedicados com todo lirismo. Portugal – temos a impressão – que é o *locus* ideal para o repouso, para uma espécie de aposentadoria depois das lides da aventura. Freyre diz ter se sentido como em qualquer cidade brasileira – fora as semelhanças culturais e identitárias obviamente – há um toque de um retorno a uma pátria que acalenta os seus netos vindos d'além mar. Portugal, na sua narrativa, transmite a sensação de ser o afável "avozinho" da poesia de Manoel Bandeira, terra "do bom trigo e do bom vinho / Que nos deste [...] esse gosto misturado de saudade e de carinho". Essa ideia liga-se, com perfeição ao mesmo estado de espírito destas palavras de nosso autor:

> *Para o brasileiro o Pôrto é de uma hospitalidade singular. Eu, por mim, senti durante todo o tempo em que tive gôsto de ser hóspede de tão ilustre cidade, que era tão cidadão do Pôrto quanto do Recife ou de Salvador da Bahia ou São Paulo de Piratininga [e dá prosseguimento ao seu agradecimento] [...] agradecimentos a quantos participaram do almôço caracteristicamente tripeiro, organizado por um fidalgo que continua, como aurora, a tradição portuguêsa dos velhos fidalgos que souberam ser também letrados ou artistas; e artistas não só de punhos de rendas literários como capazes de deixar de lado, como aconselhava o afidalgado Eça, as idéias e a literatura, para melhor saborearem a arte portuguesa na mesa e da sobremesa. Uma arte ao mesmo tempo canônica, plebéia e freirática e mourística [...] ao velho poeta Antônio Correia de Oliveira [...] e que igualmente me honrou e comoveu com os versos deliciosamente líricos que escreveu na sua melhor maneira para, no almôço do Pôrto, saudar em mim o brasileiro [...]*[45].

44. REYRE, Gilberto: *Um Brasileiro em Terras Portuguesas*. p.272

45. Idem p.202)

Como já dissemos repetidas vezes, da leitura de *Um Brasileiro em Terras Portuguesas* surge-nos uma terra portuguesa tal qual em *Aventura e Rotina*. Freyre vê Portugal como algo que associaríamos ao espírito do livro de Eça de Queirós, *A Cidade e as Serras*. É a moderna Paris que se contrapõe ao interior de Portugal, nesta obra do autor de Póvoa do Varzim. Eça de Queirós conta a história do sofisticado Jacintho de Tormes que junto de seu amigo Zé Fernandes partem para as terras dos Tormes, nos confins de Portugal. A felicidade da simplicidade do campo, do rincão dos antepassados, contrapor-se-ia à ciência, ao desenvolvimento e a urbanidade da frenética Paris. Portugal faz-se um bálsamo. Tanto a visão de *A Cidades e as Serras,* quanto a de *Um Brasileiro em Terras Portuguesas* possuem os seus pontos de contacto.

As complementaridades antagônicas, dos anos 1930 na obra freyriana, conseguem uma nova solução. Freyre vê-se como um homem idoso, pois avisa que: "só hesitei em fazer a viagem inteira [através do ultramar português] pela separação com a família que ela exigia de mim, e por já não ser eu afinal nenhum adolescente para

aventuras tão ásperas e longas[46]". A maneira de analisar as terras lusíadas acompanha, de certa forma, a própria maneira de se ver, de considerar a sua própria idade.

Esperamos que nessa tentativa de explicação das duas visões freyrianas de Portugal – uma sendo aquela do período dos descobrimentos, já a outra, é a dos anos de 1950 – tenhamos compreendido mais eficazmente a nossa metáfora primordial. Gilberto Freyre não elabora suas interpretações históricas, sociais e culturais, a partir de uma linearidade absoluta, que exclui qualquer aparente ambiguidade, ele as complementa – o que para os olhares mais rígidos seria simplesmente contraditório e improfícuo. Com sua *verve* de perspicaz intérprete, Freyre bem sabe que a condição humana é indômita aos enquadramentos absolutos. Por tal motivo, o homem que interpretou o Brasil, podia ver que Portugal ainda jazia – querendo ou não – no seio do que somos. Logo, não haveria impedimentos para que o painel de azulejos guarnecesse a sala de jantar daquele que "reinventou" o Brasil.

---

46. Idem p.274)

À guisa de epílogo

Caso adotássemos postura não ensaística, poderíamos simplesmente findar com uma "conclusão". Entretanto, bem ao sabor freyriano, preferimos um inconclusivo "à guisa de epílogo". As reflexões sobre "o mundo português que Gilberto Freyre criou" poderiam alongar-se em outros tantos "mundos"; mas acreditamos que chegamos a um esboço ou, então, a uma etapa do fim. Desse modo podemos tecer alguns comentários derradeiros.

Ao longo de nossa pesquisa tentamos mostrar como Portugal está no cerne do pensamento de Gilberto Freyre. A hipótese, para a qual acreditamos ter conseguido consideráveis contribuições, é considerar o pensamento de Freyre – em especial em *Um Brasileiro em Terras Portuguesas* – não como simplesmente construindo e a buscar determinada identidade cultural para o Brasil – diga-se de passagem, como muitas vezes ele é percebido. Freyre re-

mete-se muito mais às origens portuguesas do que à primeira vista poderíamos supor.

Esperamos ter endossado tal hipótese com argumentos que indicam como o pensamento freyriano operava através de complementaridades. Para isso, analisamos a viagem montaigniana, os "antagonismos em equilíbrio" presentes na obra dos anos 30 e o olhar mais plácido com que via esses mesmos antagonismos já nos anos 50. Recorremos a esses argumentos, entre outros, pois acreditamos que, segundo nosso autor, as particularidades do regional e do nacional não negam a base primeira do transnacional; que no caso brasileiro seria a cultura lusíada. Daí termos iniciado nosso ensaio com a metáfora do painel de azulejos. Ela é uma pequena ilustração da questão que nos colocamos, por tal razão, no início afirmamos que nossa pesquisa por-se-ia a responder a seguinte questão: Como pode um dos intérpretes do Brasil, trazer consigo Portugal? Diríamos, a grosso modo, que Gilberto Freyre bebe nas águas da nossa gente portuguesa. Dizemos "nossa", pois para Gilberto Freyre todo brasileiro traz em si Portugal, mas isso de forma nenhuma exclui que ele traga tam-

bém consigo a África e os povos indígenas. Não olvidemos as belas e corretas constatações do início do quarto capítulo de *Casa-Grande & Senzala:* "Todo brasileiro, mesmo alvo, de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo [...] a sombra ou pelo menos a pinta do indígena ou do negro[47]". Mas a possibilidade de guardar essas heranças não europeias seria somente possível graças ao português, pois ele trouxera em si a flexibilidade, a capacidade de se completar em outros. Aparentemente pode ser ilógico, mas basta verificar a defesa que faz da língua portuguesa; sempre portuguesa, mas não excluindo suas particularidades regionais, advindas de outros contactos:

> Se perdêssemos, os brasileiros, por falso brasileirismo ou arcaico nacionalismo, a consciência, o sentido, o senso, não sei se diga apenas político, pois é também moral e cultural, dessa administração ou dessa direção, creio que nos revelaríamos, aos olhos do mundo, uns lamentáveis retardados, se não mentais, sociais. O repúdio a tão alta responsabilidade seria traição a nós mesmos e traição aos grupos de população que formam fraternalmente conosco o mesmo

47. FREYRE, Gilberto: *Casa-Grande & Senzala.* p.283

> bloco de sentimento e de cultura de origem portuguesa. Seria o Brasil desgarrar-se desse bloco para, estreitamente nacionalista, isolacionista, separatista, numa época de crescente integração de nações em federação ou conjuntos transnacionais de cultura, de economia ou de política, declarar oficialmente que sua língua não é transnacionalmente portuguesa e sim a que mesquinha e estreitamente se denominasse brasileira[48]

E termina, mais adiante, por concluir, através da menção de vários escritores brasileiros, que manteriam os estilos do país, mas sem deixar por isso de escrever em português: "[...] Todos tão nossos quanto deles [portugueses], todos valores de língua tão nossa quanto deles, como é e deve continuar a ser a língua portuguesa com suas várias formas de linguagem[49]".

Mas sobre esse ponto, talvez possamos findar mencionando as palavras de Alberto da Costa Silva que apreende a forma de pensar freyriana. É, com certeza, uma resposta possível para o episódio do painel de azulejos: "Fascinado pelas estruturas binárias – não se chamam suas

48. FREYRE, Gilberto: *Um Brasileiro em Terras Portuguesas*. p.150
49. FREYRE, Gilberto: *Um Brasileiro em Terras Portuguesas*. p.153

obras *Casa-Grande & Senzala, Sobrados e Mucambos, Ordem e Progresso, Continente e Ilha, Aventura e Rotina?* - talvez Gilberto Freyre quisesse também compreender Portugal e os portugueses pelo contraste entre [António] Sérgio e Salazar[50]".

O autor de a *Manilha e o Limbambo* oferece-nos, ao mesmo tempo, duas respostas, uma sobre a relação complementar entre Brasil e Portugal, e outra à polêmica relação entre Gilberto Freyre e o salazarismo. Pensamos ser ambas muito interessantes. Costa e Silva, ao mostrar o fascínio que as "estruturas binárias" exerciam sobre Gilberto Freyre, cita nomes de diversos títulos de obras freyrianas. Talvez, a nós caberia ajudar na lista. Por que não dizer: *Um Brasileiro em Terras Portuguesas* e – até mesmo, quem sabe – um certo "painel de azulejos portugueses em terras brasileiras"?

50. COSTA E SILVA: Alberto: *Das Mãos do Oleiro*. p.96

Diálogos com Edson Nery da Fonseca:

um depoimento freyriano

Gosto de andar dando cabriolas, à maneira dos poetas, que é ligeira, alada, demoníaca, como diz Platão. Plutarco em certas obras esquece o tema, o qual só por momentos se encontra e sob matéria estranha. Vede como procede em seu "Demônio de Sócrates". Como são belas suas escapadas, como suas variações são elegantes, e tanto mais quanto mais se afiguram ter saído da pena por acaso. O leitor distraído é que perde de vista meu tema; eu não. Sempre, em algum lugar, umas poucas palavras hão de mostrar que o tenho em mente. Passo de um assunto a outro sem regra, nem transição; meu estilo e meu espírito vagabundeiam juntos. Um pouco de loucura previne um excesso de tolice, segundo afirmam nossos mestres por palavras e exemplos.

Michel de Montaigne
Ensaios, Da Vaidade

Ao leitor

O *depoimento* contém em si duas dimensões, que é preciso mencionar para melhor compreendermos a pertinência deste no seio de nossa reflexão. Primeiramente, pensamos ser profícuo – e até um tanto inovador – fazer uso da história oral para uma pesquisa específica do campo da teoria da história, reiterando que nossas elucubrações aí se inserem, visto que pesquisamos as ideias sobre Portugal, o mundo português e a lusotropicologia na obra de Gilberto Freyre. Em segundo lugar, o recurso a um depoimento foi a solução encontrada para dinamizarmos alguns elementos interpretativos. Queremos dizer, o que já esboçamos na nossa introdução, que a perspectiva do professor Edson Nery da Fonseca – repetimos: que foi amigo e é conhecedor do pensamento de Freyre – possibilitaria uma interação entre o contexto e o texto, eliminando assim, em parte e pensamos nós, muitas das barreiras epistemológicas existentes entre as duas formas de abordagem interpretativa. Não queremos fazer uma leitura estritamente contextual e, também não reclusa ao

claustro do interior puramente narrativo. Assim sendo, poderíamos dizer que este depoimento seria uma grande introdução a Gilberto Freyre, em sua totalidade. Mesmo localizando-se no final de nosso ensaio, esperamos igualmente – ainda que conscientes de nossas ilusões – que, de alguma forma, o *depoimento* possibilite romper as separações de texto e contexto, como acima já dissemos.

A respeito do professor Edson Nery da Fonseca gostaríamos de dizer algumas palavras: Nascido na cidade do Recife em 6 de dezembro de 1921, graduou-se no ano de 1947 no Curso superior de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional. Lecionou na Universidade de Brasília entre os anos de 1962 até 1991, da qual recebeu o título de professor emérito em 1997. Nesta mesma universidade organizou em 1980 um simpósio na ocasião dos 80 anos de Gilberto Freyre, no que resultou o livro *Gilberto Freyre na UNB,* do qual foi também prefaciador. Além disso, organizou e prefaciou diversos livros de Gilberto Freyre, *Prefácios Desgarrados* (1978), *Heróis e Vilões no Romance Brasileiro* (1979), *Pessoas Coisas e Animais* (1979), *Ferro e Civilização no Brasil* (1980), *Bahia e Baianos* (1990), *Novas Conferências em Busca de Leitores* (1995), *Palavras Repatriadas* (1997), *Antecipações* (1997). Escreveu inúmeros trabalhos sobre Gilberto Freyre, *Um Livro Completa Meio Século* (1973), *Gilberto Freyre de A a Z: Referências Essenciais à sua vida e Obra* (2002), *Em Torno de Gilberto Freyre: Ensaios e Conferências* (2007) e *O Grande Sedutor: Escritos sobre Gilberto Freyre* (ainda não publicado). Em outras áreas publicou: *A Biblioteconomia Brasileira no Contexto Mundial* (1978), *Problemas Brasileiros de Documentação* (1988), *Ser ou não Ser Bibliotecário e Outros Manifestos contra a Rotina* (1978), *Introdução à Biblioteconomia* (1992), *Alumbramentos e perplexidades: Vivências Bandeirianas* (2002), *O Recife Revisitado* (2002) e *Sub Specie Aeternitatis: Vida Monástica no Brasil* (2003). Desde 2002 é pesquisador emérito da fundação Joaquim Nabuco e recentemente foi galardoado com a ordem ao mérito do Governo do Estado de Pernambuco. Ao completar 80 anos foi homenageado com o lançamento do livro *Interpretações de Edson Nery da Fonseca* (2001, autores diversos).

Ao professor Edson Nery da Fonseca, mais uma vez agradeço por ter tão gentilmente concedido-me este depoimento. Mas também deixo aqui a minha sincera homenagem a esse mestre que não somente foi amigo de homens como Gilberto Freyre e Manoel Bandeira, mas carrega consigo um espantoso e admirável mundo intelectual e de leituras.

Precisaria ainda dizer, sobre aspectos mais técnicos da entrevista-depoimento, que esta foi feita durante dois dias no mês de novembro de 2005, na residência do professor Edson Nery da Fonseca, na cidade de Olinda, resultando em um pouco mais de três horas e quarenta minutos de gravação, mas devido ao espaço foi necessário fazer grandes cortes. Tentamos manter ao máximo possível o caráter de oralidade, visto não se tratar de uma entrevista para fins jornalísticos. Isso implica o que é típico de qualquer linguagem falada: a repetição de palavras, os períodos longos, os assuntos que se intercalam, hesitações e pausas para reflexão. O leitor poderá perceber esses traços da oralidade através do grande uso de travessões, reticências e repetições. Pedimos perdão aos puristas da linguagem, mas

nossa opção foi manter o máximo do tom de uma conversa, tratando-se, pois, de uma transcrição e não de um texto propriamente. Pensamos que a manutenção possível do aspecto da linguagem falada convém, sobretudo, ao lembrarmos da importância concedida por Freyre a este tipo de estilo em seus escritos. Mesmo assim, obviamente, foi necessário fazer alguns ajustes para tornar a transcrição inteligível ao leitor.

Victor Villon: Qual foi a primeira vez que o senhor tomou conhecimento de Gilberto Freyre? Foi no curso de Direito? Poderia dizer como foi esse encontro com a obra Freyriana?

Edson Nery da Fonseca: Muito bem, gosto muito de me lembrar disso. No primeiro ano do curso pré-jurídico, tive um excelente professor de Literatura. O curso pré-jurídico era uma beleza, não sei como acabou. E foi o curso em que aprendi mais de Humanidades. O Curso Ginasial era um curso de humanidades. Os padres do Colégio Nóbrega eram bons professores de Humanidades e de Ciências, não tenha dúvida. Agora, em matéria de religião, eu faço a maior crítica a eles. Critico duramente porque eles estavam inteiramente errados em matéria de evangelização, com essa história de maniqueísmo. Inferno, desde os 5 anos do Curso Ginasial. Eu fiz retiros fechados chamados retiros inacianos – de Santo Inácio. O tema sempre foi inferno e penas eternas... E exposto da maneira mais infantil, a ponto de nós nos perguntarmos: "Será que o padre Villas-Boas acredita nisso que está nos contando? ".

Para provar que o inferno existia contava histórias infantis, cretinas.

Então, no primeiro ano do curso pré-jurídico tinha Literatura, História... Eu tomei conhecimento da história das interpretações da História com o professor Amaro Quincas. Psicologia e Lógica com um psiquiatra daqui, ilustre, chamado José Carlos Cavalcante Borges, que deu Iniciação à Lógica e vários outros. De Literatura era Moacir de Albuquerque, ele dizia: "Olhem, nós vamos dar este ano um pouquinho de literatura universal, mas em um ano não dá para dar toda literatura, só os começos da literatura ocidental – vou deixar o Oriente de lado porque é outra coisa. O forte vai ser literatura brasileira." (Não era possível, evidentemente, compreender autores brasileiros sem compreender o Brasil. A literatura é a melhor expressão da nacionalidade, da terra e do homem e de determinado lugar) "E para conhecer o Brasil os senhores estão desafiados a ler *Casa-Grande & Senzala*". Eu caí das nuvens porque no colégio já se dizia que Gilberto Freyre era um imoral, um anticlerical, inimigo dos jesuítas e da própria igreja, no *Casa-Grande & Senzala* tinham palavrões,

que aquilo não podia ser lido. Uma irmã minha que fez o primeiro ano do pré-jurídico antes de mim – era um ano mais velha do que eu - ela teve esse mesmo professor, Moacir [*de Albuquerque*], e ela não sabia quem era Gilberto Freyre. Eu já sabia porque ouvia falar mal dele no colégio. Mas ela não sabia e quis ler [*o livro*]. Uma colega dela foi proibida de ler pelo pai. O pai dessa colega dela disse ao meu pai e meu pai proibiu minha irmã de ler. Então, quando Moacir de Albuquerque manda ler *Casa-Grande & Senzala*, eu lembrei do caso da minha irmã, porque vi a discussão em casa: "Não leia, não pode ler, é um livro imoral, me disse fulano, pai de sua colega". Meu pai nunca tinha lido, uma ilustre autoridade que confessava que nunca leu livro nenhum. E já era um adulto. A pessoa não foi orientada para a leitura! Conheço muita gente que não leu nada, não quer ler, não tem vida interior; aí só sabe bater papo.

Eu fiquei entusiasmado com *Casa-Grande & Senzala*. Entusiasmado pelo estilo, naturalmente, porque eu sempre fui um esteta, admiro o que está bem escrito, o que é bonito. O que é enxuto também, não é retórica.

Gilberto Freyre era o anti-retórica. Ele queria seguir, religiosamente, o conselho de Paul Verlaine, que dizia que os grandes poetas tinham que enfocar a retórica. Não lembro agora como se diz em francês porque estou desmemoriado. Mas é dentro de um poema em que ele aconselha os poetas a enforcarem a retórica.

Então, fiquei deslumbrado com o estilo de Gilberto Freyre, o imagismo de Gilberto Freyre, que ele aprendeu com Amy Lowell e Walt Whitman, grandes poetas americanos. A enumeração chega a ser, como a de Whitman, caótica, é o estilo enumerativo de Gilberto Freyre. Para mim, as duas maiores características do estilo de Gilberto Freyre são a enumeração e o imagismo. E fiquei, naturalmente, deslumbrado com as ideias originais dele. Por isso que eu costumo definir Gilberto Freyre como um grande sedutor, porque ele nos seduzia não só pela sua pessoa, era uma pessoa atraente, cordial, um fidalgo ao natural, sem afetação, recebia a todos com muita fidalguia, fazia questão. Madalena [*Freyre*] nunca tocou no conhaque de pitanga; ele é que fabricava e servia às visitas. Então, nos seduzia não só por esse lado humano de ser um

homem educado, finíssimo e cordial, não tinha pose de mestre para cima de nós. Ele gostava de nos unir. Ele queria que nós o considerássemos, mas sem querer bajular a juventude. Porque ele sempre se vangloriou disso: "Nunca bajulei nem os velhos dos institutos históricos, nem os moços das faculdades". Ele primava por ser independente, inclusive politicamente independente. Nunca quis ter emprego público. Vivia de suas opiniões, de seus livros. Não é só por isso que ele nos seduzia. Ele nos seduzia pelas suas ideias originais. Por exemplo, mostrar, como ninguém antes fez, que o Brasil (ao contrário do que ocorreu na América Hispânica, em que os países, essas republiquetas, foram feitos pela Coroa Espanhola e pela Igreja, daí as grandes catedrais que existem em Lima e outras capitais da América Hispânica, grandes catedrais mostrando o domínio da Igreja Católica na época sobre a própria Coroa Espanhola) não foi feito nem pela coroa portuguesa nem pela Igreja de Roma e sim pela família patriarcal. Isso ninguém tinha dito antes. Ele foi estudando a formação do Brasil e percebeu isso. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. A desmoralização, a des-

mistificação do racismo. Foi o que me fez converter à miscigenação. Porque eu herdei o racismo da minha avó inglesa – que Deus a tenha em bom lugar, ela era católica anglicana. A leitura de Gilberto Freyre equivaleu a uma análise freudiana que eu fiz; ele me deu uma lavagem cerebral e me mostrou que a miscigenação não foi um mal para o Brasil como foi dito até então. Até Euclides da Cunha padeceu de certo racismo, achando que o mestiço era um mal brasileiro. Gilberto Freyre mostrou que não, que raças puras ficam para o reino animal, zoológico. A raça humana pode misturar-se, não faz mal nenhum. A ciência desmoralizou a pseudociência racista, arianista. Então isso foi fundamental para mim porque eu era racista, deixei de ser. Minha mãe também foi um pouco racista. Minha avó não admitia empregadas pretas. Mas eu mamei em amas-de-leite negras. Então, eu comecei a elogiar Gilberto Freyre, que reabilitou o mestiço. Porque Gilberto Freyre prova, em *Casa-Grande & Senzala*, que os males do Brasil não vêm da miscigenação, vêm da cultura, isso é, má alimentação. Nunca historiador brasileiro havia dado tal importância à alimentação, à culinária. Nós comíamos

uma comida imprestável que vinha de Portugal durante semanas de travessia, sem gelo para conservar as comidas, sem leite, sem ovos, sem verduras que são a base de qualquer alimentação sadia. Então o brasileiro surgiu um mestiço cacogênico, como se diz em Antropologia – eugênico e cacogênico. E Gilberto Freyre aprendeu com Boas a distinguir raça de cultura. A raça não significa nada. Qualquer raça pode se projetar, desde que ela passe por um estágio cultural elevado. E cultura no sentido antropológico de cultura, incluindo alimentação, costumes, crenças, comportamento etc. Foi isso o que me encantou, o que me seduziu em Gilberto Freyre. Por isso que o acho um grande sedutor. É o título de um livro no qual estou reunindo tudo o que escrevi sobre ele de 1943, quando publiquei meus primeiros artigos sobre ele, até 2003. Ele morreu em 1987, mas continuaram livros póstumos dele, alguns dos quais eu organizei, como *Prefácios Desgarrados* e *Pessoas, Coisas e Animais.*

Aí eu comecei a ler os outros livros de Gilberto Freyre até então publicados – estamos nos anos de 1940. Em 1941, fazendo o segundo ano do pré-jurídico em outro colégio – esse foi no Colégio Oswaldo Cruz, no Colégio Estadual de Pernambuco, antigamente chamava-se Ginásio Pernambucano – eu tive um colega: Gilberto Freyre Costa, sobrinho de Gilberto Freyre, filho de uma irmã, filho de Gasparina. Ele via os alunos repetindo o que os padres diziam, atacando Gilberto Freyre, e eu defendendo e ganhando. Porque eu conhecia, estava lendo tudo, e eles só repetiam o que os padres diziam. Aí ele disse ao tio: "Olha, tenho um colega que leu toda a sua obra e que lhe defende ardorosamente quando você é atacado lá no colégio pelos ex-alunos dos jesuítas". Aí ele [*Gilberto Freyre*] disse: "Então me apresente a ele, convide para um jantar". E foi assim que eu conheci Gilberto Freyre, em 1941, poucos meses antes de ele se casar. Conheceu Madalena no Rio de Janeiro, em um mês se casaram. Ele me disse: "Olha, assim que vi Madalena disse: é com essa que eu vou". Estava muito em voga no Rio de Janeiro uma canção que dizia: "É com esse que eu vou, lá, lá, lá, lá...". É uma canção de Carnaval. Aí ele disse consigo mesmo, repetindo o refrão popular da música: "É com essa que eu vou...". Acho que até depois tenha se arrependido porque

ele gostava de pessoas magras. Ele era magro e ela começou a engordar, ficou com uma "bunda" enorme. Ele não gostava, tanto assim que, na presença dela, cometia a gafe, por assim dizer, de criticar as nádegas da Condessa Pereira Carneiro. Eram iguais. Ou da madrinha de Joaquim Nabuco que tinha quartos tão imensos que mandou fabricar uma cadeira para ela – e está lá na casa [*Fundação Gilberto Freyre*] – uma cadeira que a coubesse.

Victor Villon: É verdadeira a história que contam que Dona Madalena tinha ciúmes do José Lins do Rego?

Edson Nery da Fonseca: Não. Madalena nunca teve ciúmes de Gilberto Freyre, a não ser com outras mulheres. Ela acreditava piamente que ele era heterossexual. Eu sei da vida dele antes de se casar. E até depois de se casar ele ainda teve aventuras com uns garotos aqui. Mas ela não sabia disso. O filho, Fernando[*Freyre*], morreu recentemente, coitado, mas a filha fica indignada quando digo essas coisas. Quando nós acabamos de assinar o contrato para fazer os documentários de Nelson Pereira dos Santos

(eu fui apontado não como narrador, eu fui escolhido narrador depois, inicialmente era o consultor da Família Freyre para os documentários; consultor da Fundação Gilberto Freyre que assinou um contrato) Sônia [*Freyre*], a filha [*de Gilberto Freyre*], que é viva ainda, um ano mais velha que Fernando, se aproximou de nós e disse: "Olhe, Nelson, tenha cuidado com o Tio Gigante (eles me chamavam de Tio Gigante, Gilberto ensinou, a ela e a Fernando, a me chamarem de Tio Gigante) ele inventa muita coisa a respeito de meu pai". Aí eu disse: "É porque eu sei mais coisas a respeito de seu pai do que você, porque eu o conheci antes de você nascer." Então, é claro que eu sei mais coisas que ele não lhes contou, não ia dizer aos filhos... Gilberto foi meu confidente e eu fui confidente dele. Depois de ter a honra de ter sido confidente dele, ouvi queixas íntimas dele, ouvi declarações de amor dele por uma amante que ele teve no fim da vida e o quanto ele sofria com o ciúme de Madalena... Voltando a lhe responder, ela [Madalena Freyre] teve muito ciúme com outras mulheres, o que foi uma coisa não prevista, porque todos, quando souberam que Gilberto Freyre se casaria, com 41

anos, com uma moça de 21 anos, disseram: "Não vai dar certo, ela vai botar chifre nele. Ele vai envelhecendo e ela continua em plena forma". Aconteceu o contrário, ela foi adquirindo aquelas formas matriarcais, imensas, ficou uma matrona e ele procurando mulheres magras, que era o gosto dele. Teve amantes magras. Então ela teve brigas sérias com ele por causa dessa última amante que ele teve. Não digo amante, [*mas sim*] "amigante", como um diplomata aposentado – meu amigo do Rio de Janeiro, Paulo Renato Rocha Santos – criou a palavra. "Amigante": amigo e amante ao mesmo tempo; uma boa invenção.

Victor Villon: Ele tinha quantos anos, nessa época?

Edson Nery da Fonseca: Ah, já com uns 80. Foi o canto de cisne dele.

A propósito de ciúme de que você falou. Quem teve ciúme foi a mulher de José Lins do Rego, Filomena, paraibana, o apelido era Naná. Era devota de Santa Filomena. Naná chegou a ficar nervosa, tratar-se dos nervos por ciúme do marido com Gilberto Freyre. José Lins do

Rego nunca escondeu essa amizade amorosa dele. E Gilberto Freyre, quando José Lins do Rego morreu, escreveu um necrológio belíssimo dizendo o quanto ele devia a José Lins do Rego. Era uma atração, uma amizade amorosa mútua. E as circunstâncias propiciaram isso. Por quê? No caso de José Lins do Rego, ele era o filho de usineiros, vem estudar Direito no Recife, torna-se um jornalista panfletário; em 1923 Gilberto Freyre chega, depois de 5 anos nos Estados Unidos e quase um ano na Europa, e fica aqui desarvorado porque a *intelligentzia* recifense recusou Gilberto Freyre. Também, ele chegou com uma postura muito irônica em relação aos intelectuais da terra. Ele chegou com roupas inglesas num calor desse, de bengala e de monóculo. Imprimiu um cartão com um nome falso dizendo "escritor", que distribuía às pessoas. Levando no ridículo o Instituto Histórico, a Academia Pernambucana de Letras. Ele queria conviver com as classes mais populares do Recife. Tornou-se sócio do Clube das Pás, o mais antigo clube de carnaval do Recife. Não era clube de *society*, era clube popular, desfile nas ruas. Ainda existe

hoje o Clube das Pás. Ele chegou a ser presidente do Clube das Pás.

Bem... Então, conheceram-se ocasionalmente na esquina da Lafayette, que era uma esquina frequentada por homossexuais. Porque o Café Lafayette tinha, no primeiro andar, um salão de bilhar. Então a intelectualidade do Recife se reunia lá. José Lins do Rego conhece Gilberto Freyre e ele próprio diz no prefácio de *Região e Tradição*: "A minha vida mudou completamente porque ele começou a me convencer de que eu tinha todas as condições para ser um romancista, não para ser um jornalista panfletário". Chegou até a mudar de nome literário porque ele assinava... Não era José Lins do Rego... Gilberto Freyre disse: "Para cortar a sua vida de jornalismo barato contra o governo, você deve recordar a sua infância, fazer uma obra de recordação da sua infância, mesmo com acréscimos imaginários. Estou vendo que você pode ser um grande romancista autobiográfico". E foi o que ele fez. Gilberto Freyre começou a interessá-lo por literatura, por romancistas ingleses proeminentes. Ensinou inglês a ele. Levava-o ao porto passeando, passeavam pelo Recife. Tinha no

porto um navio atracado chamado Boswell, e Gilberto dizia: "Olhe! Quem foi Boswell? Foi um grande biógrafo do Dr. Johnson, grande escritor do dicionário da língua inglesa. Samuel Johnson". O que há de melhor no Johnson é a biografia dele feita por Boswell. Otto Maria Carpeaux, que tem um artigo muito interessante sobre o Dr. Johnson, (ele [*Dr. Johnson*] não tinha amigos, só tinha inimigos porque era um panfletário, foi um jornalista também, além de um dicionarista) dizia: "Ele não tinha amigos, mas, como todo homem, tinha um cão, esse cão se chamava Boswell e escreveu a vida de Samuel Johnson". Muito interessante, Carpeaux foi um dos meus numes tutelares também. Os intelectuais que mais me influenciaram foram Gilberto Freyre, antes de Gilberto Freyre, Álvaro Lins, que conheci antes dele, e Otto Maria Carpeaux. E agora tomei como mestre para toda a vida um sujeito chamado George Steiner.

Victor Villon: Gilberto Freyre começa o prefácio da edição de *Casa-Grande & Senzala* dizendo: "Em outubro de 1930, ocorreu-me a aventura do exílio". *Casa-Grande &*

Senzala, o maior livro de interpretação do Brasil, começa com a ideia do exílio, do afastamento. Eu gostaria de saber o que significa isso. Para Freyre ver a pátria foi necessário certo afastamento antropológico?

Edson Nery da Fonseca: Ele tinha essa convicção e dava como exemplo, no caso do Brasil, quem melhor interpretou o Brasil foram os viajantes estrangeiros; não era o brasileiro; porque para interpretar o seu próprio país é preciso sair dele para vê-lo de fora. Ele me dava como exemplo disso um crítico literário da Escandinávia – não me lembro se Suécia, Noruega ou Dinamarca – que melhor entendeu escritores alemães, franceses e ingleses. Ele dava também o exemplo dos viajantes estrangeiros porque, não sendo brasileiros, entendiam melhor o Brasil. Esse crítico literário da Escandinávia defendia essa ideia, de que o depoimento dos estrangeiros equivale a uma posteridade contemporânea; porque o fato de não pertencerem àquele país equivalia a uma contemporaneidade posterior. Então ele, sendo brasileiro, passando 5 anos maciços fora do Brasil, estudando o Brasil de fora, porque a tese dele de mestrado em Columbia foi *Social Life in Brazil in the Middle of 19th Century*... Ele não se alijou do Brasil, ele tomou conhecimento avidamente de tudo o que se passava na cultura mundial, norte-americana e europeia, mas sempre preocupado com o Brasil. A tal ponto que o grande professor que ele teve em Baylor, Armstrong, dizia, impressionado com os exercícios em inglês que ele fazia: "Você escreve como escritor de língua inglesa. Então mude de nacionalidade, você vai ser um grande escritor na língua inglesa. Isso a gente sente no que você está escrevendo. Você tem uma garra de escritor em língua inglesa. Quem escreve em língua portuguesa no mundo inteiro é desconhecido. Você tem paixão pela Inglaterra, eu lhe consigo uma bolsa de estudos em Oxford, mas só pode ser dada a cidadãos americanos, *hold scholarship*, mas só pode ser dada a cidadãos americanos, então se naturalize americano e eu consigo a bolsa para você". Aí ele ficou chocado, pensou e, depois, disse (isso está registrado em *Tempo Morto e Outros Tempos*): "Se eu hei de ser escritor, será em minha língua porque a língua para mim é algo de materno porque posso escrever bem em inglês, mas a grande obra que

eu ainda quero escrever, se eu ainda for autor de uma grande obra, será na minha língua materna".

Victor Villon: E em outubro de 1930 esse afastamento...

Edson Nery da Fonseca: Foi um afastamento acidental porque ele estava aqui parcialmente radicado, era secretário particular de um governador [*Estácio Coimbra*] que foi deposto pela revolução de 30. A casa dos pais dele foi saqueada, roubada, e incendiada, ele soube disso já no exílio e ficou muito acabrunhado em saber que os pais sofreram esse golpe por causa dele. Mas o cargo dele não era político, era secretário particular. Estácio Coimbra tinha uma grande admiração por ele e até disse: "Um dia, quando você se tornar mais velho, vai ser governador de Pernambuco". Porque [*Estácio Coimbra*] pedia muito opinião a ele. Então, [*Gilberto Freyre*] acompanhou o *staff*, ele não sabia ainda que era tão visado pelos inimigos – pelos que fizeram a revolução de 30, os liberais que eram contra os "perrepistas", os que eram do PRP – e iam se voltar também contra a família dele. Estácio, sim, era procurado pe-

los revolucionários de 30 e foi para o exílio. Gilberto Freyre por solidariedade, por amizade, julgou-se no dever de acompanhar Estácio. Fugiu daqui de Pernambuco num rebocador, foram navegando até Maceió. Em Maceió pretendiam resistir, mas foram avisados que não era mais possível porque a revolução estava ganha, então foram para a Bahia e de lá foram os dois juntos, sem dinheiro nenhum, pedindo emprestado a famílias antigas da Bahia dinheiro e roupas para chegar a Portugal, em pleno inverno, outubro de 30. Como dizia uma personagem de Georges Bernanos: "*Ce qui nous appelons hasard, c'est peut-être la logique de Dieu*"; "*O que nós chamamos de acaso, talvez seja a lógica de Deus*". Isso diz uma carmelita no Diálogo das Carmelitas, de Georges Bernanos. E Otto Maria Carpeaux, meu querido mestre e amigo, dizia: "O acaso é o subterfúgio da preguiça de pensar". De modo que foi um acaso ele ter ido para o exílio, mas talvez tenha sido a lógica de Deus porque aí ele chega em Dakar, ele vê as raízes do Brasil. Ele já sentiu em Dakar um pouco de explicação sobre a formação brasileira. E depois vai para Lisboa, começa a fazer pesquisa na Biblioteca Nacional, no Arquivo Histórico

Ultramarino, aí surge a ideia de escrever um livro cujo título só veio a ser bolado muito depois.

Ainda por acaso os americanos da Universidade de Stanford, sabendo que ele estava exilado em Lisboa, o Prof. Percy Alvim Martin, que era reitor de Stanford, grande brasilianista, passa um telegrama para ele, que antigamente chamava-se cabograma, convidando-o a dar um curso em Stanford, já em 1931. Aí ele sai de Lisboa para os Estados Unidos com esse convite, dá dois cursos em Stanford, um sobre sociologia da escravidão, que interessava tanto aos Estados Unidos quanto ao Brasil, e em Stanford ele encontra a biblioteca de Percy Alvim Martin e de um geólogo americano que estudou muito a geologia do Brasil – esqueço agora o nome dele – que foi reitor de Stanford... Essas fontes sobre o Brasil lá. Tudo isso um acaso que talvez tenha sido a lógica de Deus.

Depois de Stanford, ao voltar para o Brasil, Gilberto Freyre, com dois companheiros de Columbia, Rüdiger Bilden e Simkins, fez uma viagem pelo sul dos Estados Unidos e viu todo o problema da escravidão que era parecido com o do Brasil: casas grandes, fazendas de algodão,

de cana, mas mais de algodão. A monocultura nos Estados Unidos foi mais de algodão. Quando Wilson Martins escreveu o livro, *Um Brasil Diferente*, tentando mostrar que à história do Paraná não se podia aplicar o esquema de Gilberto Freyre, de monocultura, escravismo e família patriarcal. Gilberto lembrou que ele não estava fazendo a necessária distinção entre forma e substância. A substância no Nordeste foi açúcar; nos Estados Unidos foi algodão; em Minas Gerais foi mineração; no Rio Grande do Sul foi o gado. Mas a forma era a mesma, patriarcal, escravocrata e latifundiária. Mas Wilson, que não é paranaense, tem essa paixão pelo Paraná. Ele é um grande admirador de Gilberto Freyre.

Victor Villon: No ano de 1951, o mestre Gilberto Freyre...

Edson Nery da Fonseca: O anti-mestre Gilberto Freyre.

Victor Villon: ...foi convidado a fazer uma viagem pelo ultramar português, pelo ministro Sarmento Rodrigues. Como ocorreu esse convite, como foi a viagem?

Edson Nery da Fonseca: Eu não sei bem dos detalhes, mas há quem saiba. Tem uma professora portuguesa que escreveu um livro sobre o lusotropicalismo.

Victor Villon: Cláudia Castelo?

Edson Nery da Fonseca: É, Cláudia Castelo. É muito bem feito o livro, porque ela teve os arquivos à disposição, as cartas que foram trocadas. Eu não sei dizer, nunca fui de arquivo, inclusive porque tenho alergia a papel velho.

Em vez do que se diz, que Gilberto Freyre com a teoria do lusotropicalismo teria fornecido a Salazar as bases para a errada política ultramarina de Portugal, ela mostra nesse livro que não foi isso exatamente o que aconteceu. Salazar é que procurou justificar a sua errada política ultramarina usando o lusotropicalismo de Gilberto Freyre. E Gilberto Freyre devia ter protestado; disse que pessoalmente falou com ele, depois de visitar, sobretudo, Angola, onde viu o racismo na Companhia dos Diamantes. O governo português queria que ele visitasse só aquilo que estava escolhido, mas ele sempre que podia se libertava dos guias para ver o que era de fato. E descobriu que era uma companhia racista encravada num país negro. Também em Moçambique ele viu coisas erradas. De modo que ele disse que teve conversas com Salazar, em que manifestou: "Inclusive a liberdade de imprensa, eu não posso admitir essa censura". Salazar respondeu: "Olhe, se eu não fizer censura, a imprensa vai complicar as relações externas de Portugal, vai envenenar tudo", era uma desculpa rasgada.

Eu considero Salazar como culpado pela loucura de Álvaro Lins. Álvaro Lins morreu louco por causa de quase um ano de torturas mentais lá em Portugal. Como embaixador do Brasil concedeu asilo ao General Delgado e o governo português não queria aceitar o asilo e ele sentiu-se desapoiado pelo governo brasileiro. Ele representava o governo brasileiro, mas Juscelino Kubitschek retirou o apoio, por isso o governo de Salazar começou a negar o salvo-conduto. Ele foi ficando desnorteado. Quando eu o conheci, pouco antes de morrer no Rio de Janeiro, já havia publicado o livro *Missão em Portugal*, em que rompe relações com Juscelino. Aí ele conta todo o drama da negociação com o governo de Salazar, depois de quase um

ano de negociação resolveram dar o salvo-conduto, porque sabiam que não derrubariam o Álvaro Lins. Isso perturbou muito ele.

Mas voltando a Gilberto Freyre... Então houve essa incompreensão, ele admirava Salazar pelo que Salazar fez a Portugal. Porque não vamos também negar as virtudes de Salazar, era um místico, homem católico praticante, um estadista. Agora, foi ditador, sem dúvida.

E Salazar morreu de susto, sabia? Isso me foi contado como verdade. Salazar teve um derrame e não soube, os médicos esconderam dele, mas continuou lúcido e sem movimento nos braços (como Gilberto, antes de morrer, perdeu a voz e continuou lúcido; eu ainda levei o abade de Olinda para dar a Comunhão e a Extrema-Unção). Mas Salazar, quando começou a recuperar os movimentos com fisioterapia, alcançou a cabeça e viu que estava enfaixada. Chegou o médico e ele perguntou: "O que é isso?". Durante esse período em que ele esteve no pós-operatório levavam documentos de mentira para Salazar assinar, como se ele ainda fosse presidente do Conselho de Ministros, ele assinava pensando que ainda mandava. Quando o médico

disse: "O senhor teve um derrame, foi operado de um coágulo na cabeça"; ele respondeu: "Tira a faixa...!" Bum! Caiu morto! Morreu de susto, para completar o ridículo. E, quando o corpo foi levado para a terra dele, Santa Comba Dão, por disposição testamentária, foi num comboio – como os portugueses chamam os trens – e teve que fazer uma escala numa estação de estrada de ferro. O chefe da estação anunciou pelo alto-falante: "Aproxima-se desta estação o corpo do Presidente do Conselho de Ministros, Antônio de Oliveira Salazar, ele vem com um atraso de 30 anos". Boa história, não é?

Victor Villon: O senhor, no *Gilberto Freyre de A a Z*, narra a história do painel de azulejos portugueses que, por ser tombado, não poderia sair de Portugal. Entretanto, foi considerado que onde estivesse Gilberto Freyre estaria Portugal. O maior intérprete do Brasil traz em si Portugal. Eu gostaria que o senhor falasse um pouco sobre essa relação entre Portugal e Gilberto Freyre.

Edson Nery da Fonseca: Uma das novidades de *Casa-Grande & Senzala* foi o elogio do colonizador português, que era muito maltratado, levado no ridículo pelos brasileiros. Houve até quem dissesse que se os holandeses tivessem ficado no Nordeste do Brasil nós estaríamos mais adiantados. E Gilberto Freyre rebatia energicamente esta história, mostrando que: se é verdade que o Nordeste do Brasil estaria mais desenvolvido tecnologicamente, por outro lado, os holandeses teriam deixado um problema quase sem solução, que é o da separação das raças. É o que eles fizeram na União Sul-Africana, naquele exemplo mais trágico que é o *apartheid*. Assunto sobre o qual Gilberto Freyre fez dois pareceres encomendados pelas Nações Unidas, para apresentar uma solução que parecia insolúvel, porque uma minoria de brancos rejeitava o convívio com negros em nome da Igreja Reformada Holandesa. Portanto uma coisa arraigada no sentimento daqueles brancos, pois se baseava na fé deles. E Gilberto Freyre chamava de Igreja Deformada Holandesa. Ele dizia isso: "Não é justo! O Nordeste do Brasil estaria desenvolvido, mas seria uma Java em ponto grande".

Há um poema de Jorge de Lima chamado Calabar em que ele, ao contrário de elogiar Calabar – como depois ficou na moda, até Chico Buarque tem uma peça – se inspira na ideia de que não teria sido o Brasil holandês melhor do que o Brasil português. Jorge Lima fez esse poema:

"Domingos Fernandes Calabar
eu te perdôo !
Tu não sabias
decerto o que fazias
filho cafuz
de sinhá Ângela do Arraial do Bom Jesus.

Se tu vencesses, Calabar!
Se em vez de portugueses,
– holandeses!?
Ai de nós!
Ai de nós sem as coisas deliciosas
que em nós moram:
redes
rezas,
novenas
procissões, –
e essa tristeza, Calabar,
e essa alegria danada, que se sente
subindo, balançando, a alma da gente.
Calabar, tu não sentiste
essa alegria gostosa de ser triste!".

É lindo! Então essa é a ideia de Gilberto Freyre. Ele reabilitou o colonizador português que vinha sendo subestimado.

Mostrou que, sobretudo, a parte portuguesa da Península Ibérica sofreu uma profunda influência dos árabes, dos mouros que lá se estabeleceram durante séculos. Então, houve um intercâmbio cultural enorme entre os portugueses e os árabes e houve uma mestiçagem. De modo que surgiram os moçárabes, os mouros convertidos ao Cristianismo. Os árabes são morenos; então, quando o colonizador chegou aqui encontrou índios morenos, bronzeados, ele já era um povo mestiço, que não fez nenhuma objeção em se unir com as índias. As índias, por sua vez, nunca tinham visto homens brancos e se jogaram aos pés deles como se fossem deuses. Tudo indica que os índios brasileiros não estavam sexualmente à altura dos desejos das índias. Porque, diz Gilberto Freyre, de todos os povos que contribuíram para a formação do Brasil, o mais libidinoso não foi nem o africano, como se dizia, nem o índio, foi o português, que vinha de requintes sexuais da civilizada Europa. Os índios tinham até dificul-

dade de ereção, para conseguirem tinham que fazer danças eróticas para, vulgarmente falando, levantar o "pau". Então as índias encontraram um povo libidinoso, se jogaram e a mistura da raça do branco com o índio foi enorme. Como dizia Gilberto Freyre, num dos trechos mais bem escritos, mais imagísticos de *Casa-Grande & Senzala*: "os portugueses saltavam das naus nas praias escorrendo em carne. Até os missionários da Companhia de Jesus tinham que fazer um esforço enorme para não enterrarem o pé na carne". De modo que houve uma grande mistura de raças no Brasil, nos primeiros anos da colonização. Isso é o maior elogio que ele podia fazer ao colonizador português. *Casa-Grande & Senzala* procura reabilitar o colonizador português.

Em 1940, aqui havia um grupo de monarquistas liderados por Guilherme Auler, Manoel Lubambo, Jordão Emerenciano, Sérgio Higino e outros que acusavam Gilberto Freyre de ser anti-lusitano. Veja que acusação estúpida e mentirosa. Eles queriam incompatibilizar Gilberto Freyre com os representantes de Portugal no Brasil, isolando frases que fora do contexto pareciam um ataque a

Portugal, quando Gilberto Freyre sempre foi o que Sérgio Buarque de Holanda chamou de pan-lusismo. Sérgio Buarque de Holanda acusava Gilberto Freyre, em dois artigos que estão no livro, *Mitologias*, de ser pan-lusista. Ora, um homem acusado por um homem como Sérgio Buarque de Holanda de ser pan-lusista não pode ser apontado como anti-lusitano.

Em 1940, na ocasião da comemoração dos centenários de Portugal, da fundação de Portugal e da Restauração, o cônsul de Portugal no Recife convidou Gilberto Freyre para ser o orador oficial. Foi quando eu vi pela primeira vez Gilberto Freyre, eu fazia o primeiro ano do curso pré-jurídico e assisti à conferência, no Gabinete Português de Leitura, que ele publicou depois com o título de *Uma Cultura Ameaçada: A Luso-Brasileira*. Eu fiquei encantado com o modo de ele ler a conferência; ele fazia da leitura de uma conferência uma obra de arte. Eu estava habituado, até então, a considerar conferência como uma coisa aborrecida, que faz a gente dormir, era o que eu via no meu colégio. Entretanto, vi aquela conferência, ele muito bem vestido, elegante, escandindo as sílabas, falando devagar para todo mundo perceber. Uma voz bonita, porque era uma voz gutural, não era labial. Por causa dos cinco anos passados na adolescência nos Estados Unidos, Gilberto Freyre ficou falando português guturalmente. Ele tinha uma voz completamente diferente de nós outros que falamos labialmente, como todas as línguas neolatinas. E combinando erudição e coragem, porque denunciava, em 1940 – era o começo da Segunda Guerra Mundial... A Alemanha ia vencer porque ela entrou de sola nos outros países da Europa. Ela entrou com o que ela chamava de *Panzerdivisionen*, que são as divisões blindadas, com uma superioridade de armas enorme e usando a tática da guerra relâmpago: chegar de surpresa e "pá"! Até a França, acabou com a utopia da Linha Maginot; e infelizmente encontrou marechais franceses que colaboraram. Foi uma coragem de Gilberto Freyre em 1940 – a Alemanha castigando a Inglaterra com bombardeios, destruindo toda Londres – e Gilberto atacar dizendo: "Não há nenhuma base científica do arianismo e do racismo que é hoje trombeteada das torres hitleristas...". Ora, se a

Alemanha tivesse vencido ele teria ido para um campo de concentração.

Além da erudição, do conhecimento da matéria do que foi a colonização portuguesa e da coragem em dizer essas coisas, havia a combinação de tudo isso com humorismo. No meio da conferência – como era uma conferência longa – ele dizia uma anedota. Ele gostava, aliás, de anedotas. Lembro bem dessa anedota, que foi a seguinte: uma senhora foi ao culto de uma seita a que ela pertencia e essa seita declarava que não existia mal no mundo. Ela foi com o filhinho pequeno, quando os dois saíram da igreja atravessaram um campo, uma vaca parecia investir contra ela e o filho. O filho se agarrou nas saias da mãe, amedrontado, e a mãe repreendeu o filho dizendo: "Você não se convenceu do que o nosso pastor disse, que não existe mal no mundo?"; e o menino: "Eu estou convencido, mas a vaca não". É uma maravilha! Todo mundo riu, relaxaram e ele continuou a conferência. Eu saí deslumbrado. E saí em companhia de um padre do colégio que tinha horror a Gilberto Freyre. Ele perguntou: "Gostou? O que achou?"; Eu respondi: "Estou deslumbrado!". Ele

deu uma rabissaca na rua – antigamente padre não saía sem batina – e disse: "Nós não podemos admitir o franciscanismo desse homem". Quer dizer, o jesuíta com raiva porque Gilberto Freyre era franciscanista... Ele elogiava muito a colonização, a evangelização feita pelos franciscanos na Califórnia, apresentava como exemplo, para contradizer o genocídio que os jesuítas praticaram no Brasil; em vez de terem ensinado agricultura aos índios, queriam ensinar Padre Nosso, Ave Maria, Creio em Deus Padre... Ensinar latim! E os franciscanos procuravam formar agricultores.

E alguns portugueses diziam que era estranho um cônsul de Portugal chamar um anti-lusitano para ser o orador oficial das comemorações... Ele não era anti-lusitano, era pró-lusitano, como disse Sérgio Buarque de Holanda.

Mais de uma década depois é que o ministro do Ultramar Português chamou Gilberto Freyre. Mas antes ele publicou *O Mundo que o Português Criou*, já é um livro só de elogios à colonização portuguesa. São conferências que ele fez em Portugal e na Inglaterra. Aliás, acabou não

fazendo porque ele adoeceu ou veio chamado ao Brasil por doença na família, não sei o que foi, nunca me lembrei de perguntar isso a ele... Outras pessoas, a pedido dele, leram as suas conferências no King's College, em Londres, e em Coimbra. São quatro conferências; foram publicadas, primeiro com o título de *Conferências na Europa*, pelo Ministério da Educação e Saúde. Depois ele fez aquela edição, que é de 1940, *O Mundo que o Português Criou*, com um longo prefácio de Antônio Sérgio, um anti-salazarista, inimigo pessoal de Salazar. Antônio Sérgio, grande sociólogo português, fez uma análise das conferências para a segunda edição. De modo que houve sempre uma aproximação enorme, Gilberto desejou ser embaixador do Brasil em Portugal, mas ele não ia pedir isso ao Getúlio, ele insinuava...

Embora o Itamaraty tivesse fornecido a Gilberto e Madalena passaporte diplomático, que sempre renovou, numa dessas renovações fui eu que fui ao Dário Castro Alves, que era secretário geral do Itamaraty em Brasília, para pedir a renovação, ele mandou imediatamente renovar porque se extinguia o prazo. Gilberto sempre gostou disso

porque dizia: "O Itamaraty me dá isso porque me considera um embaixador cultural do Brasil".

Havia uma igreja que ficava no caminho entre Lisboa e o Aeroporto de Portela de Sacavém, topônimo do lugar onde está o Aeroporto Internacional de Lisboa – ela teve que ser destruída e o painel de azulejos dessa igreja, a vida de Nossa Senhora, estava à venda no antiquário. Quando Gilberto Freyre se interessou em comprá-lo, arranjou um dinheiro para pagar, pois era uma coisa caríssima (ele está guarnecendo toda a sala de jantar de Santo Antônio de Apipucos, em perfeito estado de conservação, porque foram retirados da igreja antes de ela ser demolida), aí se colocou o problema: não podiam azulejos do Século XVIII saírem do território português. Gilberto Freyre fez uma petição ao governo português pedindo para ter o direito de levá-lo para sua casa. E o parecer – não sei de que ministério, se foi do próprio Ministério dos Negócios Estrangeiros ou se foi do Patrimônio Histórico – concordou dizendo: "Onde está Gilberto Freyre estará Portugal"; deve estar nos documentos em Apipucos, registrando isso. Concordaram em liberar com a convic-

ção de que onde estiver Gilberto Freyre estará Portugal. Bonito, não?

Uma coisa é o amor de Gilberto Freyre por Portugal, outra coisa é a ditadura salazarista, que, aliás, já passou, já foi até tarde.

Victor Villon: Ainda um pouco sobre o salazarismo. O senhor saberia dizer qual foi a opinião de Gilberto Freyre sobre o 25 de abril de 1974, sobre a Revolução dos Cravos?

Edson Nery da Fonseca: Inicialmente, Gilberto Freyre recebeu com suspeita essa revolução porque Lisboa era uma cidade limpíssima. Os que não concordaram com a Revolução dos Cravos – esses que apoiavam a ditadura como Luís Forjaz Trigueiros, que Deus o tenha em bom lugar – foram morar no Rio de Janeiro. Luís Forjaz Trigueiros era um escritor, jornalista, muito simpático. Ele era casado com uma mulher belíssima, inteligentíssima, era tradutora. Fugiram da Revolução dos Cravos porque eram do salazarismo, foram para o Rio de Janeiro e foram acolhi-

dos pela Editora Nova Aguilar, por Carlos Lacerda. Ela passou a traduzir livros importantes do estrangeiro, do inglês e do francês para o português. Além de ilustrada, era uma mulher muito bonita. Morreu antes do próprio marido e ele ficou desolado, foi se finando. Luís Trigueiros descreveu a Revolução dos Cravos como uma revolução que sujou Lisboa, que desorganizou Lisboa.

Eu estive em Guiné Bissau logo depois da independência e foi uma tristeza conviver com a miséria geral. As Forças Armadas – só tinha Exército, não tinha Marinha, nem Aeronáutica – esmolambados pelas ruas; nunca passei tempo tão triste na minha vida como aqueles dois meses em que fui contratado pela Unesco para planejar um sistema de biblioteca em Guiné Bissau. Era uma utopia da Unesco, porque um país destroçado pela guerra, sem estatística, sem nada, não podia coisa alguma.

Mas depois Gilberto Freyre se convenceu com o presidente Mário Soares, que é um fã de Gilberto Freyre, gilbertófilo declarado. Vai promover, no próximo ano, seminário sobre Gilberto Freyre. Ele anunciou aqui num seminário que houve sobre relações diplomáticas do Brasil

com Portugal, em homenagem a Álvaro Lins. Eu fui um dos conferencistas. E agora ele é novamente candidato a presidente da República. Tomara que ele vença, porque aí vai fazer um seminário realmente. Embora a Fundação Mário Soares seja muito rica.

Victor Villon: Gilberto Freyre diz, em *Um Brasileiro em Terras Portuguesas*, que defendeu um projeto de lei que permitisse tanto a brasileiros como a portugueses a dupla nacionalidade. Ele era a favor de uma comunidade luso-brasileira?

Edson Nery da Fonseca: Ele defende isso em 1940, na conferência *Uma Cultura Ameaçada: A Luso-Brasileira*. Uma comunidade de povos que falam português. Nada de política, era só uma confraternização de povos que têm a mesma língua e se baseava muito em T. S. Elliot, em um livro de prosa, chamado *A Sociedade Cristã*. Ele dizia: "É uma comunidade que será cristã no amplo sentido da palavra cristão. Não se exige que seus membros tenham fé, mas é uma denominação ampla de cristão, uma religião

ecumênica". E foi fundada depois [*a comunidade dos povos lusófonos*], ninguém diz que foi Gilberto Freyre quem pensou isso pela primeira vez. Foi fundada numa solenidade no Maranhão. O Itamaraty não quer reconhecer esse pioneirismo de Gilberto.

Victor Villon: Freyre fala, no Opúsculo, *Uma Cultura Ameaçada: A Luso-Brasileira*, que o português teria se adaptado no Brasil. Assim sendo, teria substituído o vinho do porto pelo vinho de caju. Teria feito com a tartaruga pratos à moda portuguesa. A nossa lusitanidade teria influenciado até as coisas mais regionais?

Edson Nery da Fonseca: Claro que sim. A arquitetura regional, você vai à parte antiga de Lisboa e vê os mesmos sobrados que vê no Rio de Janeiro, no centro do Rio antigo, em torno da Candelária, aquelas ruas são tipicamente lisboetas. Onde o português passou deixou a marca dele...

Victor Villon: Para Gilberto Freyre, até naquilo que é mais regionalmente nosso teria o dedo do português?

Edson Nery da Fonseca: Exato. Porque não podia ter o dedo do africano nem do índio. Embora ele tenha desgostado muito os historiadores portugueses mais convencionais ao ter dito que o africano foi co-colonizador do Brasil, em certos aspectos superior ao colonizador branco.
Victor Villon: Esses historiadores não gostaram?

Edson Nery da Fonseca: Não podiam gostar os historiadores oficiais de Portugal. Durante muito tempo Gilberto Freyre era visto pela historiografia oficial portuguesa sob suspeita.

Victor Villon: E depois ele...

Edson Nery da Fonseca: Entrou na Academia de Ciências de Lisboa. Em 1940, ele anuncia, nessa conferência *Uma Cultura Ameaçada: A Luso-Brasileira*, que ele devolveu o título de membro da Academia Portuguesa de História porque era governamental. Ele diz: "Por preconceitos rigidamente antiacadêmicos". Depois aceitou o da Academia Brasileira de História, depois aceitou o da Academia de

Ciências de Lisboa, depois aceitou o título de doutor *honoris causa* por Coimbra.

Quando o governador de Pernambuco, muito generosamente, me deu a Medalha do Mérito Guararapes – maior honraria do Estado de Pernambuco – foi uma solenidade muito bonita, seguida de um almoço no próprio palácio, eu fiz um discurso de agradecimento e contei aos presentes a seguinte história: quando moço, eu fui antiacadêmico, seguindo o exemplo do meu mestre Gilberto Freyre, que se vangloriava de não aceitar condecorações nem medalhas para enfeitar, palavras dele: "o peitilho de uma casaca que raramente uso". Isso me conquistou e eu tomei o propósito de nunca aceitar condecorações. Um dia, eu fui assistir a uma conferência de Gilberto Freyre na Escola Superior de Guerra e, como é de praxe na Escola Superior de Guerra, um oficial do comando da escola lê o currículo do conferencista. É um currículo padrão da escola, com os itens impressos. E, no item medalhas e condecorações, evidentemente respondido pelo próprio conferencista estava: "não costumo aceitá-las". Ah! Aquilo! Disse para mim mesmo: "eu vou ser sempre assim, não

aceito medalhas nem condecorações". Então, mudo-me para Brasília e um amigo meu, chefe do Departamento Cultural do Itamaraty, me diz que tinha proposto meu nome para receber a Medalha do Mérito Educativo nas cerimônias anuais que se realizam no Itamaraty com a presença do presidente da República, que é quem entrega essa medalha. Era Francisco de Assis Viegas o embaixador, chefe do Departamento Cultural (Nós éramos do Conselho Consultivo da Fundação Cultural do Distrito Federal. Ele representando o Itamaraty e eu, a Universidade de Brasília, onde fui professor de 1962 a 1991 quando me aposentei por limite de idade. Depois ela me deu o título de professor emérito, que é o que muito me honra, eu adoro a Universidade de Brasília.). Eu disse a ele: "Não me promova a isso, porque eu não aceito"; "Como, não aceita?"; eu respondi: "Essa coisa de medalha, de condecorações, quem adora isso são diplomatas e militares. Eu não sou nem diplomata nem militar. Depois eu sigo o meu mestre Gilberto Freyre, não sou ninguém, mas reivindico o direito de não aceitar medalhas e condecorações. Embora não esteja me ombreando com Gilberto Freyre, achei

isso bonito da parte dele". Acontece que depois de muitos anos eu volto ao Recife, vou visitar Gilberto Freyre e ele me mostra, em vitrines, as suas medalhas e condecorações. Então cheguei à seguinte conclusão: só quem gosta de medalhas e condecorações são os velhos. Tanto assim que fui ler a instituição dessa Ordem do Mérito Guararapes e vi que ela só podia ser dada a maiores de 30 anos. Por isso eu aceitei agora essa medalha do Governo do Estado. Mas são os paradoxos da vida...

Conversei muito com Gilberto sobre isso, a propósito de um palavrão que está num artigo de mocidade dele: "Você nunca mais escreverá isso depois que ficou grande, olímpico". Ele disse: "É verdade". O palavrão estava quando ele [*Gilberto Freyre*], ao analisar uma obra de Bertrand Russell sobre como devem ser educados os meninos, sem superstições nem lendas que possam influir na formação saudável da mente infantil, diz: "Tudo isso é simples coco de galinha". E Afonso Arinos de Melo Franco (eu disse isso na minha conferência no Centro Cultural Banco do Brasil; o meu amigo Alberto Venâncio Filho ficou indignado porque eu ataquei o Afonso Arinos,

que é um deus para muita gente) escreveu sobre *Casa-Grande & Senzala* um artigo muito elogioso, mas fazendo a seguinte restrição: "O que eu não posso admitir é um livro deste nível, desta categoria, usar palavras chulas". Qual é a palavra chula? É o verbo "peidar", que Gilberto Freyre usa no último capítulo de *Casa-Grande & Senzala* ao descrever a vida sedentária do senhor de engenho, do patriarca: "Não saía da rede; na rede ele copulava, na rede ele saía de visita aos parentes carregado debaixo de guarda-sóis, de pálios, na rede ele ditava as suas cartas para o padre e para o compadre, na rede fazia tudo; depois do almoço era na rede que ele fazia longamente o quilo, fumando, arrotando alto, peidando". Imagine se ele dissesse: "fumando, cuspindo no chão, arrotando alto e emitindo gases"; seria ridículo! É quando ele [Gilberto Freyre] dizia: "O palavrão, em sendo indispensável, é justo e eficaz". Ele não era um homem de usar linguagem chula no cotidiano, era um homem muito alinhado, muito educado, muito fino. Mas, a hora em que é preciso usar um palavrão, ali era, evidentemente... Aliás, David Mourão Ferreira comenta esse trecho, diz assim: "É um trecho medonho, é um trecho que causa até indisposição na gente que está lendo. Mas não podemos deixar de admirar o pintor que soube pintar tão bem essa tradição brasileira".

Victor Villon: Na obra de Gilberto Freyre há Portugal e há o Brasil. Isso seria mais um dos antagonismos em equilíbrio que foi estudado por Ricardo Benzaquen de Araújo?

Edson Nery da Fonseca: Essa é a maior contribuição de Gilberto Freyre que tem sido estudada por muitos dos seus exegetas, que era uma espécie de ideia fixa dele, a conciliação de extremos. Foi preocupação dele na vida inteira não assumir posições extremistas. Como ele não era nem de extrema esquerda, nem de extrema direita, ele apanhava dos dois lados, dos extremistas da esquerda e dos extremistas da direita. Os extremistas da direita o chamavam de comunista. Os comunistas o chamavam de reacionário. Ele, aliás, disse uma vez a Elide Rugai Bastos que o adjetivo que mais o incomodava era chamá-lo de reacionário, porque ele se considerava revolucionário. Mas não de tudo, sem cortar relações com o passado, aproveitar as li-

ções, as contribuições do passado que sejam aproveitáveis. Mas sempre partindo para frente. Não se pode chamar de reacionário um homem que escreveu *Insurgências e Ressurgências Atuais*, que justifica o casamento entre pessoas do mesmo sexo.

Victor Villon: Qual era a relação de Gilberto Freyre com Deus? Ele era ateu, agnóstico ou católico fervoroso?

Edson Nery da Fonseca: Não! Nada de ateu, ele era um místico. Ele poderia dizer como Gide, no seu *Journal*: "*Le catholicisme est inadmissible, le protestantisme est intolerable et je me sens profondément chrétien*". Ele era profundamente cristão. Conversamos muito sobre religião. Quando eu levava dúvidas para ele, ele me dizia assim: "Edson, nós não podemos entender Deus, porque Ele nos criou, nós somos criaturas. Por exemplo, eu não aceito o mistério da Santíssima Trindade, é uma coisa complexa demais para entender, racionalmente não se explica. E Deus não se explica racionalmente. Não existe tempo e espaço para Deus, é um mistério. Então eu me guio – dizia

ele – pelas palavras do profeta Isaías, ao falar em nome de Deus para nós: 'Meus pensamentos não são os teus pensamentos, nem os meus caminhos são os teus caminhos', diz o Senhor, é o meu lema. Mistério, Santíssima Trindade, Virgem Maria antes, durante e depois do parto, coisa de irracionais, mas a gente tem que aceitar porque é mistério, mistério de fé". Madalena era católica praticante. Quando ela deixou de ir à missa, porque se inimizou com um pároco lá de Apipucos, ele recriminou. Eu fui vários domingos, de manhã cedo, a Apipucos, ele estava na missa dos maristas, que ficam acima da residência dele; havia lá um seminário de formação de maristas, que ele frequentava e era muito estimado pelos padres mais velhos, que iam muito à casa dele.

Cristina, a nora de Gilberto Freyre – viúva, hoje, de Fernando Freyre – contou-me que foi à Alemanha visitar um provincial franciscano do Nordeste do Brasil, alemão, Frei Serafim Prein, que hoje, pela idade, vive retirado do convento, da casa-mãe da Ordem Franciscana. E ouviu Frei Serafim dizer: "Olha, Gilberto Freyre se confessava comigo e eu me confessava com ele". Que coisa! Pro-

vincial da Ordem Franciscana se confessar! O entendimento, a empatia entre ele e Gilberto. Considerado um livre pensador. Agnóstico nunca foi. Ele acreditava no espírito, no sobrenatural.

Agora, ele era reacionário em matéria de religião porque não admitia o Concílio de Vaticano II, ele não admitia a missa em português. Aí eu não podia discutir com ele porque não nos entendíamos. Eu aceitei tudo do Concílio do Vaticano II, menos a missa de Padre Marcelo Rossi, porque eu sou da missa em silêncio, cantada em canto gregoriano, e não de bater palmas, gritar e levantar os braços. Ele achava que a missa devia continuar a ser celebrada em latim, aí eu não concordava. Ele batizou os filhos na Igreja Católica. Fez com que fizessem a Primeira Comunhão e se crismassem na Igreja Católica.

O José Lins do Rego dizia – interpretando Gilberto Freyre, eles conversavam muito sobre religião: "Olha, eu sou fascinado pela liturgia católica. Eu acho a liturgia protestante muito sem graça". E Gilberto foi protestante batista, pregou em igreja batista. Quando foi para os Estados Unidos foi para uma universidade batista do Texas,

Baylor. Mas lá ele desencantou-se com o protestantismo porque verificou que o protestantismo era racista; porque o protestantismo era aburguesado.

Ele tinha horror ao Rotary Clube e ao Lion's Clube; dizia assim: "Eu não sou contra os rotarianos, eles são pessoas muito boas. Somente eles são iguais uns aos outros, eles não admitem a diversidade". Quando eu, Madalena e um grupo de Gilbertianos estivemos em um seminário comemorativo do Seminário de Tropicologia promovido pela Fundação Oriente, na Serra da Arrábida, perto de Lisboa, no fim o Rotary Clube dessa cidade, sabendo que os Gilbertianos estavam lá, quis oferecer um banquete de despedida. Então nós saímos do lugar onde estávamos hospedados, era um antigo convento de eremitas franciscanos que a Fundação Oriente comprou (A Fundação Oriente, como a Fundação Gulbenkian vive do petróleo do Oriente Médio, vive do cassino de Macau; portanto, enquanto houver cassino em Macau, enquanto os chineses não acabarem com o cassino de Macau, ela vai lucrando um percentual, não sei se de 5% ou de 10%. Na Serra da Arrábida, havia um eremitério, uma ermida de

franciscanos eremitas, ao qual pertenceu São Pedro de Alcântara. São Pedro d'Alcântara é padroeiro de Petrópolis, foi padroeiro do Brasil, viveu lá nesse eremitério. São Pedro de Alcântara foi confessor de Santa Teresa de Ávila. A Fundação Oriente comprou – a gente vê aquelas ermidas no meio da floresta, vêm desde o mar até o pico da Serra da Arrábida – e construíram perto um hotel para convenções. Na antiga igreja eles fazem as reuniões. Apartamentos muito bons, confortáveis, vinho, porque é uma terra de muitos vinhos. É no distrito de Setúbal, é a uma hora de Lisboa, belas estradas.). Na saída, eu consegui pegar uma das vans que iam levar nossas bagagens para o hotel em Lisboa, em que íamos ficar um fim de semana. Eu ia saindo para pegar a van e Madalena disse: "Você não vai ao jantar do Rotary?"; "Não vou por causa do seu marido"; "Por quê?". "Porque ele disse, uma vez, que: 'um analfabeto espanhol vale mais como personalidade humana do que um congresso inteiro de rotarianos reunidos em Chicago'". Ele não gostava de rotarianos. E tinha, na nossa comitiva, rotarianos; Reinaldo Oliveira, um ator e emérito daqui, e mais outro que não lembro o nome. Fe-

lizmente eles não ouviram, senão eles iam repudiar Gilberto depois de morto.

Victor Villon: Gilberto Freyre desenvolveu um tipo de linguagem literária extremamente moderna para os padrões clássicos do final do Século XIX e começos do Século XX. A poesia de Gilberto Freyre não tem métrica. Os temas abordados em seus trabalhos sociológicos são inovadores, como se processou esse movimento? Ele também é modernizador da nossa cultura. Entretanto, independente da Semana de Arte Moderna de 1922. Em resumo, eu pergunto: como Gilberto Freyre tem um sentido modernizador da nossa cultura, mas é, ao mesmo tempo, independente da Semana de Arte Moderna ?

Edson Nery da Fonseca: Quando ocorreu a Semana de Arte Moderna, Gilberto Freyre estudava na Universidade de Columbia desde 1921. Com 18 anos ele foi para Baylor e depois de graduar-se em Baylor, ele foi pós-graduar-se em Columbia – só fez o mestrado, não quis fazer o doutorado. Defendeu aquela dissertação que todo mundo co-

nhece [*Social life in Brazil in the middle of the 19th Century*; publicada posteriormente em português sob o nome: *Vida Social no Brasil nos meados do século XIX*]. A maior parte das dissertações e teses defendidas em universidades americanas está sepultada, por assim dizer, em uma universidade chamada Michigan University. Na Universidade de Michigan há um depósito de todas as dissertações e teses; a maior parte delas não é publicada, nem merece publicação. Mas, se você precisar, eles fornecem. University Microfilms é o nome dessa parte da Universidade de Michigan. Entretanto, a de Gilberto foi publicada no mesmo ano na *Latin America Histhoric Rewie* por iniciativa de Percy Alvim Martin, que depois o convidou para ir para Stanford.

Ele foi muito influenciado pela vida nos Estados Unidos, pela literatura norte-americana. Ele conviveu com modernistas americanos muito anteriores aos modernistas brasileiros. De modo que, quando chegou aqui em 1923, um ano depois da Semana de Arte Moderna, que ele tomou conhecimento por José Lins do Rego, ele disse: "Mas eu já vi tudo isso nos Estados Unidos e na Europa".

Porque, depois de pós-graduar-se em Columbia, ele foi a vários países da Europa. Foi à Alemanha, a Munique, se deixou influenciar pelo expressionismo do teatro alemão e da pintura alemã. Então disse: "São uns papagaios, estão imitando uma coisa que já vi na Europa".

Ele estudava ainda em Baylor quando a grande poetisa Amy Lowell – que foi uma das seguidoras do imagismo anglo-americano em poesia – lá fez uma conferência. Gilberto ficou encantado com ela e escreveu um artigo num jornal de Baylor; os dois ficaram amigos e se corresponderam. A correspondência dele para ela está na Universidade de Harvard, na biblioteca de obras raras, no espólio de Amy Lowell; e as dela para ele estão aqui em Apipucos. Eu desejaria muito fazer uma edição dessa correspondência porque foi fundamental, ela influenciou o imagismo dele. E ele também tornou-se amigo de um grande poeta americano, que não é tão conhecido como Whitman, que é Lindsay Vachel, Gilberto o conheceu em Nova Iorque. Era um poeta rapsodo que saía por todo o país dizendo poesias; nas propriedades os operários paravam para ouvi-lo cantar os poemas, recitar, e ele coligia di-

nheiro para subsistir. Lavava as roupas dele nos rios, pendurava para secar. Gilberto ficou impressionado, teve dois ou três encontros com ele num hotel holandês em Nova Iorque. Então houve essa influência muito forte nele do Modernismo europeu e norte-americano.

Depois ele vai para a Europa e vê já os fins do Modernismo, que ainda começava a engatinhar no Brasil; por isso que ele não aderiu ao Modernismo formal que começou no Brasil em 1922. A ideia de regionalismo ele também recebeu nos Estados Unidos. Já havia um movimento regionalista na Virgínia; lá tinha havido um congresso de regionalismo, foi anterior ao pernambucano de 1934 que Gilberto fez aqui. Foi, de certa maneira, uma resposta que ele deu, ao fundar o regionalismo, ao Modernismo que ele chamava de cenográfico e de artificioso da semana dos paulistas. Embora ele tenha se tornado, depois, grande amigo dos modernistas inteligentes como Manoel Bandeira, Carlos Drumonnd de Andrade; de pintores modernistas; de Rubens Borba de Moraes, historiador e bibliógrafo. O que aconteceu com a influência de Gilberto Freyre é que ela teve uma dimensão enorme. Foi uma in-

fluência interdisciplinar. Ele influenciou médicos, naturalmente antropólogos e sociólogos. Médicos psiquiatras, como o primo dele Ulisses Pernambucano, que ele fez tornar-se psiquiatria social mostrando como a sociedade provoca doenças mentais; não se pode tratar tecnicamente com Psiquiatria sem olhar para as causas sociais da loucura, das doenças mentais. Estudou-se também doenças mentais entre índios, doenças mentais inúmeras entre negros, com saudade da África. Ele conta isso com muito expressionismo em *Casa-Grande & Senzala*, alguns escravos que morreram ficando zonzos, se embriagando, pela tristeza da vida do escravo, a melancolia. E entretanto a música brasileira sem os escravos teria sido muito pobre.

Além disso, Gilberto Freyre influenciu escritores, como José Lins do Rego e vários outros romancistas. Um homem de extrema-esquerda como o líder das Ligas Camponesas, Francisco Julião, tem um livro de contos regionalistas que ele pediu o prefácio a Gilberto Freyre. Autores de várias ideologias, de várias religiões. Tem um livro de um pai de santo aqui de Olinda, prefaciado por Gilberto Freyre, explicando o que é o culto afro-brasileiro. Há li-

vros de poesia prefaciados por ele, vários. Há livros de Historiadores sociais, naturalmente. Era uma influência muito ampla ideologica, religiosa e regionalmente. Há devotos de Gilberto Freyre até no Rio Grande do Sul. Na Amazônia, o historiador Artur César Ferreira Reis, maior historiador de todos os tempos da Amazônia. No Rio de Janeiro, o historiador e também romancista Gastão Cruls era amigo "irmão" de Gilberto – eu o conheci apresentado por Gilberto – escreveu um livro *Aparência do Rio de Janeiro* e pediu prefácio a Gilberto.

Gilberto tinha um plano de escrever guias práticos, históricos e sentimentais. Da Cidade do Recife, ele publicou em 1934, da Cidade de Olinda, publicou em 1939. No guia de Olinda, anuncia o de Belém do Pará, o da Bahia e o do Rio de Janeiro; eram essas as cidades brasileiras que ele mais amou. Recife, onde nasceu, Olinda, que ele considerava avó do Recife, Bahia... Eu perguntei uma vez: "Se você fosse obrigado a sair do Recife e pudesse escolher a cidade brasileira para onde você iria, qual você escolheria ?"; ele, imediatamente: "Bahia. É mais rica culturalmente do que Pernambuco".

Gastão Cruls queria muito escrever o guia do Rio de Janeiro. Ele já tinha conseguido ilustrações de uma senhora da Embaixada da Áustria no Rio de Janeiro. Gastão Cruls disse: "Gilberto, você deixa eu escrever o livro porque você está ficando já velho não vai escrever mais esse guia"; ele respondeu: "escreva". Aí Gastão Cruls, em retribuição, pediu ao Gilberto o prefácio de *Aparência do Rio de Janeiro*. Nesse gênero de guias, ao mesmo tempo prático, histórico e sentimental, Gilberto foi um inovador em todo o mundo. O Guia do Recife é o primeiro guia com três aspectos diferentes: prático, com nomes de ruas, preços de automóveis, de aluguel etc; histórico, a história da cidade; e sentimental, o amor dele pela cidade.

A primeira edição do Guia do Recife, que é hoje um livro raro de encontrar, foram 105 exemplares. Na primeira edição não tinha capítulos era um texto corrido como se fosse um longo poema em prosa. Para efeitos práticos, quando José Olympio fez a segunda edição, convenceu Gilberto Freyre de criar os capítulos para tornar mais prático o uso do livro, era um guia confessadamente também prático. Aquele de Olinda também é uma edição

muito limitada, não tanto quanto o do Recife. O guia de Olinda foram 500 exemplares, também é muito bonito, é um livro difícil de achar nos antiquários. O do Recife, há muitos anos atrás, um antiquário me avaliou em mil reais o preço; mas hoje já deve estar em dez mil reais. O de Olinda, cinco mil reais, talvez.

O de Belém foi também escrito a pedido do autor, um escritor de Belém do Pará. O da Bahia Jorge Amado fez um sem falar com ele [*Gilberto Freyre*], ele desistiu... O poema, *Bahia de Todos os Santos e Quase todos os Pecados*, é de 1926, antes dos guias sobre a Bahia, que apareceram muito tempo depois. Antes de Dorival Caymmi exaltar as belezas da Bahia. Antes de Ary Barroso escrever aquela canção "Oh, Bahia, ai, ai, Bahia que não me sai do pensamento, ai, ai, faço o meu lamento, oi..."; isto foi feito por Ary Barroso – carioca exaltando a Bahia – mas muito depois, nos anos 30. Caymmi começou a se projetar depois dos anos 30. O poema de Gilberto é de 26. As instituições convencionais, acadêmicas da Bahia, o Instituto Histórico e a Academia Baiana de Letras detestaram o poema. O poema diz:

> **"Eu detesto os teus oradores, Bahia de Todos os Santos, teus Ruys Barbosas, teus Otávios Mangabeiras. Mas gosto das tuas iaiás, tuas mulatas, teus angus. Tudo à sombra das tuas igrejas todas cheias de anjinhos bochechudos, Sãos Josés, Sãos Joões, meninoznhos de Deus e com senhoras se confessando a frades mais magros do que eu. O padre reprimido que há em mim se exalta diante de ti, Bahia".**

Uma coisa linda! Depois passaram a gostar. Mas ainda hoje há quem faça restrições porque ele despreza os oradores da Bahia, despreza a Academia, os acadêmicos, e exalta as mulatas da Bahia, os brancos da Bahia não gostam disso. Embora seja a terra brasileira de mais negros. Aliás, tem muitos intelectuais negros lá.

Victor Villon: O senhor poderia recitar todo o poema *Bahia de Todos os Santos e Quase Todos os Pecados*?

Edson Nery da Fonseca: Olhe, eu tenho que ver porque às vezes eu misturo partes. Eu tenho que ter um texto aqui para não perder a ordem. Aliás, não há estrofes, é tudo

continuado. Mas deixe eu pegar como guia só; eu sei tudo de cor, mas às vezes eu misturo partes do meio com o início, partes do fim. [*Apanha um quadro na parede com a reprodução da página de O Cruzeiro, na qual foi publicada uma das versões da poesia*]

"Bahia de Todos os Santos e de quase todos os pecados – poema de Gilberto Freyre, 1926.

Bahia de Todos os Santos (e de quase todos os pecados)
casas trepadas umas por cima das outras
casas, sobrados, igrejas, como gente se espremendo pra sair num retrato
[de revista ou jornal
(vaidade das vaidades! diz o Eclesiastes)
igrejas gordas (as de Pernambuco são mais magras)
toda a Bahia é uma maternal cidade gorda
como se dos ventres empinados dos seus montes
dos quais saíram tantas cidades do Brasil
inda outras estivessem para sair
ar mole oleoso
cheiro de comida
cheiro de incenso
cheiro de mulata
bafos quentes de sacristias e cozinhas
panelas fervendo
temperos ardendo
o Santíssimo Sacramento se elevando
mulheres parindo
cheiro de alfazema

remédios contra sífilis
letreiros como este:
Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo
(Para sempre! Amém!)
automóveis a 30$ a hora
e um ford todo osso sobe qualquer ladeira
saltando pulando tilintando
pra depois escorrer sobre o asfalto novo
que branqueja como dentadura postiça em terra encarnada
(a terra encarnada de 1500)
gente da Bahia! preta, parda, roxa, morena
cor dos bons jacarandás de engenho do Brasil
(madeira que cupim não rói)
sem rostos cor de fiambre
nem corpos cor de peru frio
Bahia de cores quentes, carnes morenas, gostos picantes
eu detesto teus oradores, Bahia de Todos os Santos
teus ruisbarbosas, teus otaviosmangabeiras
mas gosto das tuas iaiás, tuas mulatas, teus angus
tabuleiros, flor de papel, candeeirinhos,
tudo à sombra das tuas igrejas
todas cheias de anjinhos bochechudos
sãojões sãojosés meninozinhosdeus
e com senhoras gordas se confessando a frades mais magros do que eu
O padre reprimido que há em mim
se exalta diante de ti Bahia
e perdoa tuas superstições
teu comércio de medidas de Nossa Senhora e de Nossossenhores do
[Bonfim
e vê no ventre dos teus montes e das tuas mulheres
conservadores da fé uma vez entregue aos santos
multiplicadores de cidades cristãs e de criaturas de Deus
Bahia de Todos os Santos

Salvador
São Salvador
Bahia
Negras velhas da Bahia
vendendo mingau angu acarajé
Negras velhas de xale encarnado
peitos caídos
mães das mulatas mais belas dos Brasis
mulatas de gordo peito em bico como pra dar de mamar a todos os
[meninos do Brasil.
Mulatas de mãos quase de anjos
mãos agradando ioiôs
criando grandes sinhôs quase iguais aos do Império
penteando iaiás
dando cafuné nas sinhás
enfeitando tabuleiros cabelos santos anjos
lavando o chão de Nosso Senhor do Bonfim
pés dançando nus nas chinelas sem meia
cabeções enfeitados de rendas
estrelas marinhas de prata
tetéias de ouro
balangandãs
presentes de português
óleo de coco
azeite-de-dendê
Bahia
Salvador
São Salvador
Todos os Santos
Tomé de Sousa
Tomés de Sousa
padres, negros, caboclos
Mulatas quadrarunas octorunas

a Primeira Missa
os malês
índias nuas
vergonhas raspadas
candomblés santidades heresias sodomias
quase todos os pecados
ranger de camas-de-vento
corpos ardendo suando de gozo
Todos os Santos
missa das seis
comunhão
gênios de Sergipe
bacharéis de pince-nez
literatos que lêem Menotti del Picchia e Mário Pinto Serpa
mulatos de fala fina
muleques
capoeiras feiticeiras
chapéus-do-chile
Rua Chile
viva J. J. Seabra morra J. J. Seabra
Bahia
Salvador
São Salvador
Todos os Santos
um dia voltarei com vagar ao teu seio moreno brasileiro
às tuas igrejas onde pregou Vieira moreno hoje cheias de frades ruivos e
[bons
aos teus tabuleiros escancarados em x (êsse x é o futuro do Brasil)
a tuas casas a teus sobrados cheirando a incenso comida alfazema
[cacau."

Victor Villon: Sobre a linguagem de Gilberto Freyre, ele tinha uma profunda admiração por Joaquim Nabuco, porém o estilo de *Minha Formação* é muito mais formal do que o de Gilberto Freyre. O senhor poderia falar um pouco sobre essa diferença de estilo e sobre a relação entre Gilberto Freyre e Joaquim Nabuco?

Edson Nery da Fonseca: Gilberto Freyre tinha um grande fascínio por Joaquim Nabuco. Embora Joaquim Nabuco tivesse nascido numa família de escravocratas. Há quem diga que Gilberto Freyre falou em nome dos escravocratas como defensor da açucarocracia da família patriarcal. É uma injustiça, a família de Gilberto Freyre era uma família urbana, não uma família rural. Gilberto Freyre nasceu num bairro do Recife chamado Aflitos, na Av. Rosa e Silva. O pai dele era um juiz de Direito e depois catedrático de Economia Política na Faculdade de Direto do Recife. Era injusto dizer que Gilberto Freyre estudou a formação social do Brasil do terraço da casa grande. Em São Paulo, na USP, os discípulos de Florestan Fernandes, vivem sempre a repetir isso, que já se tornou um lugar co-

mum, que Gilberto Freyre era um reacionário que viu a formação do Brasil com os preconceitos de um escravocrata da açucarocracia. Apesar disso, Gilberto Freyre tinha uma grande admiração por Joaquim Nabuco e até talvez se sentisse na posição de Joaquim Nabuco, que era um homem bonito, e Gilberto Freyre também foi um homem bonito. Ambos muito vaidosos pela própria beleza física deles e também pela sua inteligência. Gilberto Freyre não dizia em público, mas ele, em particular, dizia: "Eu sou gênio, eu sou um gênio, eu tenho lucidez bastante para vencer a falsa modéstia e reconhecer que eu não sou igual ao outros, que eu sou muito acima dos outros". Embora ele só dissesse muito particularmente e não em público, o que seria feio.

Agora, você está certo, o estilo dos dois é um estilo diferente pelo próprio fato de Joaquim Nabuco ter sido um político e, portanto, um grande orador e, portanto, um homem preocupado com a retórica. Gilberto Freyre detestava a retórica e por isso ele não gostava de Ruy Barbosa, ele não tinha a admiração que todos os brasileiros, sobretudo os baianos, têm por Ruy Barbosa. Ele achava

Joaquim Nabuco muito superior a Ruy Barbosa, embora Joaquim Nabuco não pretendesse ter a cultura jurídica de Ruy Barbosa. Mas todo o Brasil sabe, os baianos sobretudo, e os devotos de Ruy Barbosa lamentam muito que Gilberto Freyre considerasse Ruy Barbosa um xaroposo, um estilo empertigado demais, que não era o estilo dele.

Joaquim Nabuco escrevia muito bem, mas o que caracterizava o estilo dele era o cartesianismo, era a clareza, *la clarté* francesa e racionalista. Mas a própria França não tem só racionalistas, tem pascalianos, não tem só cartesianos. Pascal era completamente diferente de Descartes. Há, até, uma peça de teatro [*L'Entretien entre M. Descartes avec M. Pascal le jeune (Encontro de Descartes e Pascal) de Jean-Claude Brisville*] que eu vi há muitos anos no Rio de Janeiro que apresentava uma conversa entre Descartes e Pascal; nunca se encontraram na vida, mas o autor dessa peça teve essa ideia feliz de imaginar um encontro entre os dois tão divergentes em tudo; no pensamento, um racionalista e o outro místico. Então, Gilberto Freyre, como era também contraditório, tinha o lado claro mas tinha também o lado místico, sombrio.

Então, você está certo, mas não obstante, os extremos se tocam. Gilberto Freyre tinha uma grande capacidade de empatia, isto é, de se colocar na personalidade de outras pessoas a fim de interpretá-las. Por exemplo, ele não tinha nada em comum com Euclides da Cunha, mas ninguém até hoje traçou um perfil psicológico mais bonito de Euclides da Cunha do que Gilberto Freyre, no seu livro *Perfil de Euclides e Outros Perfis*.

O mesmo ocorreu com o Imperador Dom Pedro II. Ele nunca deixou de reconhecer os erros de Dom Pedro II, mas ele admirava a figura complexa de Dom Pedro II, a paixão de Dom Pedro II pelos escritores, pelos cientistas... E, natualmente, como ele era um esteta, era apaixonado pela monarquia, pela estética do ritual monárquico.

Aliás, devo lembrar que, numa reunião do seminário de Tropicologia o saudoso mestre José Guilherme Merquior disse, *en passant*, que Joaquim Nabuco não foi um pensador, foi só um escritor. José Guilherme baseava-se no livro de Joaquim Nabuco, escrito em Francês, *Pensées Detachées*, *Pensamentos Soltos*. Dizia José Guilherme, com toda razão: "Esse livro não revela nenhum pensador,

o que revela é que Joaquim Nabuco escrevia muito bem Francês". Gilberto Freyre protestou energicamente, amável mas energicamente, dizendo: "Não, você esquece *O Abolicionismo*, que é obra de um pensador".

Victor Villon: Para o senhor, Gilberto Freyre teve mais influência de Oliveira Lima ou de Joaquim Nabuco?

Edson Nery da Fonseca: Eu diria que teve mais de Oliveira Lima, porque foi em uma idade em que ele estava mais aberto às influências. A admiração por Joaquim Nabuco veio depois da admiração por Oliveira Lima, que ele começou a ler em casa e a quem ele conheceu quando foi, em 1918, convidá-lo [*Oliveira Lima*] para ser o paraninfo da sua turma de conclusão do Curso de Humanidades no Colégio Americano Gilbreath, no Recife. Agora, é difícil dizer. Oliveira Lima não gostava de Joaquim Nabuco. Oliveira Lima era diferente de Joaquim Nabuco. Joaquim Nabuco era bonito, Oliveira Lima era feio. Joaquim Nabuco era elegante, Oliveira Lima era de uma gordura doentia. Até por aí as duas personalidades são antípodas. Mas como Gilberto Freyre pretendia entender tudo...

Acho que pelo próprio fato de tê-lo conhecido – ele não conheceu Joaquim Nabuco – a influência de Oliveira Lima é predominante.

Victor Villon: Ainda sobre as influências de Gilberto Freyre, ele se relacionou com intelectuais monarquistas portugueses como o Visconde de Sabugosa. Como foi esse influência?

Edson Nery da Fonseca: Ele também esteve na França e se ligou muito aos maurasianos, aos discípulos de Charles Maurras. Ele admirava muito o tradicionalismo da ala francesa liderada por Charles Maurras. Como Maurice Barrès, por exemplo, que escreveu um livro interessante, *Les Déracinés*, *Os Desenraizados*. De modo que isso explica porque, quando chegou a Portugal, ele se ligou ao grupo de monarquistas como o Visconde de Sabugosa e Antônio Sardinha. Por causa disso, ele não se ligou aos modernistas portugueses, os que estavam se projetando na modernidade portuguesa como Fernando Pessoa, como José Régio, como João Gaspar Simões, como Adolfo Casais Mon-

teiro. Essa mocidade de vanguarda de Portugal Gilberto Freyre ignorou. Mas também se ligou a anti-salazaristas como Antônio Sérgio, que escreveu um longo prefácio no livro de Gilberto, *O Mundo que o Português Criou.*

Victor Villon: É verdade que Gilberto Freyre não gostava de Fernando Pessoa? Por quê?

Edson Nery da Fonseca: É verdade sim. Não gostava porque ele achava Fernando Pessoa artificial ou artificioso, como pertencente a uma corrente literatizada. Nisso ele se enganava. Às vezes Gilberto Freyre se enganava quando ele queria seguir somente a sua intuição. Ele, por exemplo, uma vez, criticou o racionalismo de Teilhard de Chardin e de Jacques Maritain. E Jacques Maritain considera o misticismo como o mais alto meio de conhecimento. Então, uma pessoa que diz isso, que defende essa ideia não pode ser acusada de racionalista, de querer racionalizar a fé católica. Teilhard de Chardin era um cientista, era um arqueólogo, conseguiu conciliar o darwinismo, o evolucionismo, com a doutrina da criação que a Igreja Católica

defende. Entretanto, o mais belo texto de Teilhard de Chardin chama-se *La Messe sur le Monde, Missa sobre o Mundo*. É um texto de um misticismo belíssimo. Ele conta que, estando no deserto fazendo escavações, chegou uma hora que era um domingo e ele tinha vontade de celebrar uma missa e, como ele não podia porque não tinha levado o vinho, nem o pão e tampouco trigo, ele fez uma profunda meditação sobre a missa e escreveu esse folheto, um texto curto, não chega a ser um livro inteiro, mas é a coisa mais bonita que ele escreveu. Missa sobre o Mundo.

Eu, uma vez, levei para Gilberto de presente um livro de Fernando Pessoa ortônimo, *Mensagem*. Ele não queria, mas aí disse: "Eu vou ler"; eu disse: "Deixa eu ler logo um poema". Aí ele disse: "Mas que coisa linda, muito místico!". Não sei se ele continuou lendo. É um preconceito; igual ao que ele teve por Jorge Luiz Borges, também considerava artificioso demais.

Victor Villon: O crítico literário Antônio Cândido disse, referindo-se aos modernistas, que eles ensinaram os intelectuais a não serem sisudos. Eu particularmente acho que

Gilberto Freyre encarnou mais do que ninguém esse espírito, quer dizer que o intelectual não tem de estar afastado da vida, que ele deve ser um apaixonado pela vida, divertir-se e ter prazer no seu trabalho. O senhor concorda?

Edson Nery da Fonseca: Concordo inteiramente com você. Gilberto Freyre sempre reagiu contra o academicismo, contra essa postura. Na Conferência *Uma Cultura Ameaçada: Luso-Brasileira*, que é belíssima, ele leva no ridículo os intelectuais de gabinete, de monóculo ou de pincenê, que querem entender o mundo dentro do seu gabinete sem sair para tocar na realidade, porque ele era como o filósofo inglês John Locke, defendia um estudo, a compreensão da realidade através da micro-história, através da história monográfica e não a história tratadística. Disso também ele não gostava: da sisudez. Aliás, gostava muito de anedota. Ele sempre contrabalançava, como conferencista, os trechos mais eruditos com os trechos irônicos.

Victor Villon: O senhor poderia falar um pouco sobre a lusotropicologia, quais são as suas raízes?

Edson Nery da Fonseca: As raízes mais remotas da lusotropicologia estão não explicitadas, mas estão embutidas, em *Casa-Grande & Senzala*, de 1933. Aquela defesa da colonização portuguesa começou ali. A reabilitação do colonizador português, que era levado no ridículo antes de Gilberto Freyre. Ele mostrou como foi melhor para o Brasil que tivesse sido colonizado por portugueses. Pelo próprio fato de os portugueses terem chegado ao Brasil já miscigenados pelo grande e demorado domínio dos mouros na Península Ibérica; de terem gostado da terra, de terem se amigado com índias e depois, com a vinda dos escravos, com as escravas negras sem nenhum preconceito de cor. Então, estão em *Casa-Grande & Senzala* as mais remotas raízes da lusotropicologia. Mas não explicitadas e não já transformadas em teoria do lusotropicalismo.

Em *O Mundo que o Português Criou*, também já se mostra. Essa defesa caminha para uma teorização que entretanto não foi feita em *O Mundo que o Português Criou*. Só quando ele teve a oportunidade de visitar as chamadas províncias ultramarinas (daí resultaram dois livros: *Um Brasileiro em Terras Portuguesas* e *Aventura e Rotina*, o diá-

rio de viagem) é que explicitou-se em conferências que ele fez na Índia e depois na conferência que fez em Coimbra. Aí já surge uma possível ciência, como ele dizia, porque Gilberto Freyre não era enfático. Gilberto Freyre era pessoalmente vaidoso mas, quando ele dissertava, quando ele falava de ciência, ele era humilde. Os próprios títulos de grande número de livros dele revelam essa humildade diante dos fatos, que era sua cosmovisão: não enfatizar, não generalizar, mas partir das verificações locais. Daí o seu regionalismo e telurismo. Como exemplo de títulos de livros de Gilberto Freyre: "sugestões para isto ou aquilo", "introdução a isto ou aquilo", "contribuição a isto ou aquilo", ele detestava generalizar e teorizar enfaticamente.

Victor Villon: O senhor podia falar um pouco da relação de Gilberto Freyre com o pintor Cícero Dias?

Edson Nery da Fonseca: Olhe, foi um relacionamento amoroso até, diria. Porque quando Gilberto voltou, depois de 5 anos maciços nos Estados Unidos e na Europa – a maior parte nos Estados Unidos, mas também parte do ano de

1923 na Europa – encontrou muitos obstáculos, muitas objeções, muitas críticas, um repúdio até. Mas encontrou da parte de um grupo uma afeição, uma espécie de procura de um mestre. Isso ocorreu com José Lins do Rego, ocorreu com Cícero Dias e com vários outros rapazes da época, um pouco mais moços do que ele mas quase da mesma geração: Olívio Montenegro, Sílvio Rabelo, Aníbal Fernandes. Também um grupo de médicos que estudava Medicina já numa perspectiva sociológica, digamos assim. Gilberto Freyre tem um livro muito bom chamado *Sociologia da Medicina*, pouco conhecido porque foi publicado em Portugal pela Fundação Calouste Gulbenkian. E a segunda edição, que é brasileira, foi de uma época em que a Editora Globo, de Porto Alegre, estava no fim e não fez uma boa distribuição. Ele também teve a má ideia de transformar o título, *Sociologia da Medicina*, em *Médicos, Doentes e Rumos Sociais*. Tirou um pouco do pioneirismo que foi para ele escrever uma sociologia da medicina, a primeira em língua neolatina.

Então, houve aqui um grupo de jovens que, ao contrário da reação dos velhos contra Gilberto Freyre,

aderiram a ele, aos ideais regionalistas, aos ideais tradicionalistas, sem deixar de serem modernistas.

Cícero Dias por causa da sua própria pintura... Aliás, o número de artigos que Gilberto Freyre fez sobre Cícero Dias dava um livro inteiro. O primeiro deles se chama *Cícero Dias e o "Sur-nudisme"*. Porque o nudismo da pintura de Cícero não era obsceno, era poético, era lírico. Homens e mulheres nuas, mas sem nenhum sinal, sem nenhum tom de erotismo mas sim de lirismo, uma sexualidade lírica, não ofensiva. Foi isso que os aproximou. E o Cícero Dias ilustrou *Casa-Grande & Senzala* com vinhetas e com aquele maravilhoso mapa que mostra uma casa grande em vários tempos: almoço com toda a família e os empregados na mesa, o padre lá na capela, os meninos brincando, fazendo "cocô" nas touceiras da bananeira, um menino "comendo" um carneiro ou uma cabra... Um mapa interessantíssimo para ser lido por um antropólogo, por um historiador. É verdade que Cícero Dias fez aquele mapa orientado por Gilberto Freyre, mas as vinhetas foram da imaginação dele. Infelizmente as reproduções não são boas. Em alguns exemplares o próprio Cícero Dias pintou as vinhetas. E há umas edições em que o mapa foi pintado. Isso explica, então, a ligação íntima dele com Cícero Dias.

Victor Villon: Outra pergunta: até que ponto *Dona Sinhá e o Filho Padre* [*obra ficional de Gilberto Freyre, publicada em 1964, classificada pelo autor como "seminovela"*] é autobiográfica?

Edson Nery da Fonseca: Eu gosto muito do que ele chamou de "seminovela". Parece bem construída a história da entrevista que ele faz com [*Dona Sinhá*] a mãe do seminarista José Maria.

É autobiográfico pela ligação dos personagens com a cidade do Recife, cidade que Gilberto Freyre muito amou e a respeito da qual escreveu um livro muito bonito: *Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife.* É autobiográfico também no sentido de que o Dr. Paulo, quando jovem, teve também um relacionamento homossexual com o jovem seminarista. É verdade que depois ele prosseguiu pela heterossexualidade em Paris e, por isso,

Gilberto Freyre chama a continuação de *Dona Sinhá e o Filho Padre* de: *O Outro Amor do Dr. Paulo*. O primeiro amor foi José Maria; houve apenas um beijo entre os dois, mas um beijo que marcou a mocidade de José Maria, como ele descreve muito bem em *Dona Sinhá e o Filho Padre*. E lá na França ele se apaixonou por uma francesa; foi o outro amor do Dr. Paulo. É o caso próprio de Gilberto Freyre, que teve ligações amorosas com jovens de Oxford, masculinos, e, depois, se casa normalmente com Madalena Guedes Pereira.

Victor Villon: Gilberto Freyre dá muita importância às "coisas". Ele diz que o Recife – acho que é no *Guia Prático, Histórico e Sentimental* – tem valores como "jangada", "água", etc. Eu queria que o senhor falasse um pouco disso. Há alguma ligação com o imagismo ? E o que é propriamente o imagismo ?

Edson Nery da Fonseca: O imagismo é o uso de imagens como se a palavra não bastasse. É completar o texto literário com imagens visuais, olfativas e auditivas. Isso decorria

do telurismo de Gilberto Freyre. É o que em Filosofia exprime a ideia de que o homem deve aproximar-se da realidade não através de abstrações, mas sim através do estudo da realidade da terra. Gilberto Freyre era muito contra abstrações... Diz Roland Barthes que escreveu uma profundíssima resenha sobre *Maîtres et Esclaves* [*título de "Casa-Grande & Senzala" na edição francesa*], assim que *Casa-Grande & Senzala* saiu pela Gallimard, em Paris. Roland Barthes diz que sentiu em *Casa-Grande & Senzala* um gosto, uma paixão pelas coisas carnais, materiais, físicas por parte de Gilberto Freyre. Isso é o que define essa cosmovisão de John Locke, Stuart Mill e outros ingleses. É o que se opõe ao generalismo, é o estudo da realidade física, da Sociologia chamada microscópica, das pequenas coisas, como você disse: "rios", "lagos", "jangadas". Não era só imagístico. O estilo imagístico dele é parte para mostrar essa realidade telúrica através de imagens.

O imagismo dele tem raízes nos contatos dele com a New Poetry anglo-americana, com o Walt Whitman, como outro também nem tão conhecido quanto Whitman, que é Lindsay Vachel que ele conheceu pessoal-

mente. Lindsay Vachel foi um grande rapsodo, muito imagista. E também o estilo enumerativo, que é muito forte na poesia de Lindsay Vachel, está presente no estilo de Gilberto Freyre.

Victor Villon: Como é esse estilo?

Edson Nery da Fonseca: Em *Ordem e Progresso* tem várias páginas sem ponto, só com vírgula e ponto-e-vírgula, em que ele enumera todos os elementos, traços culturais que caracterizam o mil e novecentos brasileiro, isto é, a época em que o Brasil deixou de ser Império para ser República; a época em que a abolição dos escravos foi feita. É impressionante, porque é uma variedade enorme. É aquilo que um grande filólogo alemão, Leo Spitzer, chamou de enumeração caótica. O estilo enumerativo de Gilberto Freyre está em *Ordem e Progresso* quando ele enumera – como diria Leo Spitzer – caoticamente todos os traços culturais que caracterizam a época, repetindo, os livros e os jornais que eram lidos, os remédios que eram receitados, as diversões que eram utilizadas, os exercícios e os esportes que

eram praticados, as máquinas fotográficas que surgiram, a Kodak, as marcas de automóveis, os móveis Béranger, os pintores mais admirados, as doenças que ocorriam mais. Por exemplo, ele enumera entre tudo isso traços morais, intelectuais, sociais e culturais no sentido mais amplo de cultura. Enumera entre todos esses traços culturais os ataques histéricos, que eram comuns e deixaram de ser, de mulheres nas saídas dos enterros e em outras ocasiões dramáticas. Quer dizer, a moda é uma coisa tão importante que até doenças passam da moda, por exemplo: a tuberculose foi moda entre os poetas românticos; morreram todos tuberculosos porque não se cuidavam, porque cultivavam a palidez.

Outro exemplo é esse capítulo de *Sociologia da Medicina*, no qual Gilberto Freyre fala da civilização do homem sentado. É uma página só, mas que tem que ser lida totalmente [*apanha o livro*]:

> **"Quando se define a civilização contemporânea como uma civilização de "homem sentado", toma-se em especial consideração o fato, na verdade, social e higienicamente significativo, de ser,**

nas suas áreas tecnologicamente mais avançadas, uma civilização em que os seus agentes, os seus líderes e os seus participantes passam grande, talvez a maior parte, do seu tempo físico e do seu tempo socialmente mais valioso, sentados. Sentados em estudos, nas escolas primárias, secundárias, superiores. Sentados em funções de ensino, nas cátedras; em trabalhos de escritório, de oficina, de fábrica, de banco, de estabelecimentos comerciais e industriais. Sentados em tratores nos campos. Sentados na direção de arados, de caterpillars, de outras máquinas agrárias e de várias urbanas. Sentados na direção de automóveis, de aviões, de lanchas, de caminhões, bem como de locomotivas. Sentados como passageiros desses veículos, hoje numerosíssimos, e de bicicletas e motocicletas. Sentados em casa, repousando, descansando, cismando. Sentados na igreja, rezando. Sentados nas arquibancadas de campos de jogos de futebol e de outros jogos, nos concertos, nos teatros, e também para assistir a danças folclóricas ou outros espetáculos ao ar livre. Sentados nas assembléias, nos congressos, nos parlamentos, nos conselhos municipais. Sentados quando moços, quando homens de meia idade, quando velhos. Sentados como homens e como mulheres. Sentados para almoçar; para jantar; para cear; para o chá, para a merenda. Sentados quando defecam e até quando urinam; e sentados para abluções de bidê e semicúpio. Sentados em cadeira de balanço, em cadeira de molas, em cadeira de rodas, em cadeira de couro, em cadeira de vime. Sentados para os jogos de cartas, de dominó, de xadrez. Sentados para as conversas de porta de farmácia do interior. Sentados em movimento. Sentados em repouso. Sentados nas estações, à espera de trens e nos aeroportos, à espera de aviões. Sentados nos bancos, em cadeiras, em poltronas, em espreguiçadeiras, em sofás, em marquesões. Sentados para ouvir rádio, para ver televisão ou cinema. Sentados na cadeira do dentista, na cadeira do barbeiro, na de cabeleireiro, na de engraxate, no banco dos réus e até – não é frequente mas acontece – em cadeira elétrica para cumprir sentença de morte."

Isto é um mestre do estilo enumerativo. Vai dizendo todos os tipos de "sentar": marquesões, espreguiçadeiras, cadeiras, poltronas. É o que Leo Spitzer assinalou em Walt Whitman, o estilo enumerativo que chega ao seu esplendor em *Ordem e Progresso*. Procure reler *Ordem e Progresso* e ver no capítulo chamado *Tentativa de Síntese*, que é o mais belo do livro. Infelizmente, na edição norte-

americana, o tradutor e editor Rod W. Horton cortou esse capítulo. O livro é descomposto, como o próprio Gilberto reconhecia.

Discutindo em Marília, ouvi o grande brasilianista Thomas Skidmore dizer que o que ele criticava em *Casa-Grande Senzala* era não ter começo, meio e fim; era não ter premissas e conclusões. Eu disse: "Você está exigindo de um autor o que ele não quer ser. Você gostaria que fosse um tratado. Ele não é tratadista, ele é ensaísta, ele segue o exemplo do fundador do gênero ensaio que foi Michel de Montaigne. Não tem começo, não tem meio, não tem fim. Então não queira exigir de um ensaista o que ele não queria ser, isto é, tratadista".

Mais descomposto ainda é *Ordem e Progresso*. Ele próprio reconhece. E Rod W. Horton quis tirar as gorduras – não há gordura em Gilberto Freyre – mas quis tirar repetições e tudo. E aí, infelizmente, cortou o mais belo capítulo do livro que é *Tentativa de Síntese*, onde há essa enumeração caótica de traços culturais que caracterizam a época por ele estudada em *Ordem e Progresso*.

Victor Villon: Gilberto Freyre gostava do Montaigne?

Edson Nery da Fonseca: Adorava. Ele era montaigniano ou baconiano, que é o exemplo de Montaigne seguido na Inglaterra por Francis Bacon: fundadores do gênero ensaio.

Aliás, há uma história muito engraçada que Carlos Heitor Cony contou numa crônica que eu recortei, da *Folha de São Paulo*. Havia um escritor muito conhecido no Rio de Janeiro, Álvaro Moreira, que escreveu um livro de memórias chamado *As Amargas Não*. E a própria mulher do Álvaro Moreira era uma grande escritora. E eles recebiam em casa, todo sábado à tarde, escritores para uma conversa, bebericar, tomar chá... E era frequentada por Afonso Arinos de Melo Franco, vaidosíssimo e portanto não se dava bem com Gilberto Freyre, eram inimigos cordiais porque dois bicudos não se beijam. Dois vaidosos, não é? Como aquela história de Gilberto Freyre diante do espelho perguntando se havia alguém mais vaidoso do que ele no Recife e o espelho respondeu: "Há, sim, chama-se Ariano Suassuna".

Nesse sábado estava chovendo e telefonaram para Afonso Arinos de Melo Franco e disseram: "Olha, você está fazendo falta, estamos reunidos aqui, venha". E ele disse: "Não, não posso, está chovendo, estou em casa relendo meu Montaigne". Bom, daqui a pouco o próprio dono da casa voltou a telefonar para Afonso Arinos e disse: "Olha, você não pode deixar de vir, a conversa está muito interessante, estão atacando Gilberto Freyre". Ele disse: "Vou imediatamente! Não precisa dizer mais nada, em cinco minutos estarei aí". Não é engraçado?

Victor Villon: Mas na crônica Carlos Heitor Cony não menciona o nome de Afonso Arinos de Melo Franco, não é ?

Edson Nery da Fonseca: Ele não diz. Eu o consultei pessoalmente. Essa história é evidente para quem conheceu Afonso Arinos, até a voz dengosa do outro lado do fio era a voz do Afonso Arinos. Eu logo pensei que fosse Afonso Arinos. Quando o encontrei [*Carlos Heitor Cony*] disse: "É Afonso Arinos, não é?"; ele respondeu: "É, a história me

foi contada por Josué Montello num chá da Academia". É bom para a vida literária do país...

Victor Villon: Gilberto Freyre deveria ser considerado também como um escritor literário ?

Edson Nery da Fonseca: Ele reivindica isso. Ele disse: "Mais do que sociólogo que eu sou, antropólogo que eu sou, historiador social que eu sou, possivelmente, com certa modéstia, pensador social, eu quero ser definido como escritor literário". Ele se queixava muito de que não o convidavam para congressos de escritores, porque eram congressos literatos. Mas ele foi um escritor que se exprimiu literariamente porque ele era um ensaísta literário. Há poucos casos na história da cultura universal, mas existem. Existem obras científicas de gosto literário.

Victor Villon: Para findar, a última pergunta. Se o senhor pudesse fazer uma confissão freyreana, algo que o senhor ainda não contou sobre Gilberto Freyre...

Edson Nery da Fonseca: Quando Gilberto Freyre se casou com Madalena, muita gente pensou que o casamento não iria dar certo por causa da enorme diferença de idade entre os dois. Pensaram que ele iria envelhecer – ele se casou com 41 anos com uma mulher de 21 anos – ela continuaria ainda na flor da idade e poderia até traí-lo. O que aconteceu foi o contrário, ela envelheceu, assumiu formas redondas – o que não era a beleza feminina ideal para ele – e ela passou a ter ciúmes, porque as mulheres se apaixonavam por Gilberto. E ele amou outras mulheres além dela. Eu posso, por exemplo, lhe contar que um dia Gilberto Freyre passou comigo por um lugar da Fundação Joaquim Nabuco, onde tinha havido o primeiro escritório dele, de presidente do conselho diretor e ele disse: "Aqui fui muito feliz com Elisa, sem trair Madalena". Elisa foi o último amor da vida dele, uma secretária que ele teve no conselho diretor da Fundação Joaquim Nabuco. E, ainda estudante, em Colúmbia, ele foi hóspede da grande poetisa imagista americana Amy Lowell. Eu li e fotocopiei todas as cartas dele a Amy Lowell, que estão na biblioteca de livros raros da Universidade de Harvard. Gostaria muito

de fazer a edição da correspondência dele para Amy Lowell e de Amy Lowell para ele. As cartas são visivelmente apaixonadas. Ela era solteirona. Ele foi hóspede dela. Uma vez eu perguntei a Gilberto, na presença de Madalena, se ele tinha "transado" com Amy Lowell, quando havia sido hóspede dela no palacete da família, dos Lowell, em Boston; era uma mulher rica. Ele disse: "Não respondo a perguntas dessa natureza, você sabe disso". Mas eu acho que foi porque estava junto de Madalena. Se tivesse sido uma conversa mais íntima, ele teria confessado o que afinal confessou a um amigo meu, eu vou lhe contar. Quando ele fez a última viagem ao estrangeiro (sempre levando Madalena depois que casou com Madalena ele nunca aceitou convites para ir sozinho às diversas partes do mundo, sempre exigia que pagassem a estadia de Madalena) foi a Baylor quando esta universidade fez uma festa de homenagem aos seus alunos que mais se projetaram. Então ele foi convidado a ir... Ao viajar, ele perguntou a esse amor dele, Elisa Dias Collier (no dicionário de *Gilberto Freyre de A a Z* eu não disse o nome, só contei a história, mas não essa que eu vou lhe contar porque eu ainda não sabia

quando fiz o dicionário). Ele perguntou ao amor dele o que ela queria de lembrança da viagem. Ela disse: "Uma câmera Canon". Aí ele anotou. E um dia, lá em Baylor, quando estava previsto um dia livre e Madalena ia fazer um passeio com as senhoras dos outros homenageados, ele pediu a um professor: "Você entende de máquinas fotográficas, de câmeras?"; "Mais ou menos", respondeu o professor; "Você podia me acompanhar a uma loja? Porque eu não entendo nada disso. Uma pessoa muito querida me pediu uma câmera Canon"; "Pois não, vamos lá". Na hora "H", o passeio é cancelado e Madalena vai também com eles e o vê querendo comprar uma câmera. Ela disse: "Você não entende disso. Para quem é ?".Gilberto responde: "Para Elisa". Ela não falou com ele mais durante o resto da viagem.

Aí vão a Boston. Eu informei ao meu amigo Joaquim Francisco Coelho, que é professor da Universidade de Harvard... (Harvard, como você sabe, fica ao lado de Boston, fica numa cidade chamada Cambridge. Cambridge Massachusetts, não é a Cambridge inglesa). Joaquim Francisco Coelho é professor de literatura portuguesa e brasileira em Harvard; convidou Gilberto para fazer uma palestra lá para os estudantes sobre os seus contatos com a vida acadêmica universitária norte-americana. Gilberto aceitou, foi, como sempre, com Madalena, e, na hora de levar Gilberto de volta ao aeroporto, havia muito tempo ainda disponível, então Gilberto disse: "Vamos ao cemitério de Boston". Madalena já sabia que ele queria visitar o túmulo de Amy Lowell. Então, na porta do cemitério, Madalena não desceu do automóvel: "Venha, Madalena!"; "Não vou!". Abusada, não é? Estava de mal com ele, sem falar desde o "caso da câmera Canon", em Baylor. Foi Joaquim Francisco quem contou-me essa história. Ele [*Joquim Francisco Coelho*] o acompanhou então, Gilberto já sabia onde era o túmulo, vai... Aí chega diante do túmulo de Amy Lowell, ajoelha-se, fica uns momentos assim ajoelhado, depois se levanta e diz para Joaquim Francisco: "Foi a mulher que eu mais amei na vida". Essa história é inédita, tem sido só contada aqui e ali e eu lhe dou de presente.

Victor Villon: Muito obrigado.

Bibliografia

BENZAQUEN DE ARAÚJO, Ricardo: *Guerra e Paz: Casa Grande e Senzala* e *A Obra de Freyre nos Anos 30.* Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

_____ *Castelos no Ar: Notas sobre Portugal em Aventura e Rotina* in Anais do Seminário Internacional Novo Mundo nos Trópicos. Recife: s.e, 2000.

BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio: *Raízes do Brasil.* São Paulo: Companhia das Letras, 2000. (26º. edição).

CASTELO, Cláudia: *"O modo Português de Estar no Mundo": O Luso-Tropicalismo e a Ideologia Colonial Portuguesa.* Porto: Edições Afrontamento, 1999.

CAVALCANTE, Berenice: *Antigos e Modernos. Histórias de uma Tradição* in Modernas Tradições. Rio de Janeiro: Access Editora, 2002.

COSTA E SILVA, Alberto: *Das Mãos do Oleiro*: aproximações, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

FREYRE, Gilberto: *Uma Cultura Ameaçada*: *A Luso-Brasileira.* Rio de Janeiro: Edição da Casa do Estudante do Brasil, 1942

_____ *Um Brasileiro em Terras Portuguesas.* Rio de Janeiro: José Olympio 1953. (Coleção documentos Brasileiros N.76)

_____ *Aventura e Rotina.* Rio de Janerio: José Olympio 1953a. (Coleção Documentos Brasileiros N.77)

_____ Menos Especialista que Generalista in Gilberto Freyre na UNB. Brasília. Editora da Universidade de Brasília, 1981.

_____ *Casa Grande e Senzala.* Rio de Janeiro: Editora Record, 1999. (36º. edição)

_____ *Como e Porque Sou e Não Sou Sociólogo.* Brasília, Editora da UNB, 1968.

_____ *Interpretação do Brasil.* São Paulo: São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MOISÉS, Massaud: *Dicionário de Termos Literários.* São Paulo: Editora Cultria, 1978. (2º. edição)

MONTAIGNE, Michel: *Ensaios.* São Paulo: Abril Cultural, 1972.

NERY DA FONSECA, Edson: *Gilberto Freyre de A a Z*: Referências essenciais à sua vida e obra. Rio de Janeiro: Zé Mario Editor, 2002.

SALVADOR, Frei Vicente do Salvador: *História do Brasil.* São Paulo: Melhoramentos, s.d.

SERRÃO, José: *Dicionário de História de Portugal.* Porto: Livraria Figuerinha, 1985. (Volume II).

SKIDMORE, Thomas: *Raízes de Gilberto Freyre* in Ethel Volfzon Kominsky et alii, Gilberto Freyre em quatro tempos. São Paulo: EDUSC, 2003.

THOMAS, Omar Ribeiro: *Introdução* in Freyre Gilberto, *Interpretaçãodo Brasil.* São Paulo: companhia das Letras, 2001.

_____ Ecos do Atlântico Sul. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2002.

VIANNA, Hermano: O Mistério do Samba. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/ Editora da UFRJ, 2004. (5º. edição).

Um dos painéis de azulejos portugueses do século XVIII, retratando a vida de Nossa Senhora, na sala de jantar do Solar de Santo Antônio de Apipucos: "onde estivesse Gilberto Freyre estaria Portugal".

Ita Diis Placuit

PUBLIQUE O SEU LIVRO!
Com a Usina de Letras você pode.
Nós trabalhamos em parceria com novos autores.
Envie o seu material para uma avaliação para o e-mail:
editora@usinadeletras.com.br

Para adquirir um exemplar desse livro,
entre em contato com:

Usina de Letras

Rua Conde de Irajá, 90 – Botafogo – (021) 2539-7909
Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22271-020

SCS Quadra 01 Bloco E – Ed. Ceará sala 809
Brasília – DF – CEP: 70303-900

www.editorausinadeletras.com.br
e-mail: livraria@usinadeletras.com.br

Victor Villon é historiador e tradutor. É mestre em História Social da Cultura pela PUC-Rio. Atualmente é doutorando no mesmo programa de pós-graduação, onde realiza pesquisa sobre o historiador bizantino Procópio de Cesareia. Seu próximo livro será sobre as relações entre o poeta grego Konstandinos Kavafis e o mundo greco-romano.

ERRATA

Incluem-se na bibliografia:

BASTOS, Elide Rugai: *Gilberto Freyre e o Pensamento Hispânico: entre Dom Quixote e Alonso El Bueno*. Bauru: EDUSC, 2003.

NERY DA FONSECA, Edson: *Em Torno de Gilberto Freyre: ensaios e conferências*. Recife: Editora Massangana, 2007.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia: *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

_____ . e BURKE, Peter: *Repensando os Trópicos: um retrato intelectual de Gilberto Freyre*. São Paulo: Editora da UNESP, 2008.